

# PODEROSA DEMONSTRAÇÃO DE UNIDADE DOS TRABALHADORES DO DISTRITO FEDERAL

## VERDADEIRA APOTEOSE NAS COMEMORAÇÕES DE PRIMEIRO DE MAIO

O amplo Estádio de São Januário foi pequeno para conter a imensa massa humana que ali compareceu, para assistir às festividades comemorativas do Dia Internacional dos Trabalhadores. Embora a parte festiva só tivesse início às 14 horas, desde às 9 horas, grande era o número de pessoas que para lá se dirigia, em virtude da realização, na parte da manhã, do encerramento da I Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal.

Sob a presidência de Ari Campista e com a presença de autoridades federais e dirigentes de Federações e Confederações de trabalhadores, realizou-se a sessão solene de encerramento da I Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal. Foi aprovado por unanimidade o relatório da Convenção, lido pelo secretário Giovanl Romita.

Em nome dos convencionais, falou o líder sindical Benedito Cerqueira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito Federal. Em sua oração ressaltou a unidade da classe operária na defesa das suas reivindicações e para assegurar as conquistas já alcançadas num processo de duras lutas. Disse o dirigente metalúrgico que a mais completa unidade dos trabalhadores vem sendo obtida pela ausência de uma central sindical que lhe dê consistência orgânica. Sob demorados aplausos de centenas de convencionais o orador acrescentou que a diferenciação política partidária existente entre os membros da Convenção, não prejudicou em nada os seus trabalhos e acentuou: «Tentar contra a unidade dos trabalhadores é incorrer num suicídio, porque esta unidade se faz em benefício do Brasil e dos próprios trabalhadores.»

Depois de criticar severamente a burocracia dos órgãos do governo e do parlamento, onde as reivindicações dos trabalhadores são engavetadas, o sr. Benedito Cerqueira indicou a unidade e luta dos trabalhadores como as únicas medidas para a conquista dos seus direitos.

Em seguida falou o Ministro do Trabalho, sr. Parsifal Barroso, em nome do sr. Juscelino Kubitschek. Foram-lhe entregues as Resoluções aprovadas na Convenção, con-

substanciadas numa «CARTA DE REIVINDICAÇÕES DOS TRABALHADORES DO DISTRITO FEDERAL.»

Com todas as dependências do Estádio superlotadas, teve início às 14,30 horas, o desfile dos trabalhadores logo após a chegada do sr. Presidente da República.

Foi sem dúvida uma apoteose. Desfilaram os Sindicatos, conduzindo suas bandeiras e faixas nas quais eram saudados o 1.º de Maio, a Convenção, a unidade dos trabalhadores.

ESTABILIDADE E NÃO DESEMPREGO! LIBERDADE SINDICAL, ABAIXO O 9.070! SALÁRIO IGUAL PARA TRABALHO IGUAL! CONTENÇÃO DO CUSTO DE VIDA! PROTEÇÃO DA INDÚSTRIA NACIONAL! DIREITO DE GREVE! FIXAÇÃO DO SALÁRIO PROFISSIONAL! PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS DIREÇÕES DOS INSTITUTOS! — eram algumas das palavras-de-ordem que se liam nas faixas conduzidas pelos trabalhadores.

Uma delas se destacava das demais: OS OPERÁRIOS DA CONFIANÇA EXIGEM DO GOVERNO PROVIDÊNCIAS CONTRA O ATRASO NO PAGAMENTO DOS SALÁRIOS E RESPEITO AS LEIS TRABALHISTAS! Eram, mais uma vez, os combativos tecelões da Fábrica Confiança, que durante dois meses lutaram contra a ameaça de fechamento da empresa e contra a dispensa em massa, sem qualquer indenização, e agora cobravam do governo do Sr. Juscelino Kubitschek o compromisso por este assumido.

O 1.º de Maio na Capital da República constituiu exuberante demonstração de uma classe operária cada dia mais consciente do seu papel histórico.

## PELA VOLTA IMEDIATA DO BATALHÃO SUEZ

(LEIA NA TERCEIRA PÁGINA)

# VZ OPERÁRIA

N.º 418 ★ RIO DE JANEIRO ★ 4 DE MAIO DE 1957



Desfilam os sindicatos no estádio superlotado

O 1.º DE MAIO deste ano transcorreu em meio a uma série de vigorosos movimentos operários. Ao afluírem para os festejos e concentrações tradicionais, os trabalhadores vinham de grandes assembléias sindicais onde haviam forjado novos elos de sua unidade e levantado a bandeira da greve. Para os trabalhadores de carris do Rio, os marítimos e ferroviários de todo o país, os têxteis em luta contra o desemprego, os ferroviários da Paulista e muitos outros setores profissionais, este 1.º de Maio foi um dia de luta e não apenas de festa. Realizada num clima de grande combatividade, a Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal expressou num plano mais alto a unidade dos operários cariocas em luta por suas reivindicações.

Já passou o tempo em que o 1.º de Maio era uma data da propaganda oficial, aproveitada para o jôgo político dos que se apresentavam como tutores dos operários. O sr. Juscelino Kubitschek deve ter sentido isto, ao ouvir os oradores operários falarem alto e claro, formulando exigências e apresentando reivindicações, proclamando a vontade de luta e a posição independente dos trabalhadores.

A FIM de atrair o apoio dos operários durante a campanha eleitoral, os candidatos Juscelino Kubitschek e João Goulart comprometeram-se a atender suas reivindicações, a conter

## O GOVERNO E O MOVIMENTO OPERÁRIO

a alta do custo da vida, a elevar os salários, a garantir e ampliar os direitos contidos na legislação trabalhista. E que fizeram os governantes dos seus compromissos, em mais um ano de governo? Os trabalhadores não viram ainda na prática as medidas efetivas que exigiam para melhorar sua situação angustiosa. As promessas não foram convertidas em atos.

SOB FORTE pressão de massas e ante a ameaça de uma greve geral, o governo concedeu no ano passado um aumento do salário-mínimo. Mas este acréscimo já vai sendo anulado praticamente pela alta dos preços. Segundo os dados oficiais, o custo da vida aumentou mais de 20% em 1956 e, no primeiro trimestre de 1957, elevou-se de 13% em comparação com a média do ano passado. O aumento nominal dos salários é anulado porque o governo estimula a inflação que enriquece uma minoria de privilegiados à custa da miséria crescente das massas.

Os sindicatos vêm funcionando até agora com relativa liberdade, mas continuam a registrar-se violências policiais. Nada faz o governo para revogar o odioso decreto antigreva 9.970, pois o Estado dos latifundiários e gran-

des capitalistas procura ter sempre à mão armas para sufocar o movimento operário, em momento propício. As organizações sindicais ainda são vítimas da indesejável interferência da obsoleta burocracia do Ministério do Trabalho, para usar a expressão de um trabalhador no discurso que proferiu no Catete, em 31 de janeiro.

RECAEM sobre as costas dos operários as dificuldades de nosso parque industrial, como ocorre na indústria de tecidos e de calçados, onde os trabalhadores são dispensados e os salários reduzidos, sem que o governo adote qualquer medida para solucionar tão grave problema. O Fundo Sindical, em lugar de ser aplicado em benefício dos operários, é um foco de politicagem, corrupção e empreguismo. Movimentando enormes somas provenientes das contribuições dos empregados e dos patrões, os Institutos de Previdência Social malbaratam esse dinheiro em negociatas e despesas supérfluas, enquanto o governo não permite que os operários participem do controle de sua administração.

ASSIM, apesar das declarações demagógicas do governo, que procura aparecer como amigo dos operários, sua atitude em face dos problemas específicos dos trabalhadores não pode ser dissociada da linha geral que vem seguindo, cuja expressão mais clara é a entrega de Fernando de Noronha aos imperialistas americanos. A política realizada pelo governo, que defende essencialmente os interesses dos latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo ianque, é incompatível com os interesses das massas trabalhadoras. Por mais malabarismos que faça, o sr. Juscelino Kubitschek não pode servir ao mesmo tempo aos trabalhadores e aos inimigos jurados dos trabalhadores.

COMPREENDENDO esta verdade simples é que os operários se lançam à luta com vigor, apresentando novas exigências ao governo e aos patrões, fortalecendo suas organizações e estruturando sua unidade em nível mais alto. Ao lutar para que o governo tome medidas efetivas de acordo com os interesses dos trabalhadores, a classe operária dá importante contribuição à luta para derrotar a política entreguista e antidemocrática pela qual entregou o governo do sr. Juscelino Kubitschek. Nesta luta, o movimento operário se tempera como força independente e revolucionária, capaz de desempenhar papel cada vez mais decisivo na vida do país.

# LUTAM OS POVOS DA AMERICA LATINA

**Verifica-se** presentemente em toda a América Latina uma intensificação da ofensiva das forças reacionárias, dirigidas pelo imperialismo norte-americano, visando liquidar com as liberdades em todo o movimento democrático, e quebrar a resistência oposta pelas massas populares ao enquadramento de nossos países no dispositivo militar agressivo dos Estados Unidos. Simultaneamente, assistimos em várias das repúblicas latino-americanas ao desenvolvimento da unidade das forças populares e patrióticas em defesa das liberdades, da soberania nacional, da paz, e de melhores condições de vida para o povo.

## CHILE

No Chile, após a repressão violenta às manifestações populares contra a carestia, coroada com a concessão de poderes de emergência ao presidente, verificou-se o pedido coletivo de demissão do Ministério, como protesto contra a prisão de quatro advogados, ordenada pessoalmente por Ibañez. Esses advogados haviam denunciado, apresentando provas irrefutáveis, que, aproveitando a confusão durante os dez dias de protestos populares, o chefe do poder executivo armara bandos de provocadores, que depredaram as oficinas da editora «Horizontes», do Partido Comunista, e cometeram outros atos de vandalismo. A unidade das forças as liberdades atingiu nível tão elevado que Ibañez, depois da renúncia de seus ministros, foi forçado a desistir dos poderes de emergência e a cancelar o estado de sítio.

## BOLÍVIA

Na Bolívia o presidente Hernán Siles Suazo, cuja política de crescente capitulação ao imperialismo norte-americano vem provocando enorme descontentamento popular, chegou ao extremo de pedir ao almirante brasileiro Pena Boto, na qualidade de presidente do «Congresso anticomunista» de Lima, a realização de uma «investigação sobre a infiltração comunista no país». A indignação contra esse ato atingiu o próprio setor estudantil universitário do partido do governo, o «Movimento Nacional Revolucionário». O movimento estudantil pediu ao governo que expulsasse da Bolívia a «comissão de investigação», cujos membros continuam no entanto a chegar ao país. Os estudantes «denunciam perante a consciência dos trabalhadores e homens da livre América a intromissão oficiosa desse grupo, que representa uma forma de intervencionismo em problemas que se relacionam unicamente com os bolivianos». O comitê político do MNR desautorou o pronunciamento dos estudantes, mas os últimos telegramas revelam que o sr. Siles Suazo ameaça renunciar, «desgostoso com as críticas feitas em um congresso de mineiros à sua política monetária». O policiamento de La Paz foi reforçado, a pretexto de boatos de «caçatões comunistas» no dia do Trabalho.

## CUBA

As notícias de Cuba revelam uma repressão violenta ao movimento democrático, indo até ao enforcamento de líderes estudantis. O ditador Batista não conseguiu no en-

## INTENSIFICADA A OFENSIVA IMPERIALISTA

tanto até agora dominar o levante armado iniciado por um pequeno grupo de exilados, que voltou ao país sob o comando de Fidel Castro. Cuba tem sido teatro, nos últimos meses de lutas populares intensas, dentre as quais atingiram nível elevado as lutas dos trabalhadores açucareiros por melhores salários, e as corajosas demonstrações de estudantes, repetidamente afogadas em sangue. Paralelamente a essas lutas, desenvolveu-se no país um movimento pela obtenção de novos mercados para o açúcar, cuja crise de superprodução provoca um desemprego em massa crônico. Esse movimento levou Batista, apesar de sua política antipopular e de sub-

missão ao imperialismo norte-americano, a realizar no ano findo com a URSS algumas transações de venda de açúcar.

## COLÔMBIA

A Colômbia vem sendo governada por um dos mais sanguinários tiranos da América Latina, o ditador Rojas Pinilla, responsável pela bárbara repressão do movimento camponês da região de Tolima, que no entanto não logrou sufocar. Pinilla manteve nos últimos anos uma singular «assembleia constituinte», cujos membros eram todos nomeados por ele, e seus partidários. Recentemente, numa

tentativa de abrandar a resistência oposta por grupos políticos que desejam a volta a um regime constitucional, o ditador dissolveu aquela assembleia, e nomeou uma nova, atendendo a algumas indicações de nomes feitas pelos antigos partidos. Pinilla pretende agora fazer-se «elegido» presidente da República por essa assembleia, para o período 1958-1962, depois do qual haveria então «eleições livres e puras». A nova «assembleia constituinte» deveria além disso aprovar várias medidas reacionárias e clericais, dando-lhes aparência legal.

## OFENSIVA IMPERIALISTA EM TODA A AMÉRICA LATINA

É essa a situação em quatro repúblicas irmãs. Se so-

marmos a essas informações recentes acontecidas na Argentina e no Paraguai e o panorama brasileiro a cessão da base de Itaipu de Noronha, os atos de liberdades democráticas e a política entreguista tipológica à qual se enabertamente o governo tschek, teremos o quadro presente investido do realismo norte-americano América Latina. A reação das projetadas «rências de defesa» do Atlântico Sul, do Pacífico, e Antilhas, será evidentemente acompanhada de um estado de intensificação ainda dessa investida. Cresce entanto a resistência dos povos latino-americanos, defendendo sua liberdade soberania nacional, dignidade e indispensável contributo à causa da mundial.

# As Violências Contra o Povo Argentino

## APÊLO A CLASSE OPERÁRIA E AO POVO BRASILEIRO

*Tendo em vista sua grande importância e significado, transcrevemos a seguir o texto de uma carta-circular dirigida aos Partidos Comunistas irmãos por Gerónimo Arnedo Alvarez, secretário-geral do Partido Comunista Argentino:*

*«Buenos Aires, 13 de abril de 1957  
Aos Partidos Comunistas Irmãos.*

*Queridos camaradas!*

*Fazemos conhecer ao povo de vosso país, à sua classe operária, as vandálicas violências cometidas contra a classe operária, contra o povo e contra o Partido Comunista Argentino, perpetradas em nossa pátria durante a noite de 12 de corrente. Foram assaltados, em horas avançadas da noite, o Comitê Central do Partido e todas as sedes partidárias localizadas na Capital Federal e em outras regiões do país, foram assaltadas centenas de casas e detidos centenas de*

*patriotas argentinos, operários, intelectuais, mulheres e jovens, cometendo-se verdadeiras selvagerias, destruindo portas, móveis e tudo o que foi encontrado no caminho sem respeitar nem as mulheres nem os velhos, batendo humilhando até em mulheres e crianças, como nas piores épocas do fascismo.*

*Para afronta a nossa dignidade nacional, o grande poeta latino-americano Pablo Neruda, que se achava em visita ao nosso país, foi também detido, em casa do conhecido vogado argentino Rodolfo Arvez Alfaro, justamente quando foi transferido para a Penitenciária Nacional. Apesar de enfermado e guardando o leito, o grande poeta chileno foi carregado em uma maca e nestas condições transportado a prisão.*

*Rodolfo Ghioldi, Orestes Ghioldi, membros do Comitê Executivo e do Comitê Central do Partido, foram detidos em seus domicílios. Figuras eminentes da política nacional, as detenções provocam indignação em todos os setores da população.*

*Juntamente com eles foram detidas também eminentes personalidades da vida política e social de nosso país.*

*Este golpe da reação, que é a culminação de outros anteriores, tem o propósito de interromper as grandes lutas que estão desenvolvendo a classe operária e o povo em defesa de suas reivindicações, contra a carestia de vida — que alcança proporções tais que tornam angustiosa a situação dos argentinos —, em defesa de seus direitos e liberdades e em defesa da soberania nacional.*

*Tentam com essas violências esconder as conseqüências da política econômica do governo, que vai à falência, desmoronando a crise sobre as costas das massas trabalhadoras da cidade e do campo, justamente no momento em que essas massas passam a uma resistência ativa aos planos governamentais, e desenvolvem lutas sobre lutas, que adquirem por sua envergadura, organização e consciência política níveis muito poucas vezes alcançados em nosso país. A grande luta dos trabalhadores municipais, unânime, apesar da brutal repressão, a dos operários de usinas de açúcar, a dos ferroviários, a dos operários de frigoríficos, etc., mobilizam centenas de milhares de trabalhadores. A unidade da classe operária se reforça nessas lutas, e conta com a solidariedade dos milhares de setores políticos e sindicais do país. A criação do Comitê Intersindical na Capital Federal e suas principais regiões do país, dos quais participam dezenas e dezenas de sindicatos de indústrias fundamentais, é um fato novo nas lutas operárias, nos últimos tempos.*

*É nestas circunstâncias que o governo desferiu golpes vandálicos, que se unem à repressão com que se quer enfrentar as cidades grandes greves, e que se exprime em decretos de mobilização militar dos trabalhadores em luta, encarceramento de centenas de operários nos quartéis militares. Por tudo isso ressalta, do modo mais evidente, a falta que representa convocar, nesse clima, eleições para a futura assembleia constituinte.*

*Toda essa política do governo é dirigida e orientada para os febrís preparativos com que o imperialismo norte-americano trata de preparar a guerra atômica, e que encontra resistência em todos os povos do mundo, com os países socialistas e a União Soviética à frente, resistência de que participa todo o ardor o povo argentino.*

*Por isso é cada vez mais unânime em nossa Pátria a palavra de ordem: — ABAIXO O ATUAL GOVERNO MILITAR, QUE FRACASSOU E QUER REALIZAR A ENTREGA DA NAÇÃO. — UNIDADE DE TODAS AS FORÇAS PROGRESSISTAS E DEMOCRÁTICAS QUE QUEREM A INDEPENDÊNCIA NACIONAL E A PAZ. — POR UM GOVERNO DE AMPLA COALIZAO DEMOCRÁTICA A SERVIÇO DOS INTERESSES DO POVO E DA NAÇÃO!*

*Ante as violências, apelamos para a classe operária e o povo de vosso país, para que exprimam seu repúdio às mesmas e sua solidariedade com as grandes lutas que a classe operária e o povo argentino desenvolvem em sua batalha por paz, liberdade, soberania nacional e paz.*

*Saudações fraternais.*

*« — G. ARNEADO ALVAREZ — Secretário-geral.»*



# Urgem os Primeiros Passos Para o Desarmamento

**Agravou-se seriamente a situação no Oriente Médio.** O rei Hussein, colocando-se ao serviço do imperialismo, e apoiado nas tropas do Iraque, membro do Pacto de Bagdá, decretou a lei marcial e iniciou uma perseguição sistemática a todos os elementos democráticos e patrióticos do país, a começar pelo ex-primeiro-ministro Nabulsi. A intervenção americana, em aplicação da Doutrina Eisenhower, tornou-se ainda mais clara com o deslocamento da Sexta Esquadra para o Oriente Médio, compreendendo inclusive o gigantesco porta-aviões «Forrestal», a maior unidade da marinha de guerra dos Estados Unidos. Notícias provenientes de Washington admitem mesmo que essa força naval dispõe de armas atômicas. Em face dos acontecimentos, o presidente da Síria dirigiu-se de avião para o Cairo, a fim de entender-se com Nasser. O jornal soviético «Pravda» denuncia que o movimento da Sexta Esquadra norte-americana significa uma ameaça de ocupação militar do Oriente Médio, e que já se prepara um desembarque de fuzileiros navais. A tática das intrigas de palácio, das atividades subversivas e dos golpes antidemocráticos, empregada até agora pelo imperialismo norte-americano, pode seguir-se, a qualquer instante, o emprego aberto da força armada, cujas conseqüências seriam imprevisíveis.

A intervenção norte-americana no Oriente Médio é mais uma desesperada tentativa do imperialismo de barrar o crescimento impetuoso das forças da paz e do socialismo, e o processo de desagregação do sistema colonial. Assume assim importância ainda mais aguda a tarefa urgente de dar os primeiros passos no caminho do desarmamento e da liquidação da política de blocos militares, única forma de conduzir a situação internacional a um novo alívio.

Existem todas as possibilidades para a realização desses primeiros acordos, talvez mesmo no decurso da presente reunião da subcomissão de desarmamento da ONU em Londres. A amplitude excepcional alcançada nos últimos dias pelo movimento mundial contra as experiências de bombas nucleares veio revelar o elevado grau de unidade de ação já atingido pelas forças pacíficas as mais diversas.

Tiveram enorme repercussão, inclusive na França, apesar da proibição oficial de sua difusão, as declarações do professor Frederico Joliot-Curie, presidente do Conselho Mundial da Paz, sobre os perigos do «estrônio 90», elemento radioativo produzido nas explosões nucleares, e que cai lentamente sobre a terra, podendo vir a provocar na espécie humana o câncer dos ossos, se estas experiências não forem imediatamente suspensas.

Inspirando-se nessas declarações, e em estudos como os da Associação dos Sábios Atômicos Britânicos, o Birô do Conselho Mundial da Paz, em sua recente reunião de Berlim, lançou uma campanha mundial pela cessação imediata das experiências nucleares, mesmo que sob a forma de trégua provisória, até que se cheguem a acordos definitivos.

Ao apelo do Birô do Conselho Mundial da Paz, seguiu-se o espetacular pronunciamento dos dezoito cientistas atômicos da Alemanha Ocidental, encabeçados por figuras como Otto Hahn, von Laue, Heisenberg, e tantos outros prêmios Nobel. A recusa pública desses sábios de serem a colaborar no armamento atômico da Alemanha levou o chanceler Adenauer a um importante recuo em relação às suas declarações anteriores sobre a necessidade de dotar o novo exército da República Federal com armas nucleares e foguetes teleguiados.

Poucos dias depois, o mundo inteiro emocionou-se com o vibrante apelo de Schweitzer, prêmio Nobel da Paz, irradiado em numerosas línguas pelas principais cadeias emissoras de mais de cinquenta países. Conhecido como grande músico, sábio, filósofo e filantropo, a palavra de Schweitzer repercutiu inclusive nos Estados Unidos, o que levou os círculos belicistas norte-americanos a mobilizarem o Dr. Libby, da Comissão de Energia Atômica, numa tentativa grotesca de negar os perigos denunciados por todos os cientistas atômicos.

Essa série de pronunciamentos foi completada pela declaração do Papa Pio XII, atendendo ao pedido do enviado especial japonês Masatoshi Matsuhita, que percorreu os governos da Europa para obter a suspensão imediata das experiências nucleares.

A pressão da opinião pública cresce assim de tal maneira que as próprias autoridades governamentais norte-americanas, apesar da recente resolução em contrário na Conferência das Bermudas, já admitem como possível a idéia dessa suspensão. Está assim à vista uma primeira vitória dos povos no caminho do desarmamento. Cumpra aos partidários da paz em todo o mundo intensificar esforços por todas as formas, para que esta oportunidade não seja perdida e para fazer com que a esse primeiro passo se sigam outros, cada vez maiores, derrotando a guerra-fria e a perigosa contra-ofensiva com que o imperialismo tenta há alguns meses impelir a marcha da situação internacional para o desafogo e o progresso.

# LEVANTA-SE EM TODA PARTE O PROTESTO DO POVO

**Em expressiva solenidade na Câmara Municipal de Niterói pronuncia incisivo discurso o vice-governador do Estado do Rio — Manifestação pública, solenidade e comício no Distrito Federal — Patriótico pronunciamento unânime da Câmara Municipal de Itabuna — Concentração popular na capital paulista**

Em vários pontos do país mobilizaram-se os democratas e patriotas de todos os partidos e opiniões, de todas as classes e camadas sociais, em defesa da soberania nacional e contra a entrega de Fernando de Noronha aos militaristas norte-americanos. Respondendo ao apelo da Comissão Nacional Contra o Ajuste de Fernando de Noronha e nosso povo, em toda parte, comemorou a semana de Tiradentes prestando ao mártir de nossa independência a melhor das homenagens ao manifestar a sua inabalável disposição de derrotar a política entreguista de governo Kubitschek e anular o vergenhoso ajuste sobre Fernando de Noronha.

## Em Niterói, Expressiva Solenidade na Câmara Municipal

O povo da capital fluminense superlotou o edifício da Câmara Municipal e se espalhou pelas ruas adjacentes por ocasião da solenidade de homenagem a Tiradentes, que se realizou no dia 25 de abril último, presidida pelo

vereador Helvecio Monassa, presidente da Câmara. Estiveram presentes o representante do Governador Miguel Couto Filho, o Vice-Governador Roberto Silveira, monsenhor Uchôa representando o bispo de Niterói, o representante do prefeito do Distrito Federal, o deputado Eusebio Lima, vice-presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio, os deputados federais Aarão Steinbruck, Celso Peçanha, Leonidas Cardoso e Jonas Baiense, os deputados estaduais José Bernardo, Irineu de Souza, e Geraldo Reis e o vice-prefeito de Niterói Wilson Pereira de Oliveira. Em nome da Câmara, falou o vereador Silvio Picanço. Enthusiásticos aplausos apoiaram as palavras do Vice-Governador do Estado, sr. Roberto Silveira, quando condenou com veemência, como atentatória da soberania nacional, a entrega da Ilha de Fernando de Noronha para base de projéteis atômicos dos Estados Unidos. Também os deputados Aarão Steinbruck, Jonas Baiense, Leonidas Cardoso, Celso Peçanha, Irineu de Souza, assim como o Vice-Prefeito Wilson de Oliveira, denunciam com energia os vários

aspectos antinacionais de inaceitável ajuste. A palavra dos oradores era levada através de alto-falantes, ao povo que não conseguira lugar no edifício da Câmara. Por aclamação, foi aprovada a proposta de criação da Comissão Estadual Contra a Entrega de Fernando de Noronha.

## Comício e Atos Públicos no Distrito Federal

Em frente à Câmara dos Deputados teve lugar, ao pé da estátua de Tiradentes, expressiva homenagem ao deputado Selxas Dória e demais signatários da Resolução que criou a Comissão de Inquérito Sobre Política Exterior. Compareceram senadores, deputados, vereadores, líderes universitários e sindicais. Usaram da palavra, assinalando a importância dessa Comissão de Inquérito e o apoio crescente que vem tendo do povo brasileiro, o acadêmico Hilton Chaves, os deputados Aarão Steinbruck, Aureo de Mello e Leonidas Cardoso e o presidente da

União Nacional dos Estudantes. Agradecendo à homenagem falou o deputado Selxas Dória que afirmou estar convicto de que a Comissão, com o apoio de todos os brasileiros, há de ser poderoso instrumento de defesa da soberania da pátria e importante fator na elaboração de uma política exterior independente.

## No Sindicato dos Jornalistas Profissionais

Na sala de assembleias do Sindicato dos Jornalistas teve lugar brilhante solenidade de homenagem a Tiradentes, presentes as figuras mais representativas entre os profissionais da imprensa da capital da República. Foram oradores o escritor e jornalista Marcelo Coimbra Tavares e o Senador Domingos Velasco. Depois de apreciar o desperdício dos povos da Ásia e da África, a Conferência de Bandung e suas consequências na arena internacional e o magnífico esforço do povo chinês na construção de seu Estado socialista, o senador Velasco examinou os vários aspectos de nossa política exterior e as exigências nacionais de uma completa revisão da mesma no sentido da afirmação de nossa independência nacional.

## Vibrante Comício em Jacarepaguá

Cerca de duas mil pessoas aplaudiram calorosamente os parlamentares e personalidades que falaram ao povo do bairro de Jacarepaguá, domingo último, na Praça Sêca. Antecedeu ao Comício um animado «show» que contou com o patriótico apoio de diversos artistas de nossas emissoras, tendo sido particularmente aplaudido o conjunto «Cangaceiros». Entre outros oradores usaram da palavra, condenando a vergo-

nhosa entrega de parcela de nosso território a uma potência estrangeira, o Coronel Salvador Correia de Sá e Benevides, o deputado Frota Moreira e o vereador Miguel Batista, da capital pernambucana. Os oradores não somente denunciavam ao povo todos os perigos a que está exposta a nossa pátria, em consequência do criminoso «ajuste» de entrega de Fernando de Noronha, como mostraram a necessidade de um maior esforço dos trabalhadores, das mães de família, das noivas, de nossa mocidade estudantil e trabalhadora, do povo em geral, para tornar vitoriosa a campanha nacional pela revogação daquele ato de capitulação do governo Kubitschek. Ao encerrar o comício, o Coronel Sá e Benevides dirigiu aos presentes veemente apelo para que se organizassem em grandes comissões a fim de colher assinaturas em moções contra o lesivo «ajuste», as quais deverão ser entregues em comissão, ao Congresso Nacional e também, ao Congresso dos Municípios que reúne atualmente, na capital da República, mais de dois mil prefeitos e vereadores de quase todos os municípios brasileiros.

## Apoio da Câmara Municipal de Itabuna

Importante e patriótica posição adotou a Câmara Municipal de Itabuna ao votar, por unanimidade, após caloroso debate, moção de apoio à Comissão Parlamentar de Inquérito, criada na Câmara para examinar a política exterior e os acordos lesivos aos interesses nacionais. O debate foi iniciado pelo vereador Naomar Monteiro, ex-presidente da Câmara, que leu o Manifesto da Comissão Nacional Contra o Ajuste de Fernando de Noronha. Sucederam-se na tribuna os vereadores José Joaquim do Rosário, Gumerindo Sá e

Raimundo Lima, tendo este último apresentado um adendo à moção, no sentido de que fosse a mesma enviada à Comissão Parlamentar de Inquérito. O pronunciamento unânime da Câmara de Itabuna, que representa o povo laborioso de um dos mais importantes municípios, não só da Bahia, mas do interior brasileiro, constitui exemplo magnífico a todas as câmaras municipais de nosso país que, por expressarem os sentimentos de seus representantes, têm sido sempre importantes baluartes de todos os movimentos patrióticos do povo brasileiro.

## Concentração Popular em São Paulo

O povo paulista está convocado para uma grande concentração patriótica na Praça Roosevelt, no próximo dia 3 de maio, por uma Comissão que reúne os deputados Frota Moreira, Dagoberto Salles, Campos Vergal, José Miraglia, Leonidas Cardoso, Ariel Tomasin, Salvador Romano e Benedicto Salles, com o seguinte programa: 1) Homenagem a Tiradentes; 2) Defesa de Fernando de Noronha; 3) Apoio à Petrobrás e às diretrizes do Conselho de Segurança Nacional na questão dos minérios atômicos; 4) Defesa da indústria nacional. Em todos os bairros da capital paulista estão em desenvolvimento os trabalhos de propaganda e de preparação dessa grande manifestação patriótica do povo paulista.

# FRENTE DE RENOVAÇÃO NACIONAL

## A NOVA AVENTURA GOLPISTA DO GENERAL TAVORA

Isso podia ser mais oportuno e momento escolhido pelo sr. Juarez Távora, candidato fracassado à Presidência da República, para lançar a sua nova agitação golpista — a chamada Frente de Renovação Nacional — mascarada de «movimento ético partidário»...

O governo do sr. Juscelino Kubitschek, atolado numa política entreguista e antidemocrática, enfrenta uma oposição crescente de amplos setores da opinião pública. Preços de contradições, os partidos e blocos políticos das classes dominantes cindem-se em alas. O próprio «Jornal do Comércio» reconhece, meio alarmado: «Vemos um momento de crise de prestígio para as elites dirigentes, que perderam gradualmente toda ascendência sobre as massas, e se é verdade que ainda se mantêm, sobretudo nas zonas rurais, o sistema francamente declinante das clientelas, nas cidades, os pronunciamentos eleitorais vêm tomando o caráter desconcertante de uma rebelião contra os partidos».

...E neste preciso momento que surge a Frente de Renovação, tentativa do antigo caudilho tenentista para polarizar as forças das «elites dirigentes» contra o avanço irresistível do movimento popular e patriótico.

Mas, polarizar em torno de que? O Manifesto lançado pelo general Távora se caracteriza por um amontoado de generalidades e fórmulas vazias. É visível a intenção de fugir à apresentação de problemas concretos, e isto se justifica pelo próprio objetivo «partidário» do movimento. Em face dos problemas concretos, que afetam os interesses materiais dos diferentes grupos, é que se dividem e subdividem as fac-



posições políticas das classes dominantes.

Isto não quer dizer, porém, que o programa político de Juarez seja despojado de qualquer conteúdo. O caráter antidemocrático e entreguista de suas idéias impregna todo o documento.

Quando o golpista de 24 de agosto e 11 de novembro diz que pretende «renovar a democracia», fica evidente o seu intento de repetir as investidas para implantar em nosso país uma ditadura militar-fascista.

Ao pregar um «regime representativo fundado na veracidade eleitoral», o que in sinu são modificações reacionárias no sistema eleitoral para impedir que as eleições expressem a vontade das grandes massas. Por isso se refere expressamente ao «sufrágio universal com a restrição única da alfabetização», excluindo de sua democracia renovada grande número de cidadãos.

Depois de repisar alguns clichês demagógicos sobre «justiça social» e «efetiva

participação do trabalho nos resultados econômicos de empresa», revela sua verdadeira face de inimigo da classe operária quando fala em «renovar o sindicalismo brasileiro», eufemismo destinado a encobrir seu velho plano de liquidar as conquistas sociais dos trabalhadores.

Não tendo coragem para declarar-se abertamente entreguista, porque isto o incompatibilizaria de imediato com amplos setores da pequena-burguesia e da burguesia, o conhecido defensor dos trustes do petróleo preconiza um «nacionalismo racional». Mas não tem nenhuma palavra para condenar as ameaças concretas que pairam sobre a soberania de nossa pátria, como a entrega de Fernando de Noronha aos imperialistas americanos, a campanha dos trustes contra a Petrobrás, etc.

Não seria possível lançar uma plataforma para a «união sagrada» das forças reacionárias e ligadas ao imperialismo, sem levantar a palavra-de-ordem do anti-comunismo. Juarez, ao apresentar o Manifesto, tentou alarmar o auditório com o perigo de implantação de uma ditadura comunista. E deixou claro que a razão de ser de sua Frente é a luta anticomunista, formando assim ao lado dos cruzados do «impenitente Pena Boto»

seu tom messiânico, do salvar o Brasil por causa dos partidos e das classes, pelo jargão bombástico e confuso, que visa a ocultar o fundo reacionário das idéias, é indistigível a semelhança entre a pregação de Juarez e os movimentos fascistas.

Não falta nem mesmo um caudilho, caricato e temperamental, que pretende impor suas verdades salvadoras com socos na mesa.

# Pela Volta Imediata Do Batalhão Suez

A sexta esquadra norte-americana foi enviada para o Oriente Médio numa demonstração do significado prático da chamada doutrina Eisenhower. Já não pode haver qualquer dúvida quanto à origem da crise política na Jordânia, transformada em foco de conflito iminente após a derrubada do governo Nabulsi, que conduzia uma política de independência nacional com apoio das massas populares. Desde que o Congresso americano autorizou o presidente Eisenhower a empregar a força naquela região, a pretensão de defender os países árabes de quaisquer ataques de origem comunista, sucederam-se as provocações e os golpes contra o movimento de independência dos povos árabes.

A situação, que já era tensa, tornou-se ainda mais grave com a tomada de posição da esquadra americana e os preparativos bélicos do Exército de Israel. O Ministério do Exterior da União Soviética acaba de publicar energética denúncia dos graves perigos decorrentes da intervenção inane, que tem por fim impor novamente aos países árabes o jugo da opressão colonial.

Ante tais fatos e tais perigos impõe-se a volta imediata do Batalhão Suez. Nossos pracinhas, que foram enviados como se fossem cumprir missão de paz, de defesa da soberania egípcia, estão na iminência de serem arrastados a uma guerra colonialista, preparada e provocada pelos senhores do dólar. Nossos soldados, que se inscreveram como voluntários nos termos da autorização do Congresso — de que a tropa brasileira não participaria de qualquer ação armada — estão no ponto mais perigoso daquela conturbada região, em pleno centro das possíveis operações.

Como afirmou a Resolução do Comitê Central do P.C.B., impõe-se ao povo brasileiro

organizar a luta pelo regresso ao país dos soldados brasileiros enviados ao Egito. Sua estada no Oriente Médio, em consequência da política agressiva e colonizadora dos Estados Unidos, aumenta dia a dia o risco de envolvimento do Brasil numa guerra injusta contra o movimento de libertação dos povos árabes e prejudicial aos interesses de nosso povo.

Os governos da Jugoslávia, Noruega, Canadá e Dinamarca já resolveram retirar suas tropas em caso de qualquer conflito. Em declarações recentes, o sr. Macedo Soares afirmou que o governo determinaria a volta imediata dos pracinhas em caso de guerra. Tais declarações, que refletem a pressão da opinião pública, não foram entretanto confirmados pelos fatos. Precisamente quando se acumulam os sinais de conflito, quando mais sérios são os riscos, o governo autoriza a abertura de voluntariado para substituição dos convocados cujo prazo termina a 31 de julho próximo.

O sangue de nossa juventude não servirá às aventuras colonialistas do Departamento de Estado norte-americano. Enganou-se o sr. Foster Dulles quando afirmou recentemente: «Se os Estados Unidos forem à guerra os latino-americanos também irão». Reeditaremos as campanhas magníficas de solidariedade ao povo coreano e mostraremos a Dulles que, mais do que nunca, está o povo brasileiro disposto a impedir que a nossa mocidade sirva de capanga aos multimilionários e loucos atômicos norte-americanos.

Não somente devem os nossos jovens ser alertados ante a recente convocação de novos voluntários, como em toda parte deve ser esclarecida a opinião pública e mobilizado o povo para exigir a volta imediata do Batalhão Suez.

# Hegemonia do Proletariado ou da Burguesia E o Problema do Desenvolvimento Pacífico

ALBANO SOARES

O XX Congresso do PCUS, ao levantar a tese de Marx e Lênin da possibilidade de um caminho pacífico de desenvolvimento da revolução socialista em diferentes países, levou a que surgissem no movimento comunista brasileiro tendências a encará-la como aplicável à revolução brasileira.

Encarar essa tese como justa para todos os países, na situação atual, ou para o Brasil, sem levar em conta as condições subjetivas e objetivas, é cair em posição nacional-reformista, já apontada por Lênin ao criticar o renegado Kautsky.

Sabemos que uma das condições fundamentais para dar curso à revolução socialista por um caminho pacífico, é a conquista pelo proletariado da direção e da hegemonia no movimento democrático de libertação nacional, e estas só serão conquistadas pelo proletariado que tiver um determinado grau de organização, capacidade de luta, experiência acumulada interna e externa, uma justa solução do problema dos aliados, tendo por base a aliança operário-camponesa e a existência de um forte Partido marxista-leninista.

Estas são as condições para que seja possível ao proletariado, no processo da revolução democrática de libertação nacional, obrigar a burguesia a aceitar pacificamente as transformações graduais, não só políticas, como econômicas e sociais, para o socialismo.

No entanto, independente disso, existe o fator geográfico — condição objetiva que independe de nossa vontade — que não podemos subestimar.

Mikoyan, em seu discurso ao XX Congresso, demonstrava que Lênin, ao prever a possibilidade de um país passar ao socialismo por meios pacíficos

«... dava a entender que se deve considerar não só a correlação entre as forças de classe num só país isoladamente, mas também a existência do socialismo vitorioso nos países vizinhos.»

Se levarmos isso em conta, chegaremos à conclusão que o proletariado de um país, tendo levado à prática todas as condições subjetivas previstas por Lênin e Stálin, e estando geograficamente aproximado dos países do sistema socialista, particularmente da URSS, poderá dar curso à revolução democrática de libertação nacional para o socialismo por via pacífica, uma vez que a burguesia não tem condições internas e externas — próximas — capazes de conduzi-la a levar à prática uma contra-revolução. Exemplo disso temos na China e nestas condições poderíamos incluir a Índia, o Egito, a Síria, a Indonésia, etc., se a revolução nacional libertadora e a luta pela independência nacional nesses países fosse feita sob a hegemonia do proletariado e não da burguesia.

No Brasil, mesmo que levassemos à prática todas as condições subjetivas previstas por Lênin para a conquista da hegemonia do proletariado, e tendo em conta os fatores favoráveis (existência de um sistema socialista, sentimento de libertação nacional, ódio dos povos da América Latina ao imperialismo americano), não poderíamos, pelo menos nas condições do mundo atual, efetuar a revolução democrática de libertação nacional e marchar para o socialismo por via pacífica, porque estamos na retaguarda do imperialismo americano, o dirigente do campo da guerra, o mais agressivo e predominante na América Latina, e que influirá com seu apoio político, econômico e principalmente militar sobre a burguesia, levando-a a tentar a contra-revolução.

Nas condições atuais do mundo, com o sistema imperialista cada vez mais restrito, e com a ampliação do socialista, cada vez mais amplo, ao imperialismo não resta senão a violência e, hoje, nos parece, mesmo com a hegemonia do proletariado, o curso socialista só será dado à revolução brasileira, vitoriosamente, se contarmos com o integral apoio da poderosa URSS, apoio e solidariedade que teremos, se, conseqüentes até o fim, tivermos como guia a doutrina marxista-leninista. Doutro modo, esse curso seria impossível, pois perderíamos de antemão a solidariedade de todo o sistema socialista, apoio como vemos, absolutamente indispensável.

Exemplo disso temos recentemente na Hungria que renunciando a esses princípios (traição de Imre Nagy), esteve a ponto de retroceder na construção do socialismo para a época do regime semifeudal horthysta. Do mesmo modo não podemos duvidar que a Iugoslávia sob a direção de Tito, com o seu «comunismo nacional», achando que a URSS causou mais prejuízos ao seu país que as provocações imperialistas, venha a se afastar da causa do proletariado, marchando para o capitalismo de estado, para o «socialismo burguês», tendo para isso todo o apoio dos imperialistas.

Sem considerar o que nos aponta o marxismo-leninismo sobre a hegemonia do proletariado e, nas atuais condições, a importância do fator geográfico sobre a revolução brasileira, achar possível o desenvolvimento pacífico da revolução democrática de libertação nacional e desta à socialista, sob a hegemonia da burguesia (JK, Jânio, Jango, etc.), é, sem dúvida, adotar o nacional reformismo, já que os interesses de classe da burguesia a impedem de levá-la conseqüentemente até o fim.

Por compreender que a hegemonia é o fator decisivo para o encaminhamento da revolução democrática de libertação nacional, tendo em vista os seus interesses, é que a burguesia desde já, no processo da revolução, tudo faz para conquistá-la, valendo-se dos elementos de origem pequeno-burguesa, instáveis, dentro do Partido, para influenciá-los com tendências nacional reformistas, antiinternacionalistas, servindo-se deles para dividir o Partido, abrindo uma luta sem princípios contra o nosso Presidium e o PCUS. A burguesia, através desses elementos, procura dar a entender que se processa no Partido uma luta de grupos, um procurando manter-se na direção e outro tentando conquistá-la. Levantam o problema dessa forma a fim de levar os organismos de base do Partido — seus estífeios — à confusão e ao indiferentismo.

Realmente, a luta que se trava é uma luta de um grupo contra o Partido, isto sim. De um lado, o Presidium e o C. C. apoiados (e representando) pela quase totalidade dos membros do Partido e suas organizações, lutando para manter o Partido

fiel aos princípios do marxismo-leninismo, e de outro um grupo que, conciente ou inconcientemente, representando os interesses da burguesia, procura se apoderar da direção do Partido a fim de desviá-lo para posições nacional reformistas, colocando-o a reboque daquela classe.

Citaremos aqui alguns exemplos de como a burguesia procura influenciar o proletariado com sua ideologia para a conquista da hegemonia da revolução brasileira:

1) — participando da frente nacional libertadora contra o imperialismo americano e seus sustentáculos internos, a burguesia nacional procura influenciar o proletariado, alegando que o fundamental na frente única é a sua aliança com a classe operária, levando-o a subestimar a aliança operário-camponesa, que é a base fundamental para que o proletariado conquiste a hegemonia naquela frente.

Neste caso, poderemos citar, como influenciados pela pressão da ideologia burguesa:

a) os que acham possível o caminho pacífico da revolução brasileira até o socialismo, através do capitalismo de estado, por via parlamentar, etc., sob a direção da burguesia. E o caso das antigas direções da VOZ OPERÁRIA e «Imprensa Popular» ao defenderem a criação da Rede Ferroviária Federal S.A. e o monopólio dos transportes no Distrito Federal, cujo primeiro passo seria a Operação Copacabana, etc. com o que ganhavam o apoio da burguesia mas perdiam o das massas;

b) os que colocam como de importância fundamental a aliança do proletariado com as correntes parlamentares nacionalistas e democráticas.

Nesse sentido, discordo do camarada Fernando Lacerda quando levanta a possibilidade de organizar a FDLN através da formação de uma ala de esquerda dentro da Aliança Liberal. Penso que ainda hoje é a opinião de F. Lacerda no que se refere à frente única com a burguesia.

Sabemos que o movimento de 1930 — consequência da crise mundial de 1929 — apesar de contar com o apoio das massas, foi conduzido pelas correntes das classes dominantes, descontentes com a política externa do governo de Washington Luiz pró-imperialismo inglês, colocando-o ao serviço do imperialismo americano. Nessa época, além do Partido não ser uma força expressiva, a formação da Aliança Liberal não tinha sido consequência de um prolongamento da aliança operário-camponesa. Por outro lado, não é com a denominação de «ala de esquerda» na frente única com a burguesia, que criaremos condições para a formação da FDLN. Tenha nome reconhecido ou não, o fato é que em todas as frentes únicas (LDN, eleitorais, minérios, petróleo, libertação, etc) em que o proletariado participa com a burguesia, queiram ou não, é formada uma ala de esquerda. No entanto, a burguesia, quando vê suas reivindicações em parte ou na totalidade resolvidas, vacila, o que permite às forças mais reacionárias golpear a frente única, contando às vezes com o apoio da própria burguesia, sem que se possa passar à ofensiva.

Creio, pois, que não é com a formação de alas de esquerda na frente única com a burguesia, que conseguiremos organizar a FDLN sob a nossa hegemonia, mas, isto sim, quando a frente única for um prolongamento da aliança operário-camponesa, forjada através de idéias, organização e ação.

Se aceita a opinião dos que defendem como fundamental a aliança com a burguesia, ou nela vêem uma saída para a organização da FDLN, seremos levados a subestimar a aliança operário-camponesa, colocando os camponeses sob a influência da burguesia, dando a esta a hegemonia da revolução, criando condições para o caminho capitalista, para a ditadura burguesa. Esse é o exemplo que nos está mostrando o desenvolvimento da revolução nacional libertadora na Índia, no Egito, na Indonésia, etc., que na política externa tomam posições contra o imperialismo, mas internamente reprimem o movimento operário.

O mesmo sucede no Brasil — se bem que ainda não se processou a revolução democrática de libertação nacional, — onde o governo Juscelino, ao realizar algumas transformações burguesas, viola a soberania nacional e reprime o movimento democrático popular.

2) — Procura dificultar e afastar o campesinato de uma aliança com a classe operária quando, demagogicamente, levanta projetos de lei no Parlamento sobre Reforma Agrária, extensão da legislação trabalhista ao campo, bancos para empréstimos agrícolas, etc.

Aqui podemos incluir os que julgam ser possível a concretização da Reforma Agrária e a extensão da legislação trabalhista aos camponeses mediante a simples luta parlamentar. Os que assim pensam estão ajudando a burguesia a ganhar o apoio dos camponeses, a levá-los a imaginar que podem resolver seus problemas através do Parlamento burguês, sem luta, dificultando assim a formação de sua aliança com a classe operária.

Não acreditamos que a burguesia, apesar de interessada na Reforma Agrária, para aumentar o seu mercado interno, seja capaz, neste momento — depois da vitoriosa Revolução de outubro de 1917 — de lutar pela aprovação e aplicação de uma Reforma Agrária (golpe na propriedade privada feudal) que realmente beneficie todos os camponeses, pobres, médios e ricos, uma vez que isto criaria um precedente para futuramente ser golpeada a propriedade privada dos meios de produção (propriedade privada da burguesia).

Por outro lado, a experiência histórica nos mostra que nenhuma reivindicação econômica, política e social (Férias, direito de greve, aumento de salários, direito de associação, liberdade sindical, entrada do Brasil na guerra em 1941, expulsão dos americanos das bases em 1946, etc.) foi aprovada e levada à prática sem luta. Admitimos por isso que, se nos iludirmos com a burguesia e seu Parlamento, sem subestimar ou superestimar seus projetos de lei, ou leis e decretos, o que devemos fazer para que eles sejam apro-

vados e aplicados, ou revogados, é esclarecer, organizar e levar a ações concretas os camponeses, para que, com o apoio do proletariado, levem à prática a conquista de suas reivindicações, independente ou não de sua aprovação pelo Parlamento. Só assim é que a burguesia nacional, dentro ou fora do governo, terá que lutar pela aprovação de projetos e por sua aplicação, e que conseguiremos ganhar os camponeses para a aliança com a classe operária, aceitando a direção desta, levando o proletariado à conquista da hegemonia na revolução brasileira, dando-lhe o curso socialista.

3) — A base da correção de violações de alguns princípios marxistas-leninistas apontadas no XX Congresso do PCUS, aproveita-se a burguesia de alguns elementos de origem pequeno-burguesa dentro do Partido, para levantar uma luta contra o Presidium, as direções do Partido, contra o PCUS, visando enfraquecer internamente o Partido, afastá-lo das massas e tirá-las da sua direção, e externamente no movimento operário mundial dificultar a liderança da URSS — centro de atração do movimento comunista mundial — na luta pela liquidação da exploração imperialista e do homem pelo homem.

Neste caso se incluem aqueles que, concientemente ou não, procuram afastar o Partido das massas e do PCUS, aproveitando o processo autocrítico que estamos procedendo para a correção dos erros provenientes da violação de alguns princípios apontados pelo XX Congresso e pelo Projeto de Resolução do PCB, atacam, tentam desprestigiar, desmoralizar o PCUS e o nosso Presidium. A posição dos companheiros honestos é a de procurar apontar e corrigir os erros no processo de nossa atividade prática, não para enfraquecer e liquidar o Partido, não para destruir direções e dirigentes, mas sim visando fortalecê-lo, unindo-o mais e mais em torno do CC, do Presidium, de Prestes e do PCUS.

Esses companheiros, quando atacam o Presidium e o PCUS, estão concentrando o fogo de seu ataque no coração do nosso Partido, no movimento comunista internacional e no de libertação dos povos coloniais e dependentes, amainando a luta contra a corrente nacional mais reacionária e contra o imperialismo americano. Descambando na prática para o fraçãoismo e do fraçãoismo para a traição, fazem o jogo daquelas forças mais reacionárias, inimigas que procuram enfraquecer o movimento operário nacional e internacional para privá-lo de suas forças, facilitando a tentativa imperialista para liquidar o movimento de libertação nacional, o movimento operário em cada país, dando-lhe condições para deflagrar uma guerra contra a URSS e o sistema socialista, dificultando a marcha de libertação nacional nas colônias e países dependentes, do socialismo nas Democracias Populares e do Comunismo na URSS.

Em síntese, não vemos perspectiva de desenvolvimento pacífico da revolução brasileira e achamos mesmo que é levar ilusão ao Partido e às massas isso nas condições atuais, colocados como estamos na retaguarda do imperialismo americano. O proletariado deve conquistar a hegemonia no processo da revolução, tendo como guia o marxismo-leninismo, e voltando-se seriamente para o campo, cimentar a aliança dos operários e camponeses, considerada como tarefa de fundamental importância para o Partido, sem superestimar ou subestimar a frente com parlamentares e personalidades, úteis, mas incapazes de, por si só, criar o lastro de massas necessário para impôr aquelas modificações que exigem os interesses das massas brasileiras.

Reconheço que ao entrar no debate escolhi dois temas difíceis para minha capacidade, mas que merecem ser debatidos. O objetivo não é outro senão colocar estas opiniões para o debate e apreciação crítica fraternal dos companheiros, a fim de nos esclarecer sobre essas polêmicas questões.

Já está à venda o primeiro volume, da série de três, das OBRAS ESCOLHIDAS de K. Marx e F. Engels, reunindo alguns dos mais importantes trabalhos desses dois fundadores do socialismo científico.

Obra de indiscutível valor para os que desejam possuir melhores conhecimentos da economia política, da filosofia e do materialismo histórico.

Vol. de 480 páginas, impresso em papel Bouffant de 1ª, capa em cartão esmoado duplex — Cr\$ 90,00.

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

POSTAL — PEDIDOS A

R. Juan Pablo Duarte, 50 - Sob.

# BOLETIM DO DEBATE

## Em Defesa do Centralismo Democrático

A crítica crítica ao culto à personalidade de Stálin contida nos materiais do XX Congresso do P.C.U.S. e todo o processo autocrítico de correção das consequências negativas do culto à personalidade realizada pelo P.C.U.S. constituem uma preciosa contribuição para o movimento operário revolucionário mundial.

A luz dos documentos do XX Congresso do P.C.U.S., o Comitê Central do nosso Partido, embora tardiamente, iniciou o exame autocrítico dos erros que cometemos e dos quais se faz um balanço sumário no Projeto de Resolução do C.C. Entre estes erros, quero destacar aqui as infrações, cometidas por nós, do princípio básico da estrutura orgânica de qualquer partido verdadeiramente revolucionário da classe operária: o centralismo democrático.

A violação desse provado princípio de organização leninista teve consequências perniciosas ao desenvolvimento e fortalecimento orgânico, político e ideológico do nosso partido, debilitou as ligações do partido com as massas. Por subestimar o papel das massas e sobrestimar o papel das personalidades no processo do desenvolvimento histórico, não auscultávamos com atenção e modéstia a voz das massas, não estudávamos nem utilizávamos as experiências das lutas das massas e, em consequência, estávamos nos encerrando cada vez mais numa espécie de crosta burocrática que nos isolava das massas.

O principal meio de ligação do partido com as massas são as suas organizações de base. É fundamentalmente através delas que o partido pode sondar o estado de espírito das massas, sentir as suas aspirações e tendências, aprender as suas experiências, verificar a justeza de suas diretrizes e palavras de ordem para as massas, recrutar para as fileiras do partido os melhores filhos da classe operária e do povo. Por tudo isso, a forma de dirigir as O.B. e organismos inferiores por meio de ordens, constatada pelo Projeto de Resolução do C.C., sem ouvir com atenção, sem consultar e sem discutir as opiniões dos militantes e das bases violava a democracia interna, sufocava a autonomia das O.B. e dos organismos inferiores e tolhia grandemente a sua iniciativa criadora.

Essa atitude dos quadros e organismos dirigentes superiores em relação aos militantes de base e às O.B. nada mais é que um reflexo da subestimação do papel das massas.

Esta subestimação, e a superestimação do papel das personalidades levou à prática orgânica, que até hoje é mantida, de desligar das organizações de base os militantes eleitos para os organismos intermediários e superiores. O resultado disso é que os melhores quadros do partido, em número de muitas centenas, não pertencem organicamente a nenhuma O.B., atuam por cima das O.B., dando-lhes diretrizes e tarefas sem ter uma responsabilidade direta na sua execução. Além de acarretar um grande enfraquecimento das O.B., essa prática contribui em larga escala para afastar os quadros dirigentes das massas e, a meu ver, contraria o art. 2 dos nossos Estatutos, que coloca como condição para ser membro do partido, militar em uma de suas organizações. O glorioso P.C.U.S., que há 40 anos dirige o poderoso Estado Soviético, mantém os seus quadros dirigentes em organizações de base.

Não é por acaso que a diretiva de levar o centro de gravidade da atuação política do partido para as organizações de base, adotada pelo C.C., sempre ficou no papel.

Um dos mais sérios obstáculos à correção do erro da subestimação das bases do partido é que a imensa maioria dos dirigentes do nosso partido foram formados a partir de 1945, no período do pleno florescimento do culto à personalidade e sem terem participado da vida de O.B. atuantes politicamente, com autonomia e iniciativa próprias, em virtude da prática errônea a que já nos referimos de desligar imediatamente das O.B. os militantes promovidos aos organismos superiores.

O controle era exercido apenas numa direção: de cima para baixo. O controle de baixo para cima era, de modo geral, hostilizado pelos dirigentes sob vários pretextos.

F. LEIVAS OTEBO

As demais violações da democracia interna constatadas no projeto de resolução, como a deficiência da direção coletiva, a excessiva centralização, a hipertrofia dos secretariados, o burocratismo, o sistema de mandonismo, a arrogância e auto-suficiência dos dirigentes, o relaxamento da disciplina consciente de partido ao nível de disciplina militar também produziam sérios danos ao princípio do centralismo democrático. Não compreendíamos bem que o centralismo democrático no partido é um sistema que une a direção do partido com a ampla massa de membros do partido. (Liu Shao Chi, «On the Party», Pequim, 1950, Pág. 89, informe ao VII Congresso do P.C. da China, realizado em 1945).

«Ele, (centralismo democrático) reflete a relação entre a direção e os membros, entre os organismos superiores e os inferiores, entre os membros individuais e o partido como um todo entre o C.C. e os organismos do partido de todos os níveis, de um lado, e os membros de base, de outro lado.» (idem, idem, Pág. 88).

Uma vez que a centralização excessiva e a restrição à democracia interna constituíam um verdadeiro sistema em nosso partido, todos os quadros dirigentes, em maior ou menor escala, violaram o princípio do centralismo democrático, em sua atividade partidária e entre eles, me incluo também pessoalmente. Ao cercarmos a democracia interna no partido, causamos sérios prejuízos ao partido e, portanto, à causa do proletariado e do povo, uma vez que em nossas relações com as massas adotávamos as mesmas posições de auto-suficiência e mandonismo no trabalho nas organizações de massa. Isso prejudicava a nossa luta pela ampliação da frente única de massas, nos isolava, e as organizações de massa que se mantinham sob nossa influência eram sectarizadas e se estreitavam crescentemente.

Agora trata-se de aprofundarmos o nosso processo autocrítico de maneira honesta e sincera, tomando medidas práticas imediatas para restabelecer em sua plenitude o provado princípio leninista do centralismo democrático na vida interna do partido, o qual significa centralismo sobre a base da democracia e democracia sob direção centralizada.

Esse processo não é simples, nem fácil, nem tão rápido quanto desejaríamos. Ainda há vários dirigentes responsáveis que não compreenderam toda a gravidade dos erros por eles cometidos e resistem inconsciente ou conscientemente a aprofundar a sua autocrítica. Cabe a todo o partido ajudar firme e persistentemente a esses camaradas a se corrigirem, ensinar-lhes a subordinarem seus interesses aos interesses do partido e do movimento revolucionário do proletariado em geral.

A dificuldade e complexidade do nosso processo autocrítico residem também no fato de que as causas desses erros não estão apenas dentro do partido. Creio que a seguinte tese do camarada Mao Tse Tung se aplica plenamente ao nosso caso:

«A insuficiente vida democrática dentro de nosso partido é um reflexo da ausência de vida democrática em nosso país. Ela impede de modo evidente o pleno desenvolvimento da atividade de todo o partido. Além disso, contribui para a insuficiente democracia no movimento de massas e na frente única.» (Mao Tse Tung: «On The New Stage»). (Obra citada, Pág. 92.)

Entretanto, ao realizarmos essa autocrítica é necessário termos vigilância para não cairmos no extremo oposto da ultrademocracia anarquista ou do liberalismo burguês, que nada têm de comum com a democracia interna do partido. Inúmeras vezes, na história de nosso partido, ao corrigirmos um desvio num sentido temos caído no desvio oposto.

No momento atual vemos alguns camaradas, e até organismos dirigentes do partido, embarcando nessa mesma canoa furada. Ex-

pliquemo-nos: como o erro principal era a centralização excessiva e o cercamento da democracia interna, esses camaradas tendem para o extremo oposto, querem liquidar o centralismo e implantar no partido a ultrademocracia. Isso significaria na prática acabar com as violações do centralismo democrático liquidando... o próprio centralismo democrático. Mas assim liquidaríamos o próprio partido revolucionário de classe retirando-lhe o princípio fundamental que rege a sua vida interna e transformando-o num partido liberalóide tipo partido social-democrata da II Internacional.

Seria interessante recordar a esses camaradas o que diz o camarada Liu Shao Chi:

«A tendência ao absolutismo antidemocrático e a presença da ultrademocracia são dois extremos da vida interna do partido, uma vez que a ultrademocracia frequentemente surge como uma espécie de réplica ao absolutismo antidemocrático. Assim, onde quer que haja uma séria tendência ao absolutismo, aí pode surgir a ultrademocracia. Ambas são tendências errôneas restritivas e destrutivas da genuína unidade e solidariedade do partido.» (Obra citada, Pág. 92.)

Quem são esses camaradas e quais são esses organismos? São os camaradas que exigem «uma discussão ampla e livre de quaisquer limitações», isto é, não uma discussão baseada nos princípios do partido, mas uma luta «sem princípios», na qual cada um possa dizer pela imprensa do proletariado tudo que entende e pensa, mesmo sendo contrário ao internacionalismo proletário, ao centralismo democrático e à unidade do partido. Esses camaradas são os que dizem que a carta do camarada Prestes ao C.C. (e por este transformada em diretiva orientadora para o debate em curso) é uma «rólha» para impedir a «livre» discussão. Creio que o camarada Aydano do Couto Ferraz quando diz em VOZ OPERÁRIA nº 398: «Na sua carta ao Comitê Central, documento de que discordo profundamente, não pelas teses gerais mas pelo espírito em que está vazada, o camarada Prestes...» embora não a exprima claramente, tem a opinião de que o C.C., transformando a carta do camarada Prestes em base orientadora da discussão, arrolhou-a.

São também camaradas que querem introduzir modificações na direção do partido extra-estatutariamente, como um grupo de camaradas do Rio Grande do Sul ou o camarada Agildo Barata que, em artigo escrito para a VOZ OPERÁRIA, tenta pressionar nesse sentido.

São camaradas como J. B. Lima e Silva

e Maurício Pinto Ferreira, que resolvem abrir de forma errônea e espontaneísta uma discussão no partido, mesmo sabendo que naquele momento o C.C. preparava a abertura dessa discussão de forma responsável.

São vários os exemplos como os acima citados que revelam uma tendência a romper com a disciplina do partido e tentar implantar a ultrademocracia. É interessante observar que na maioria dos casos essa tendência se manifesta em camaradas oriundos da intelectualidade. A esses camaradas seria útil meditar sobre esta frase de Lênin:

«Ninguém se atreverá a negar que a intelectualidade, como camada especial das sociedades capitalistas contemporâneas, se caracteriza, em geral e em conjunto, precisamente por seu individualismo e sua incapacidade para a disciplina e a organização (Ver embora seja apenas certos artigos de Kautsky sobre os intelectuais); esta circunstância constitui, por certo, uma diferença que separa do proletariado, com desvantagem, esse setor social; ela encerra uma das razões que explicam a frouxidão e vacilação dos intelectuais, que tantas vezes o proletariado sentiu. (V. I. Lênin, «Um passo adiante, dois passos atrás» em «Obras Escolhidas», T. I. editorial Problemas de Buenos Aires, Pag. 402.)

Membros do partido atuando na U.J.C., rompendo com uma decisão do C.C., passam a defender uma posição de dissolução daquela organização, quebrando assim a disciplina do partido.

O C. R. Piratininga resolve por conta própria «reformular» os Estatutos do partido e dar direito de voto aos convidados nas reuniões ampliadas do C. R. Muitos outros exemplos poderiam ser citados.

Em épocas difíceis como a que atravessa o movimento operário revolucionário no Brasil, como consequência da ofensiva do imperialismo norte-americano contra a independência nacional, contra as liberdades democráticas, contra o proletariado e o povo, aumentam as vacilações dos elementos ideologicamente mais débeis dentro do partido, manifesta-se com mais força a tendência ao «anarquismo senhorial» característico dos elementos pequeno-burgueses, do qual falava Lênin.

Ao lado do reforçamento da democracia interna do partido, ao lado do restabelecimento do centralismo democrático, a tarefa dos comunistas brasileiros no momento é cerrar fileiras firmemente em torno do Comitê Central de nosso Partido e, no terreno internacional, lutar com todas as forças para reforçar a unidade do movimento comunista mundial em torno do seu centro indiscutível: a gloriosa União Soviética e o P.C.U.S.

## MENSAGEM AO COMITÊ CENTRAL DO P. C. B.

Recebemos, com pedido de publicação:

«O Comitê Regional do Norte do Paraná do Partido Comunista do Brasil, pela unanimidade de seus membros, presentes à sua reunião, saúda o Comitê Central do Partido pela firmeza com que o Presidium tem sabido defender e garantir a unidade em nossas fileiras.

O florescimento da democracia interna exige a disciplina consciente e não pode negar o consagrado princípio do centralismo democrático.

Quando o imperialismo norte-americano e seus agentes internos — latifundiários e grandes capitalistas — pretendem, através de todos os meios, desprestigiar o Partido perante as massas e dividir nossas fileiras, o Comitê Central e a cada um de nós cabe salvaguardar a unidade e tudo fazer para que se amplie e estreite nossa ligação com as massas.

O Comitê Regional do Norte

do Paraná apoia, estimula e participa da luta interna travada em todo o Partido e, à base do estudo e da discussão do projeto de Resolução do Comitê Central, procura a correção de seus erros, das incompreensões e a superação de dificuldades no trabalho prático do dia a dia. Esta luta ideológica no seio do Partido é o reflexo da luta de classe que se trava entre a burguesia e o proletariado pela hegemonia do movimento de libertação nacional. Ela só pode ser benéfica ao movimento revolucionário brasileiro e levar o Partido rapidamente a seu fortalecimento ideológico, político e orgânico.

Procuraremos todos ajudar mais e melhor o Comitê Central, para que alcancemos a correta aplicação do marxismo-leninismo à realidade brasileira, encontrando, no processo da própria luta, «o caminho brasileiro para o socialismo».

A luta interna objetiva à correção e à superação dos erros do passado, à supressão das suas principais causas. Ela estimula, educa e eleva a consciência dos militantes, desperta sua iniciativa criadora, mas não poderá ser desviada para uma luta sem princípios ou fracionista.

Ao manifestarmos nossa confiança no Comitê Central, sob a direção do camarada Prestes, confirmamos no processo autocrítico da direção central e nos lançamos à batalha pelo crescimento e consolidação do Partido na região.

Compreendendo que a história é feita pelas massas, procuramos, no foro da luta pela anulação do acordo de Fernando de Noronha e na defesa das reivindicações e organização das massas do campo e outras camadas e classes da região, forjar a aliança operário-camponesa.

Nov. de 1957

O Comitê Regional do Norte do Paraná do P.C.B.

# O Dogmatismo, o Revisionismo e a Nossa Autocrítica

JACOB GORENDER

Não tendo tido, até há pouco a possibilidade de intervir no debate, quero aproveitar a oportunidade, que me resta, para dizer algumas palavras a respeito de questões, que afetam diretamente aos intelectuais comunistas, mas interessam também a todo o Partido.

Antes de tudo, quero manifestar-me contra qualquer espécie de simplismo inquisitorial, contra qualquer critério de discriminação entre intelectuais e não-intelectuais dentro do Partido. Porque alguns intelectuais cometeram erros, não penso que se transformaram em ovelhas negras, mesmo porque a admitir tal deformação visual, de tipo daltônico, então nosso Partido já seria, há muito, de cima a baixo, um só rebanho de negríssimas ovelhas.

Está claro que o nosso Partido não é isto. Apesar dos graves erros cometidos, fomos sempre a vanguarda combativa e revolucionária da classe operária brasileira.

Não conciliamos em questões de princípio, mas, também por questão de princípio, somos contra as acusações mútuas exacerbadas, a intolerância, a falta de serenidade e de objetividade no debate.

Penso que os erros revisionistas atuais, já bastante caracterizados, em que incidiram certos setores do Partido, constituem, por um lado, a expressão da ideologia burguesa infiltrada em nosso meio. Não é justo substituí-los, uma vez que vivemos numa sociedade em que a ideologia burguesa prevalece. Num momento de profunda reviravolta autocrítica, alguns camaradas, sob a pressão da idéia do inimigo de classe, não souberam acompanhar o processo autocrítico, mantendo-se firmemente no terreno do marxismo, e se desviaram, em maior ou menor medida, para as posições da ideologia da burguesia.

O nosso movimento, por necessidade e por tradição, sempre contou com uma grande participação de intelectuais, e nos honramos particularmente com o fato de que alguns dos melhores intelectuais produzidos pelas próprias classes dominantes tenham acorrido às nossas fileiras. Mas esses mesmos intelectuais poderão facilmente reconhecer que, ao lado de sua contribuição positiva, também trazem para o partido do proletariado elementos de individualismo e de instabilidade ideológica. Não surpreende, por isto, que, num momento em que a autocrítica se aprofunda, sejam os intelectuais do setor mais afetado pela pressão da ideologia burguesa e que, desarmados da indispensável vigilância, cedam — não todos, está claro — diante dela. A sua origem de classe e as imperfeições de sua formação marxista os impedem de perceber o caráter social das idéias e teorias revisionistas que passam a defender, ainda mais quando essas idéias e teorias de fundo burguês se apresentam com a sedução de uma pretensa originalidade, de um pretenso espírito criador.

O reconhecimento deste fenômeno não implica absolutamente em rebaixamento, em humilhação. Reconhecer e superar as próprias fraquezas, de que ninguém está imune, é somente um índice da honestidade revolucionária de quem, acima de tudo, quer servir ao Partido.

Se dizemos a determinado camarada que algumas de suas idéias são de caráter burguês, não queremos com isto, de modo algum, rotulá-lo como agente do inimigo. Queremos apenas adverti-lo de que algumas de suas idéias não expressam os interesses do proletariado, mas os interesses do seu inimigo de classe. E essa advertência, se, de fato, for justa, pode servir de ponto de partida para uma autocrítica benéfica ao camarada e ao Partido.

Este é, porém, somente um lado da questão. Há outro lado, não menos importante, que deve ser igualmente apontado.

Os erros revisionistas atuais não são senão a resposta antagonista aos erros dogmáticos anteriores. Revisionismo e dogmatismo são dois polos opostos e, ao mesmo tempo, inseparáveis. Um alimenta o outro e, sob certas circunstâncias, transformam-se mutuamente em no outro. A violência com que o revisionismo explodiu em nosso Partido não foi senão a resposta lógica ao prolongado reinado precedente do dogmatismo, que era o acompanhante inevitável do culto à personalidade. Não admira, tampouco, agora, que alguns camaradas que, no passado, eram ferreiros dogmáticos, se tenham tornado, repentinamente, inflamados revisionistas ou que, pelo menos, se tenham deixado enganar por algumas teorias revisionistas. A história do Partido também é instrutiva a respeito. No período da legalidade, de 1945 a 1947, floresceram certas idéias revisionistas. Quando tratamos de corrigi-las, caímos no mais truculento dogmatismo sectário, que culminou com o Manifesto de Agosto, um dos mais nefastos documentos de toda a vida do Partido.

Penso, por isso, que a questão não está em liquidar o revisionismo e transigir com o dogmatismo, ou em concentrar o fogo no dogmatismo e fechar os olhos ao revisionismo. Toda a nossa experiência já demonstrou o quanto essa atitude unilateral é improficua.

A questão está em erradicar ambos esses desvios, combatendo o subjetivismo, que os gera, e fazendo esforços para ocupar uma firme posição marxista.

Não podemos transigir com os erros revisionistas, de que se fizeram portadores tantos de nossos camaradas intelectuais. Reconhecemos a influência nítida da ideologia burguesa. Mas, ao mesmo tempo, é imprescindível deixar claro que esses erros não são senão a resposta aos erros anteriores de tipo dogmático e sectário, que possivelmente causaram mais danos ao setor do trabalho intelectual do que a qualquer outro no Partido.

A esta altura, devo declarar que estive integrado na política precedente, que orientou o nosso trabalho intelectual, executei esta política e, portanto, sou um dos que devem fazer autocrítica dos sérios erros dessa política.

A verdade é que tentávamos transplantar, nos seus menores detalhes, o modelo soviético do trabalho intelectual para o nosso país. Para nós não se tratava de assimilar a experiência que os camaradas soviéticos possuem e integrá-la criadoramente no nosso meio nacional. O nosso objetivo era simplesmente a transplantação mecanicista. Com isto, cometíamos, pelo menos, três erros graves.

Em primeiro lugar, víamos os resultados alcançados pelos camaradas soviéticos, porém não víamos o difícil e duro processo através dos quais esses resultados foram alcançados. Queríamos a imediata e perfeita aplicação do realismo socialista no Brasil, sem compreender que o realismo socialista foi elaborado na União Soviética através de um longo período de confronto e luta entre escolas e correntes. Não é possível omitir um período semelhante no Brasil e necessariamente ele terá certas características diferentes daquelas que o revestiram na União Soviética, embora a sua orientação fundamental deva ser idêntica.

Em segundo lugar, os nossos problemas de frente única no meio intelectual são radicalmente diferentes daqueles que existem na União Soviética e em muitos outros países. Cometemos, neste terreno, erros extremamente grosseiros. Sem entrar numa análise detalhada, penso que a elaboração de uma justa política de frente única, que ainda não existe, é imprescindível.

Em terceiro lugar, exaltávamos não só as valiosas conquistas da cultura soviética, como também o que ela possui ainda de deficiente e de mediocre. Tal atitude nos levava a menosprezar as conquistas culturais de outros povos, inclusive do nosso próprio povo. Se a União Soviética está, no terreno musical, no primeiro lugar mundial, o mesmo não se dá, por exemplo, no terreno da arquitetura. Considero a arquitetura brasileira uma das mais belas do mundo, aquela que encerra, de modo mais pronunciado, os traços da arquitetura do futuro. Considero-a, inclusive, muito mais bela do que a arquitetura soviética.

Seria, porém, um erro gravíssimo, o mais grave dos erros, estender o julgamento sobre a arquitetura ao julgamento sobre o regime social. O regime socialista, que já está construído na União Soviética, é o mais avançado e progressista e serve de fonte de inspiração para os comunistas do mundo inteiro. Este regime é o mais favorável ao desenvolvimento da cultura humana e as suas experiências e conquistas no terreno científico e artístico devem ser por nós estudadas com a maior atenção e profundo carinho. Podemos aprender dos seus êxitos, como também dos seus insucessos. A obra soviética é uma obra histórica e, como tal, deve superar limitações e contradições herdadas do passado e outras geradas pelo presente. As imensas dificuldades até agora vencidas, com insuperável heroísmo, pela sociedade soviética, aquilo que ela já criou e que se incorpora ao melhor da humanidade, isto é o essencial que não devemos perder de vista, porque assegura a perspectiva do futuro, a perspectiva da vitória final do comunismo.

Desfaçamos as névoas místicas, sem todavia, permitir que nos domine qualquer sentimento de desencanto. Só há motivos para uma confiança verdadeiramente racional não só na União Soviética, como centro do movimento comunista mundial, mas também no próprio movimento comunista brasileiro.

Por último, é indiscutível que, durante longo tempo, não prestamos quase nenhuma atenção às características específicas do trabalho intelectual, às suas exigências peculiares, sobrecarregando os nossos camaradas intelectuais de tarefas e de imposições, que dificultavam e mesmo impediam o seu trabalho criador.

Entretanto, se não queremos o regresso ao passado de império do dogmatismo, de modo algum podemos desejar um futuro de império do revisionismo, que abastardaria todas as nossas concepções, aburguesando-as, sob as aparências de uma terminologia mar-

xista. Se o consentíssemos, nosso Partido perderia a sua essência proletária de classe e se transformaria em impotente apêndice esquerdista da burguesia nacional.

O dogmatismo é um inimigo rancoroso de toda ciência e, portanto, também da ciência marxista. Mas inimigo igualmente perigoso da verdadeira ciência é a falsa ciência. E o revisionismo é, diante do marxismo, essa pseudociência, sedutoramente original, pretensamente criadora, porém incuravelmente charlatã.

A ciência moderna nasceu da luta contra o dogmatismo da escolástica medieval. Mas a ciência moderna é também obrigada, a cada passo, a vencer os obstáculos erguidos pela falsa ciência. Lembremos, por exemplo, os enormes estafagos, que a psicanálise causou e ainda causa às ciências da atividade psíquica do homem. Partindo de algumas observações verdadeiras, Freud construiu todo um sistema, que atraía pela sua audácia inovadora. Na essência, entretanto, tratava-se de pura mistificação pseudocientífica, idealista e reacionária. Quantos, porém, foram os bons cientistas (inclusive o próprio Freud), que malbarataram os seus esforços, transviados por essa perversa miragem! Atualmente, até mesmo nos Estados Unidos, onde se encontra o mais forte reduto da psicanálise, já são muitos os cientistas que a abandonam e buscam outros caminhos de pesquisa que, em certa medida, os aproximam dos cientistas soviéticos, discípulos de Pavlov. Ai temos uma experiência extraída da história mais recente da

ciência, que é proveitosa também para aqueles que se dedicam ao marxismo.

A luta contra o revisionismo está na ordem do dia para o nosso Partido, uma vez que ele ameaça os próprios fundamentos teóricos, políticos e ideológicos do Partido. O nosso Partido carece de uma profunda renovação. Mas, ao limpar o terreno para essa renovação, estejamos vigilantes para que não brote e se expanda livremente a erva daninha do revisionismo. Queremos, isto sim, que no Brasil floresça o marxismo e para a pesquisa marxista criadora devemos abrir os mais amplos espaços.

Dentro de pouco, encerrar-se-á a discussão aberta pelo Comitê Central em torno dos ensinamentos do XX Congresso do P.C.U.S. Em seguida, com a ajuda de todo o Partido, o Comitê Central procederá a um balanço da discussão, extraindo as lições, que poderão realmente fortalecer o Partido.

Penso que os camaradas intelectuais, inclusive aqueles que se deixaram desorientar pela miragem revisionista, devem colocar-se incondicionalmente a serviço do Partido e de sua legítima direção. Quaisquer que sejam as restrições que tenhamos, não há, para um comunista, outro meio de servir ao Partido senão o de cumprir a sua 44ª Intenção, que faz do Comitê Central o centro único dirigente do Partido. Não podemos exigir que os camaradas intelectuais, que ultimamente cometeram certos erros, façam autocrítica por imposição, a prazo fixo, mas devemos esperar que façam autocrítica, jurtagamente com todo o Partido, desde o seu dirigente mais responsável ao militante mais simples. Nada pode contribuir melhor do que isto para renovar e fortalecer o Partido

## Um Sopro Renovador Envolve o P.C.B.

BENTO DA GAMA BATISTA

Há dias, a VOZ OPERÁRIA publicou um artigo que exponencialmente se dizia que nosso Partido sofria uma crise. Absolutamente não há crise, nem sequer prenúncio de crise, no Partido Comunista do Brasil, nem nos outros Partidos Comunistas irmãos. Pelo contrário, estamos assistindo a um progresso imenso, um verdadeiro «sopro renovador» que envolve o Partido, firmando-se cada vez mais sua unidade interna e, cada vez mais, vai se limpando dos desvios de direita e de esquerda, afogando o sectarismo e eliminando o «culto à personalidade». Ora, se assim acontece, como comprovam os fatos, como, então, se pode falar em crise?

Penso que o camarada articulista, em seu artigo «Pela Democratização do Partido» (VOZ OPERÁRIA de 2-2-1957), não compreendeu bem o significado da palavra crise, ou a empregou erroneamente. É que a nova tática e estratégia de lutas externas e internas do Partido Comunista no mundo se processa sem crises internas. CRISE é uma situação alarmante em que cada dia se aguçam o imperialismo, por exemplo. CRISE seria, ainda, a que já se anuncia e se desenvolve na economia dos EE. UU. Mas, no Partido Comunista não há crise. Ver crise nas contradições internas, necessárias ao próprio desenvolvimento do Partido, é ver fantasmas.

Existem, como é sabido, contradições não-antagônicas e contradições antagônicas, isto é, há contradições inerentes a todos os processos de desenvolvimento que não são antagônicas. Necessárias ao desenvolvimento evolutivo, as contradições não-antagônicas são próprias da lei dialética do desenvolvimento do inferior para o superior, da luta do «velho» contra o «novo» e vice-versa, para dar ensejo a uma nova forma que surge. As contradições antagônicas são as que geram crises, se caracterizam pela luta de antagonismos onde não pode haver conciliação, onde a luta toma uma forma revolucionária, onde os choques cada vez mais se agravam, para eclodir na crise. Temos, como exemplo, as contradições antagônicas Ca-

pitalista x Trabalho, no regime capitalista; a produção social e a apropriação privada, particular, capitalista etc. As contradições antagônicas são inerentes às lutas de classes, que cada vez crescem mais e se aprofundam, levando a uma explosão.

As simples contradições não-antagônicas são as que não têm por base interesses irreconciliáveis, hostis e, seguem o curso evolutivo.

Pois bem, não existe dentro do Partido Comunista, nem do Brasil e nem do mundo, tais contradições antagônicas. Portanto não pode haver CRISES. Há contradições não-antagônicas, mas, essas não geram CRISES, são de outro tipo, devendo ser superadas pela crítica e autocrítica, pela reeducação. Daí porque a necessidade imperiosa da crítica e da autocrítica, método empregado pelo Partido Comunista, para dar ensejo ao aparecimento do «NOVO».

Esse «sopro renovador» já se «toça com as mãos». Já tomou forma e conteúdo e, se desenvolve aqui, e por toda parte do mundo. Movimentase, assim, o Partido Comunista em todos os setores e em toda parte do mundo em busca do «NOVO», pela crítica e autocrítica, pela reeducação de seus quadros, em combate aberto ao sectarismo, ao «culto à personalidade», ao centralismo exagerado, afinal, aos erros cometidos no passado próximo, enterrando o «velho» e modelando novas táticas e estratégias de luta.

Há unidade dentro do Partido Comunista, unidade indestrutível. Não há política de grupos. Há muito trabalho construtivo no sentido de aniquilar certas «velharias» e, assim, abrir novas perspectivas, no sentido de descobrir sempre o NOVO que surge.

★

No meu Estado, por exemplo, o «culto à personalidade», foi fruto de um complexo de fatos e condições da luta. Criou o «culto à personalidade» (gerou uma «superioridade») que tornou certos companheiros figuras di-

fíceis de se abordar. Um erro de «mofa», uma gracinha, ou então, o que era mais grave, uma série de repreensões severíssimas despejadas contra um indivíduo, muitas vezes por um nada. Isto levou muitos companheiros sem formação ideológica, principalmente pertencentes à pequena burguesia, ao afastamento das fileiras do Partido, ou então, ao desterro. Eram os «donos» do Partido que faziam tudo, acumulando tarefas e mais tarefas, e que pensavam ser somente eles os verdadeiros comunistas, de fato e de direito e, além do mais, criam que o Partido poderia lutar contando somente com eles. Ora, não percebiam que para o comunista a tarefa é ser, antes de tudo, objetivo, consequente e realista, quando se quer de fato acertar. A verdade é que caímos em muitos erros dessa natureza. Não fomos, no meu Estado, o suficientemente «plásticos» para superar o sectarismo. Deixamos, muitas e muitas vezes de lado grandes quadros que, sem um motivo explicável, se encontram hoje fora da luta. Conheço vários quadros que o Partido perdeu pelo sectarismo reinante dos «donos». Por qualquer motivo se isolava um companheiro e o pior foi que quem ia se isolando das massas era o próprio Partido. Quem mais perdeu foi o movimento operário, foi o Partido. Mas, não ficava somente isolado o companheiro (que então se chamava pejorativamente «o cara»), ficava, ainda, o companheiro,

proibido de lutar e, então, mofava na geladeira. Grandes quadros se perderam. Mas, tudo isso que se passou não constituiu uma crise, apenas, erros corrigíveis e a prova disso é que hoje estão sendo corrigidos com muito sucesso. Hoje se nota uma renovação na vida partidária, embora aqui e ali algumas marcas que restaram ainda sangrem. Dentro das novas perspectivas apontadas pelo XX Congresso do Partido Comunista da U.R.S.S. e pela prática na correção dos erros passados, surge o NOVO

(Cochet em 12 páginas)

# Sobre a "Posição Científica" de Dúvida

SALOMÃO TABAK

Alguns companheiros, sobretudo intelectuais comunistas, ante de atual discussão, encontram-se numa posição que não é científica de dúvida e não é tudo. Quando alguns camaradas, cuja honestidade não está em questão, mas evidentemente se põe pela parte, passam a apontar certas debilidades de dirigentes como o fundamento da vida desses dirigentes conduzem a luta contra os erros para a luta individual, em princípios, contra pessoas, esses intelectuais ficam em dúvida. Expliquem-se-lhes que essa não é uma forma de luta permitida no Partido, porque não visa a reforçar o Partido, mas leva à divisão e ao fracasso. E eles respondem: — Não sei; estou em dúvida, porque os camaradas me apontam as debilidades dos dirigentes conhecidos; há entre eles velhos e honestos revolucionários cuja palavra devemos ouvir. Temos dúvida sobre quem tem razão. Quando outros acusam a direção de ter levado a política do Partido à falência, acusação que também só pode ser resultado de cegueira po-

lítica, esses intelectuais, que ainda ontem estavam de acordo como tudo e que o Partido fazia, ficam em dúvida. Esquecem-se de que se não foram soldados brasileiros, combatentes e heróicos povo coreano; se os governos serviais em maior ou menor grau ao imperialismo norte-americano não conseguiram entregar e patrióticos; se foi possível aos nacionalistas de todas as tendências unidos conseguirem a oficialização de uma política etnômica contrária aos interesses dos trustes norte-americanos; se a consciência nacional do povo brasileiro atingiu nos últimos anos um nível mais elevado, de defesa das riquezas e da soberania nacionais; se gozamos ainda de um certo clima de liberdades, apesar da tendência atual do governo de liquidá-las; se o movimento sindical tem conquistado vitórias e se libertado da tutela do Ministério do Trabalho; se o Brasil não está hoje mergulhado numa ditadura terrorista; se o nosso povo tem conquistado, enfim, nos últimos anos inúmeras vitórias, grandes e pequenas, cuja enumeração completa exigiria to-

do um volume, deve-se tudo isso, pelo menos em certa medida, à política do Partido, que foi orientada exatamente nesse sentido. E, parece-me, nestes últimos anos, a direção sob a qual o Partido ajudou a conquistar essas vitórias ainda é a mesma. Argumentam então esses camaradas: — A política do Partido estará mesmo certa? O Partido terá mesmo uma linha política? Agora trata-se de rever toda a política do Partido e nossa posição tem que ser científica e, portanto, de dúvida e especulação. Respondemos, à luz dos êxitos da política do Partido, que houve êxitos, alguns mesmo grosseiros, de demonstração de sectarismo e imaturidade política (por exemplo a posição de abstenção na eleição de Vargas), mas os erros são o secundário em nossa atividade, o que sempre se procurou e se procura eliminar, e que o fundamental é que o Partido é composto de políticos honestos, que procuram fazer aquela política que interessa ao proletariado e ao povo brasileiro e

que, por isso mesmo, não do êxito retumbantes, em aliança com todas as forças de progresso em nossa pátria. Mostramos que, apesar dos erros, foi sempre nesse sentido que a direção, sintetizando a experiência do Partido, o tem orientado. Mas esses camaradas continuam duvidando. Duvidam da direção, da linha política, dos princípios básicos do Partido, do centralismo democrático, da União Soviética e do internacionalismo proletário. Porque em relação a todos esses problemas, embora certo no fundamental, nas questões de princípio, nosso Partido teve posições erradas, exageros para a direita e para a esquerda, colocam-se os camaradas em posição de dúvida de tudo, de "não aceitar mais nada que não compreendam até o fundo", em todos os detalhes, e de cuja justiça não estejam inteiramente convencidos. A isso é que chamamos "posição científica". Mas será mesmo essa uma posição científica? Será uma posição científica acreditar apenas na justiça daquilo que

confirmamos pessoalmente — ou, como acontece com alguns camaradas, duvidar até disso? Eu creio que não e procurarei mostrá-lo. Vejamos, em primeiro lugar, e que podemos chamar posição científica. Segundo Lênin, a ciência tem por objetivo dar-nos um quadro exato do mundo. Ela parte da constatação — que já é uma generalização da prática das milhares de gerações que nos antecederam — de que o mundo é material, existe fora e independentemente de nossa consciência e que a matéria e os fenômenos se desenvolvem segundo determinadas leis cognoscíveis. No "Dicionário filosófico marxista", de Rosental e Iudin, encontra-se uma boa definição de ciência. "A ciência é a soma, o conjunto dos conhecimentos sobre a natureza, a sociedade e o pensamento, acumulados no curso da vida histórico-social." E mais adiante: "A ciência tende a descrever o mundo, não na variedade aparentemente caótica de suas diversas partes, mas em suas leis, que trata de achar, com relação às quais regem-se os fenômenos: ela tem por

objeto explicá-los. Em todos os domínios do conhecimento, a ciência nos revela as leis fundamentais que regem dentro do aparente caos dos fenômenos". Ora, a posição de dúvida em si, como é apresentada, não pode ser uma posição científica, não só porque leva à negação da existência real das coisas, do agnosticismo, como também porque mistura num mesmo saco elementos antagonísticos, como os princípios, as leis de desenvolvimento da sociedade e também do Partido, leis científicas, confirmadas pela prática revolucionária, e sua negação. A dúvida em relação à experiência alheia, mesmo que essa experiência seja a de milhões de pessoas, elevada à categoria de método principal de investigação, conduz ao solipsismo, a tendência idealista cuja expressão extrema está na conclusão — só eu existe ou não existe nada fora de minhas representações posição idealista que Lênin tão brilhantemente destruiu. Evidentemente esses camaradas fazem uma confusão. Essa posição de dúvida, o ceticismo (Continua na 2ª página)

O desenvolvimento independente da economia nacional torna-se impossível, devido à dominação do imperialismo, em particular do americano, sobre os ramos fundamentais da economia nacional e pelos restos feudais em nossa agricultura, cuja expressão mais patente, além do vale, do barracão, da meia e da terra, é a propriedade latifundiária sobre a terra. Embora aumente o número de máquinas no campo e o de assalariados agrícolas, expressão da penetração do capitalismo, os latifundiários mantêm firmemente em suas mãos a terra. E isto é o fundamental. O capitalismo penetra em luta em alguns setores, mas no fundamental mantendo os restos feudais na agricultura. Se examinarmos o Censo Agrícola de 1950, constatamos que houve um aumento da área ocupada pelas grandes propriedades em detrimento das pequenas e médias. Enquanto o número das propriedades até 200 hectares caiu de 92,04% para 91,78%, veremos que as propriedades de mais de 2.000 hectares dominam 41% da área. A área ocupada pelas propriedades até 200 hectares caiu de 27% para 24%. Isso no que se refere aos que têm terra. Mas quantos milhões trabalham no campo sem possuírem terra alguma ou uma parcela que não lhe dá nem para sustentar a família, enquanto uma pequena minoria representada por 170 mil pessoas possui três quartas partes de todas as propriedades rurais existentes no país? O acanhado mercado interno dificulta e freia o desenvolvimento da indústria. Ainda há pouco, por falta de mercado e créditos, a indústria têxtil paulista passou por uma dura crise, que poderá se estender a outros ramos e adquirir magnitude nacional se não se conquistar um mercado externo livre das peias do imperialismo e um mercado interno capaz de consumir nossa produção. A produção industrial do Brasil não dá para o seu próprio povo e no entanto há crise de superprodução. Não porque se produza demasiado, mas porque não há quem possa consumir. O poder aquisitivo de nosso povo é muito baixo. A formação de um mercado interno amplo só poderá ser conseguida através da reforma agrária radical, com a entrega da terra aos camponeses e facilitados os meios para que possam produzir. Nas condições atuais do Brasil, a revolução democrático-popular só poderá ter um caminho antiimperialista e agrário antifeudal. É um imperialista libertar o país do domínio do imperialismo, em primeiro lugar do imperialismo norte-americano, liquidar os restos feudais que freiam o desenvolvimento de nossa economia, conseguir um desenvolvimento independente da economia nacional. Para dirigir esta revolução, da qual devem participar as mais amplas forças da nação desde o proletariado até a burguesia nacional, e resolver a contradição fundamental que opõe a maioria da ação ao imperialismo norte-americano e aos seus sustentáculos, está chamada a classe operária. A burguesia não será capaz de fazê-lo. Devido às suas ligações com o imperialismo e ao domínio deste sobre os ramos fundamentais da economia nacional, a burguesia brasileira é fraca econômica e politicamente. A burguesia brasileira formou-se e desenvolveu-se na época do imperialismo, mantém com ele estreitos laços econômicos e políticos. É comum ver-se que ultimamente as inversões de capitais estrangeiros vêm estreitamente ligadas, fundidas, com capitais nacionais. Por suas ligações com um ou outro país ou grupo imperialista pode se opor e se opõe efetiva-

## Hegemonia do Proletariado Ou Hegemonia da Burguesia

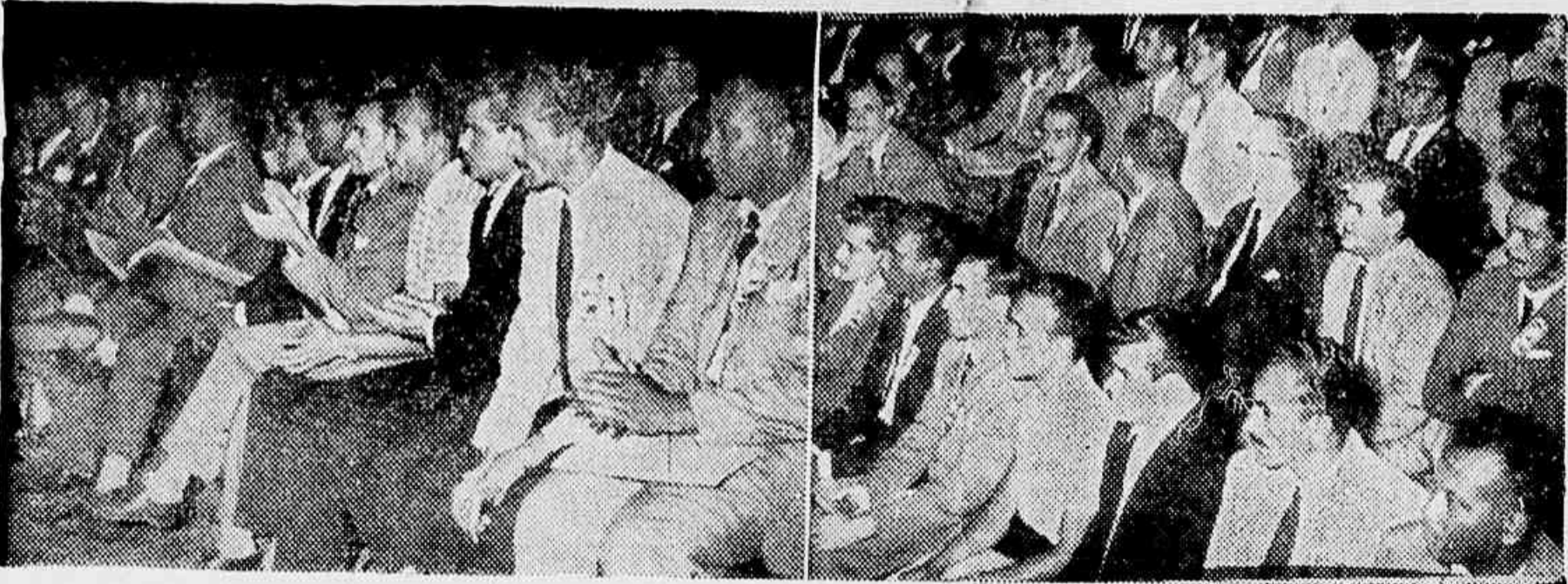
CARLOS DANIELI  
(Conclusão do número anterior)

mente ao grupo ou país que lhe faz concorrência. É obrigada a defender os interesses do país ou grupo a que está ligada. O proletariado deve aproveitar essas contradições que aumentam e tendem a crescer mais ainda, mas sem ilusões de que a burguesia possa ser conseqüente. A burguesia brasileira, inclusive a burguesia nacional, não se opõe à entrada de capitais estrangeiros. Ao contrário, é favorável. Só se opõe e luta contra aqueles capitais que lhe fazem concorrência, exige um Código de Investimentos que obrigue os capitais estrangeiros serem investidos naqueles ramos e setores que não lhe fazem concorrência. Sendo fraca economicamente, a burguesia, principalmente após 1930 e em especial durante e após a 2ª guerra mundial, aproveitou as dificuldades dos países imperialistas em luta para utilizar melhor o aparelho estatal visando criar indústrias que lhes sirvam de base. Surgiram Volta Redonda e muitas outras empresas da indústria básica, chegando à Cia. Hidrelétrica do S. Francisco, além de várias outras. Cresce o capitalismo de Estado, que tem um grande setor na economia brasileira. A sua debilidade econômica conduz à sua fraqueza política. Ao primeiro grito do imperialismo, cede. Os imperialistas, em particular os norte-americanos, têm sofrido no Brasil uma série de derrotas políticas, particularmente após o fracassado golpe de 24 de agosto de 1954 que não atingiu todos os seus objetivos seguindo-se a derrota eleitoral de 3-10-55 e os movimentos de novembro. Volta à carga, pressiona e obtém o «ajuste» sobre Fernando de Noronha. A pretexto de obter «compensações» e «ajuda» dos imperialistas, grandes setores da burguesia, inclusive da burguesia nacional, apoiaram este ato do governo de JK. Aprova o projeto que cria a Rede Ferroviária Federal S. A. que colocará sob o controle dos norte-americanos as nossas ferrovias para obterem empréstimos a serem gastos com a compra de materiais ferroviários aos EE. UU. e reaparelharem nossas ferrovias para o transporte de minérios e matérias-primas para os EE. UU. aplicarem em sua louca política de desencadeamento de uma nova guerra que preparam febrilmente. Para facilitar sua política, JK fecha organizações patrióticas, populares e democráticas contando com o apoio de importantes setores da burguesia. Quanto ao proletariado nada o liga ao imperialismo. Está interessado vivamente na liquidação completa e radical da dominação imperialista sobre a nossa terra, pois esta é uma condição essencial para obter a completa independência política do Brasil e um nível de vida mais elevado, pois os lucros que os imperialistas arrancam ficarão aqui mesmo, aumentando mais ainda a riqueza nacional criada pelo nosso povo. Por isso mesmo, o proletariado é a força mais conseqüente na luta contra o imperialismo, encontra-se na primeira fila da luta antiimperialista. São estreitos os laços que unem a bur-

guesia brasileira com os latifundiários. Muitas vezes são uma única e mesma pessoa o industrial e o latifundiário. Muitas empresas industriais ao mesmo tempo possuem grandes extensões territoriais (como por exemplo a Belgo-Mineira, entre outras). O produtor de açúcar, via de regra, é o dono da usina industrial e tem plantação de cana onde são mantidas relações de produção pré-capitalistas, junto aos assalariados e a compra de cana a pequenos, médios e grandes produtores. A reforma agrária, apesar de ser uma reivindicação que está muito longe de ser uma transformação de caráter socialista, é temida pela burguesia que não aprovou até agora nem mesmo certas medidas parciais, como a extensão da CLT ao campo. Os interesses do proletariado coincidem com os dos camponeses e, por isso, luta pela reforma agrária. Além de ser uma medida de caráter econômico visando liquidar os latifundiários como classe e entregando a terra aos camponeses, reforçaria o proletariado que contaria com a aliança sólida da imensa maioria de nossa população rural, que receberia a terra das mãos do proletariado. A burguesia brasileira teme mais a liquidação dos restos feudais e o domínio do imperialismo, do que a manutenção dos privilégios dos latifundiários e dos imperialistas. Por isso tende à conciliação com o imperialismo. Como classe encontra-se mais próximo dele. O proletariado é a classe mais interessada na liquidação de forma radical dos restos feudais e da dominação imperialista. O PCB desde sua fundação em 1922, apesar de erros cometidos, embora nem sempre com clareza, mas sempre inscreveu em sua bandeira de luta a liquidação do domínio do imperialismo estrangeiro sobre o nosso país e a realização de uma reforma agrária radical. A burguesia reforça-se politicamente na medida em que conquista posições econômicas, mas o proletariado cresce muito mais rapidamente, tanto do ponto de vista numérico como político. O proletariado cresce não só nas empresas da burguesia brasileira, mas também nas empresas do capitalismo de Estado e nas empresas de capitais estrangeiros. Os operários industriais e os assalariados agrícolas constituem mais de 10% da população do país, o que é um índice relativamente elevado. Cresce não só quantitativa como qualitativamente, como por exemplo na capital de S. Paulo onde a indústria têxtil, que tradicionalmente empregava maior número de operários que os demais ramos, passou a segundo lugar, cedendo em número de trabalhadores à indústria mecânica e de material elétrico. Existe um trabalhador da indústria em cada grupo de seis paulistanos. Dependendo da indústria, um terço da população da capital de S. Paulo. Ao mesmo tempo que cresce numérica e qualitativamente, reforça sua organização sindical. Enquanto em 1940 existiam apenas 8 sindicatos de empregados e 30 de empregadores, em 1950 existiam 1.075

de empregados. O número de sindicalizados (empregados) em 1955 atingia 862.992 pessoas. Aumenta a cooperação entre os sindicatos operários e os sindicatos, associações, uniões e ligas camponesas e de assalariados agrícolas, ajudando os primeiros na organização dos segundos. Politicamente a burguesia brasileira, devido a interesses de grupos e outros fatores dispersa-se em vários Partidos políticos. A burguesia não possui até hoje um Partido seu, de classe, mistura-se em partidos junto com latifundiários e outras classes, o que leva a conflitos constantes no seio dos partidos das classes dominantes. O proletariado, ao contrário, há mais de 35 anos tem o seu partido de classe que, como diz Lênin, lhe permite fundir-se «numa força política unida e independente», apesar da existência de outros partidos compostos de operários, como o PTB por exemplo, mas dirigido pela burguesia e pelos latifundiários. Enquanto os Partidos das classes dominantes desapareceram na prática durante o longo período do Estado Novo, o partido do proletariado manteve-se vivo e atuante, ocorrendo o mesmo durante outros períodos em que os demais partidos políticos no Brasil surgiram e desapareceram como cometas. Na atual etapa da revolução brasileira esta só poderá ser dirigida pelo proletariado. A própria idéia de hegemonia, direção, exclusão sua divisão com outras forças que, embora participantes da frente única, devem ter um dirigente. Não pode haver dois partidos ou classes dirigentes numa frente única, como diz o camarada Caio Gabriel. Nas condições concretas do Brasil atribuir-se à burguesia a direção ou a possibilidade de dirigir de forma conseqüente, parece-me uma superestimação do papel e das possibilidades revolucionárias da burguesia em nosso país. A luta pela completa independência nacional e social do povo brasileiro só poderá ser dirigida, como vem sendo, pelo proletariado, encabeçada pelo seu Partido de vanguarda, o PCB, embora dessa luta possam e devam participar outras forças, classes e camadas sociais representadas por seus partidos políticos, seus líderes e por suas organizações econômicas e sociais. Para realizar vitoriosamente a revolução no Brasil, o proletariado deverá atrair para o seu lado, em primeiro lugar os camponeses, mas também a pequena burguesia, a intelectualidade e outras camadas médias da população a fim de atrair ou neutralizar a burguesia, dirigir e golpear principal das forças revolucionárias contra o imperialismo em primeiro lugar contra o americano, e contra os restos feudais, liquidá-los e conseguir um desenvolvimento independente da economia nacional. Apesar de alguns erros do Programa do Partido, no fundamental é correto ao definir o caráter da revolução brasileira e suas forças motrizes. Ao mesmo tempo que se alia com a burguesia nacional contra o imperialismo, o proletariado luta contra ela em defesa de seus interesses de classe. Aliança com a burguesia e luta ideológica contra a burguesia. «O problema se apresenta somente assim: ideologia burguesa ou ideologia socialista? Não há meio termo... Por isso, tudo que seja rebaixar a ideologia socialista, tudo que seja afastar-se dela, equivale a fortalecer a ideologia burguesa». E Lênin tem inteira razão. Para defender a pureza ideológica do Partido só nos cabe a luta intransigente contra o revisionismo seja qual for a forma que se apresente, em defesa da ideologia do proletariado.

# 1º DE MAIO DE UNIÃO E DE LUTA



NAS SESSÕES PLENARIAS DA I CONVENÇÃO DOS TRABALHADORES DO DISTRITO FEDERAL FORAM DEBATIDAS AS QUESTÕES MAIS CÂNDIDAS NÃO SÓ DO INTERESSE IMEDIATO DA CLASSE OPERÁRIA COMO TAMBÉM DA SITUAÇÃO NACIONAL, PRINCIPALMENTE NO SETOR DA ECONOMIA. NO CLICHE, DOIS FLAGRANTES DAS DISCUSSÕES PLENARIAS

## IMPORTANTE VITÓRIA DA CLASSE OPERÁRIA A I CONVENÇÃO DOS TRABALHADORES DO DISTRITO FEDERAL

“A unidade é o signo que inspira a nossa ação”, afirmou o presidente da grande assembleia — Importantes teses aprovadas em defesa dos direitos dos trabalhadores e por melhores condições de vida para o povo brasileiro

EM meio de grande entusiasmo e perante uma numerosa assistência instalou-se no dia 26 de abril a I Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal. Pela primeira vez, reuniram-se os trabalhadores cariocas, para debater os seus problemas e indicar as medidas capazes de melhorar suas condições de vida e de trabalho.

Serviú de temário para os debates o Decálogo dos Trabalhadores apresentado pelo Ministro da Guerra e da Educação, do Prefeito do DF, o Ministro do Trabalho e o vice-presidente da República, sr. João Goulart.

Fernando Ferrari, representante trabalhista na Câmara Federal, proferiu um discurso, em que fez a defesa dos trabalhadores do campo e da necessidade de estender a eles a legislação trabalhista. A reforma agrária,

afirmou ele, é importante para o desenvolvimento do Brasil. O autor do projeto de regulamentação do direito de greve, deputado Aurélio Viana, dirigiu a palavra aos convenionistas, defendendo esse direito dos trabalhadores.

Amplamente debatidas as teses, foi aprovada a deliberação sobre o desenvolvimento da indústria nacional; incentivo às indústrias alimentícias; concessão de ajuda e facilidades aos pequenos e médios lavradores; incentivo à cultura das áreas próximas da cidade; amparo à pecuária e triticultura; medidas contra os trusts internacionais; criação de cooperativas de consumo; postos de emergência para venda de gêneros, nos sindicatos.

### COMISSÃO DE REGULAÇÃO DO DIREITO DE GREVE

Foram apresentadas teses por 10 diferentes sindicatos. Após o estudo aprofundado das numerosas teses concluiu que o direito de greve, sem limitações, é um direito fundamental do trabalhador.

A Comissão propôs: — revogação imediata do decreto antigreve 9.070; — que a I Convenção se dirigisse à Câmara Federal solicitando urgência para o projeto número 84-55, de autoria do deputado Aurélio Viana; — estudar a elaboração de um adendo àquele projeto, visando a anistiar e reintegrar em suas funções os trabalhadores atingidos pelo decreto 9.070; — realizar uma campanha ampla pela aprovação do projeto número 84-55, sem prejuízo da revogação imediata do decreto 9.070.

COMISSÃO DE HIERARQUIA SINDICAL — Dela participaram 22 representantes sindicais, servindo de centro para os debates a tese apresentada pelo sindicato dos sapateiros. Decidiu a Comissão propor a substituição de hierarquia por “sistemática” sindical, entendida como um código de ética seguida pelas organizações, tendo em vista a solidariedade mútua, o respeito, a defesa sistemática de liberdade e de unidade sindicais. Propôs ainda, ao plenário: manter a solidariedade comum entre as entidades sindicais, em qualquer luta reivindicatória; treca permanente de comitês e experiências; por meio de Comissões Consultivas; entrar nas atividades sindicais na campanha permanente de sindicalização em massa; criar órgãos de propaganda e divulgação; criar delegados e conselhos sindicais, como sólido alicerce da sistemática sindical; criar nos Estados e municípios os Conselhos Regionais e Comissões de Estudos de Luta Social; estruturar



Vista parcial da Mesa que presidiu os trabalhos da instalação da I Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal.

os laços entre as confederações e federações e os trabalhadores do campo; manter troca de experiências e correspondências com todas as entidades sindicais internacionais.

### COMISSÃO DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL

— recebeu inúmeras teses de cunho altamente patriótico, decidindo propor ao plenário: defesa da Petrobrás e da legislação nacionalista do petróleo; medidas contra a Light, que prejudica o desenvolvimento industrial do país; defesa das empresas estatais brasileiras (CSN, ENM, CIBSE, etc.); proteção e estímulo às indústrias de capitais brasileiros; elaboração de um Código de Investimentos Estrangeiros; elaboração de lei que fiscalize e controle os trusts estrangeiros; relações comerciais com todos os países; proteção oficial ao artesanato; reaparelhamento e ampliação dos transportes ferroviários; renovação da Marinha Mercante Nacional; compressão das despesas públicas, especialmente dos gastos improdutivos; defesa das indústrias têxtil e de calçados.

Funcionaram ainda outras comissões: de FUNDO SINDICAL, que propôs a extinção do fundo sindical, com a reversão da respectiva cota às entidades sindicais; de PREVIDÊNCIA SOCIAL, que propôs a reforma imediata da previdência social, com a ampla participação dos trabalhadores em sua administração.

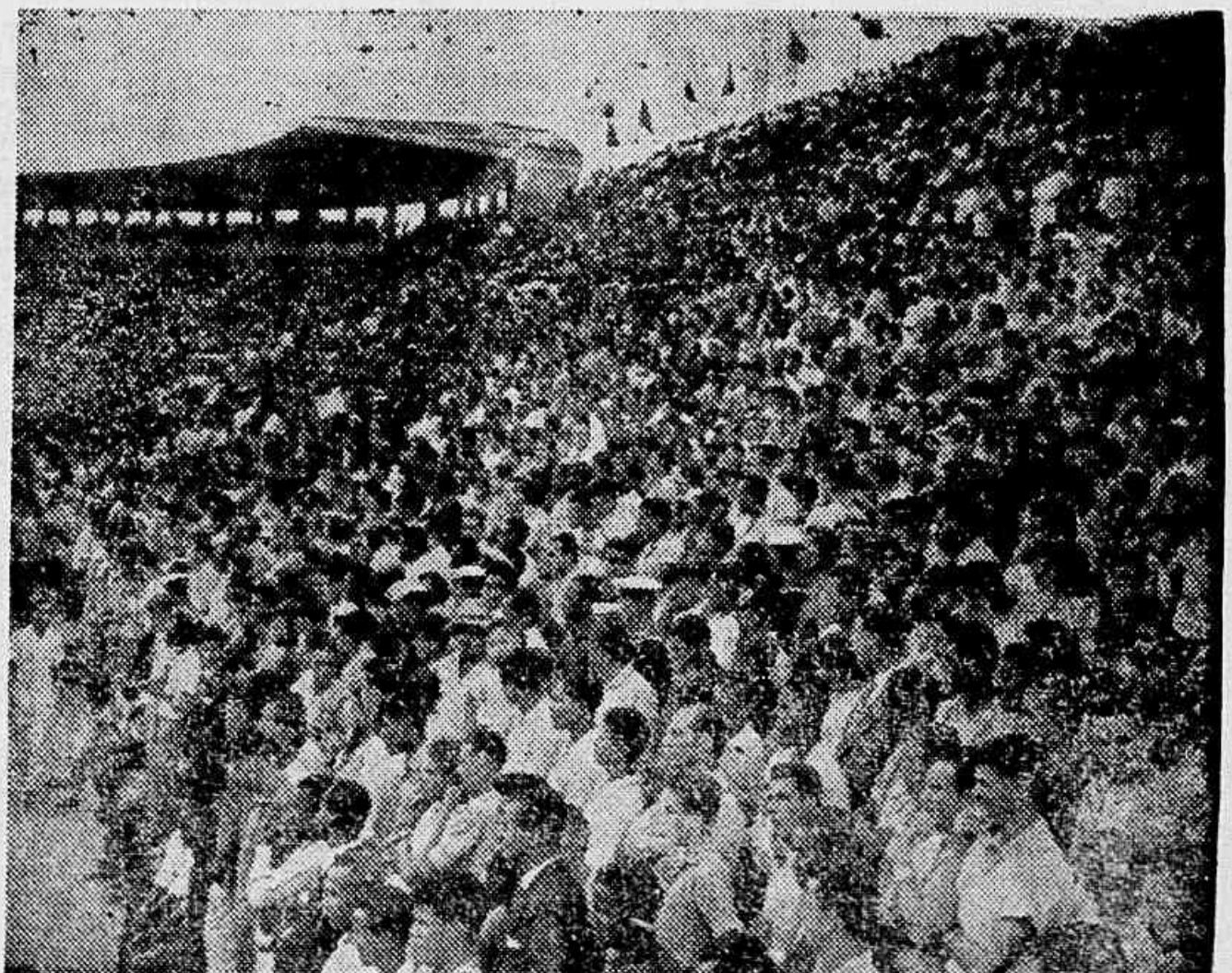
A nota dominante, durante toda a Convenção, foi o espírito de unidade que presidiu aos trabalhos. Resolu-

ção e fiscalização; a da REFORMA AGRÁRIA, LIBERDADE SINDICAL, PAZ SOCIAL E SALÁRIOS. Intensa atividade desenvolveram todas essas comissões, no estudo de mais de 200 teses, sugestões e propostas, aprovadas pelas organizações sindicais participantes.

Preparada cuidadosamente através de uma intensa atividade sindical — assembleias sindicais para escolha de delegados, preparação de teses, trabalho junto às autoridades para obtenção de apoio, ampla propaganda junto às fábricas e locais de trabalho — a Convenção teve como ponto culminante os festejos do 1º de maio, dia internacional do trabalhador.

Da maior importância foram os temas debatidos nesse primeiro encontro dos trabalhadores cariocas. Os problemas que preocupam hoje as grandes massas populares brasileiras — contenção do custo de vida, desenvolvimento industrial, reforma agrária, aumento de salários — foram discutidos pelos trabalhadores, que apresentaram ao governo, em suas resoluções, medidas concretas, capazes de encaminharem a solução daqueles problemas.

Não é possível governar e não se pode atender aos direitos dos trabalhadores sem negando-se a atender às suas reivindicações. O movimento operário brasileiro se desmancha impetuosamente e fracassa quando se tenta manter a unidade, que cresce e se consolida a cada dia.



No 1º de maio, os trabalhadores e o povo superaram o Estado de S. Januário

## AMPLIA-SE A LUTA CONTRA A CARESTIA EM S. PAULO

Constituiu uma empolgante demonstração de unidade e firmeza a concentração contra a carestia realizada pelos trabalhadores e o povo paulistas, no dia 26 de março, em frente à Assembleia Legislativa de São Paulo.

Milhares de pessoas, mobilizadas pelas organizações populares de bairros, pelas associações femininas, pelos Conselhos Distritais e entidades estudantis, tendo à frente o Pacto de Unidade Intersindical, aplaudiram entusiasmadamente os oradores, constituintes de parlamentares, líderes sindicais, estudantis e populares.

As organizações participantes da grande concentração compareceram conduzindo cartazes e faixas contendo palavras de ordem contra a carestia e exigindo das autoridades federais, estaduais e municipais, medidas concretas contra o custo da vida.

### PROCLAMAÇÃO DOS TRABALHADORES E DO POVO DE SÃO PAULO

Os trabalhadores e o povo de São Paulo, presentes à concentração, aprovaram a seguinte proclamação: “Os trabalhadores e o povo de São Paulo, reunidos em frente à Assembleia Legislativa de São Paulo para tomarem conhecimento das medidas adotadas pelos Poderes constituídos, para a aplicação do Programa de Combate à Carestia, aprovado na Segunda Sessão da Convenção Popular de Combate à Carestia, realizada no Teatro Colombo, nesta Capital, em data de 10 de março último, reafirmam o que ali foi aprovado com a participação dos trabalhadores e dirigentes sindicais, Sociedades Amigos de Bairros, Conselhos Distritais, Associações Femininas, Grêmios e Centros Estudantis e representantes dos poderes executivo e legislativo estadual e municipal e proclamam a sua disposição de prosseguir incansavelmente na luta pela efetivação das medidas que contém o referido Programa de Combate à Carestia, o qual já se encontra em poder dos governos Federal, Estadual e Municipal.

Muito embora tenha sido anulada a elevação de 50 centavos nas tarifas das empresas particulares de ônibus da Capital, muito embora tenha o sr. presidente da República mandado elaborar um Plano Nacional de Abastecimento e no qual foram incluídas as principais medidas apontadas no Plano de Combate à Carestia e muito embora tenha o sr. governador do Estado mandado dar publicidade ao Plano de Construção de Silos do Estado de S. Paulo, deixamos bem claro, neste instante, que os trabalhadores e o povo de São Paulo vão intensificar sua mobilização e organização para reforçarmos a luta pela obtenção imediata das seguintes reivindicações:

- a) — Redução de Cr\$ 0,50 (cinquenta centavos) nas tarifas da C.M.T.C., uma vez que estão sendo cobrados ilegalmente;
- b) — Que não se processe nenhum aumento nas tarifas dos transportes rodoferrviários, especialmente quanto às da Cia. Paulista de Estradas de Ferro.
- c) — Imediata tramitação e aprovação do projeto de lei do deputado Homero Silva — já aprovado em primeira discussão na Assembleia Legislativa de São Paulo — que concede isenção de imposto de Vendas e Condições sobre os gêneros de primeira necessidade;
- d) — adoção imediata de esquema para supressão gradativa dos impostos indiretos federais e estaduais;
- e) — Imediata execução do plano de abastecimento do governo federal;
- f) — Adoção pelo governo estadual de energias e imediatas providências no sentido de impedir a criminosa retenção de vagões ferroviários por grupos interessados em evitar a possível e necessária redução de preços do arroz e do feijão;

- Vitória a concentração do dia 26 último
- A proclamação e as sete reivindicações imediatas dos trabalhadores e do povo
- Vigilantes os trabalhadores contra os atentados à Lei de Estabilidade
- Reduzidos os preços do arroz, do feijão e de ônibus particulares
- Greve geral se fôr anulada a estabilidade



Um grupo de operários e populares paulistas, quando no dia 26 último se dirigia para a concentração contra a carestia de vida, em frente à Assembleia Estadual.

participação de dirigentes sindicais e representantes de organizações populares nos plenários da COFAP e COAP bem como nos demais órgãos controladores já existentes ou que venham a ser criados, visando a fiscalização direta do seu funcionamento.

Se os governos tomaram as iniciativas que já enumeramos, tendo mesmo o governo federal enviado o secretário-geral do Conselho Coordenador do Abastecimento para dar conhecimento aos trabalhadores e ao povo de São Paulo das medidas que pretende tomar em favor de suas reivindicações, isto ocorreu graças ao peso da luta constante travada pelos trabalhadores e pelo povo através de suas organizações.

Entretanto, isso não é bastante. É necessário o reforçamento de nossa unidade, de nossa organização e de nossa vigilância. Isto fará com que nossas reivindicações se tornem afinal uma realidade, com a obtenção das medidas imediatas aqui mencionadas.

Nos Sindicatos, nas Sociedades Amigos de Bairro, nos Conselhos Distritais, nas Organizações Femininas, nos Grêmios e Centros Estudantis, em nossas casas e nos locais de trabalho, estamos cada vez mais unidos na defesa dos nos direitos e prontos a irmos a lutas mais sérias se as circunstâncias assim o exigirem.

Sabemos que o povo esclarecido, unido e organizado é a maior e a única garantia da vitória de nossas reivindicações. Queremos alertar particularmente aos trabalhadores quanto à investida que as classes patronais e os setores reacionários tramam contra o sagrado direito da estabilidade no emprego.

Companheiros trabalhadores. Deixamos claro que, caso tentem consumir a anulação da Lei da Estabilidade — venha de onde vier essa ameaça — a nossa resposta será a de

cretação da greve geral em São Paulo e que há de ser seguida por todos os trabalhadores do Brasil.

Da unidade e da organização dos trabalhadores e do povo depende o êxito da luta contra a carestia.

Abaixo a carestia! Viva a unidade dos trabalhadores e do povo!

São Paulo, 26 de abril de 1957.

Não deixa dúvidas que a concentração do dia 26 marcou um importante passo à frente na luta dos trabalhadores e do povo paulistas, no combate à carestia de vida. Ela demonstrou não só um novo nível na unidade das forças populares, mas revelou um mais elevado espírito de luta pela conquista de melhores condições de vida.

É significativo notar o papel altamente positivo que vem desempenhando a classe operária de São Paulo no sentido de unir as demais forças populares para a resistência aos atentados às liberdades democráticas, à soberania nacional e para fazer frente à ganância de uma minoria privilegiada, que enriquece cada vez mais, às custas da miséria do povo.

Falando na concentração, o sr. Salvador Romano Losacco, presidente do Pacto de Unidade, disse que, não obstante os êxitos alcançados na luta contra a carestia, se faz necessária a sua continuação em ritmo cada vez mais acelerado. E acrescentou: «O plano de abastecimento do governo federal é completo. No entanto, o governo se omitiu na reivindicação popular de que os impostos indiretos sejam gradativamente eliminados.»

O deputado Gormalin Feijó, em nome do PSB, assumiu o compromisso de luta pela aprovação do projeto de lei que prevê a supressão do imposto de vendas e consignações sobre os gêneros de primeira necessidade.

### MANIFESTA-SE O SENTIMENTO ANTI-IMPERIALISTA DO POVO

No processo da luta contra a carestia de vida, o povo vai tendo consciência de que o alto custo dos gêneros e utilidades, a elevação constante dos impostos, a queda da produção de determinados gêneros, o aumento das tarifas de bonde, gás, luz, telefone, etc., não estão desligados da atual política do governo em favor dos trusts lanques e dos latifundiários e grandes capitalistas de nossa terra. Daí porque prorrompem em estrepitosos aplausos, quando o sr. Jesus Teixeira da Costa, presidente do Conselho Distrital de Guaiabanas afirmou que, contra a carestia se luta de diversas formas, inclusive contra a política capitalista do governo federal ante a pressão do Departamento de Estado Norte americano.»

### AS VITÓRIAS ALCANÇADAS

Gracias à sua combatividade e persistência, o povo paulista tem conseguido pequenas, porém significativas vitórias. Por exemplo, a redução das tarifas de ônibus das empresas particulares; a apresentação por parte do governo do plano de abastecimento, da instalação de mercados e silos, a redução do preço do feijão e do arroz — todas estas conquistas foram obtidas como resultado das lutas do povo. No passado, quando havia grandes safras, geralmente se queimava os excedentes, em benefício dos especuladores e latifundiários. Agora, ao contrário, já se procura fazer algumas concessões às massas populares, em virtude da sua crescente força.

A esse respeito, é importante assinalar as palavras do sr. Luiz Tenório de Lima, dirigente sindical paulista, que disse: «Sabemos que o povo esclarecido, unido e organizado é a maior e a única garantia da vitória de nossas reivindicações. Na medida em que se amplie e se fortaleça a unidade da classe operária e do povo, maiores serão as vitórias a conquistadas.»

### “O DIVISIONISMO AQUI NÃO TEM GUARIDA”

Encerrando a sessão solene de instalação da I Convenção dos Trabalhadores do DF, o sr. Ari Campista, pronunciou importante discurso, no qual mostrou inicialmente a significação da democracia para o trabalhador, nos planos econômico, político e social.

Em seguida, assinala o fracasso das elites na direção do país, ao mesmo tempo que mostra a crescente coesão dos trabalhadores. «Nós, trabalhadores, somos os maiores interessados na paz e na democracia e aprendemos, pelo nosso próprio sofrimento, uma lição da mais alta importância: as elites fracassaram em todos os sentidos! E os exemplos dolorosos que nos dão servem apenas e tão-sómente para que nos comportemos de maneira contrária à que elas se conduzem. As elites não estudam os problemas reais do Brasil; nós, trabalhadores, vamos estudá-los. As elites se entregam ao gozo material de uma existência vazia de ideais e desprovida de entusiasmo; nós, trabalhadores, nos dedicamos à luta por uma vida cheia de idealismo e revestida de esperanças. As elites se dividem; nós nos somamos. As elites subtraem; nós multiplicamos. As elites perderam a sensibilidade moral; nós preservamos a nossa. Elas se ardem, se desrespeitam, se desesperam; nós nos confraternizamos, respeitamos, mantemo-nos tranquilos. As elites perderam o rumo; nós marchamos com objetivos certos e definidos.»

Falando sobre a importância da Convenção que ora se realiza, disse o sr. Ari Campista: «Esta Convenção não é uma reunião fortuita, não é um episódio isolado, não é um fenômeno esporádico na vida sindical brasileira. Ela tem raízes profundas, raízes mergulhadas na consciência dos trabalhadores, hoje abrigados sob a bandeira que destruímos: a bandeira da unidade da classe operária do Brasil.»

«A unidade sindical é o

signo que inspira a nossa ação; por isso mesmo, daqui sairemos com soluções acertadas para os problemas que vamos debater. Aqui não temos cor político-partidária. Aqui não conhecemos pessoas, partidos, grupos ou facções de qualquer espécie.»

O presidente da I Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal, a certa altura de seu discurso, ressaltou o esforço desenvolvido pelos trabalhadores cariocas, na preparação do importante certame.

«Essa é a nossa posição e nela nos firmamos de maneira inabalável. Para que cheguemos a tão desejado ponto, muito devemos ao zelo, ao carinho e à abnegação dos bravos e dedicados companheiros representantes dos sindicatos cariocas, dignos do mandato que lhes conferiu a nobre classe operária do Distrito Federal; muito devemos aos velhos e experimentados companheiros das federações, lutadores encaixados na batalha diária pelo prestígio e eficiência de suas entidades; e por fim, muito devemos ao apoio incondicional, orientação firme e assistência material e técnica dos dirigentes máximos responsáveis das confederações e que patrocinam, em todos os sentidos, a nossa Convenção.»

Depois de saudar as autoridades presentes, assim concluiu o sr. Ari Campista, dirigindo-se aos convenionistas: «Pela primeira vez somos nós os vitoriosos dos trabalhadores do Distrito Federal. O resultado desta soma há de representar uma força orgânica, uma força viva, uma força atuante — capaz de influir decisivamente nos destinos do país — o que vale dizer, nos nossos próprios destinos como classe consciente, que sabe o que quer, como quer e para que fim o quer. O divisionismo aqui não tem guarida. O derrotismo aqui não há de penetrar. A indiferença aqui não chegará.»

### PROPOSTAS DAS COMISSÕES

Dez comissões funcionaram ativamente na Convenção, cada uma delas examinando as teses referentes a cada um dos dez pontos do programa.

COMISSÃO DE CONTENÇÃO DO CUSTO DE VIDA — mais de 30 teses foram apresentadas, pelos 35 delegados credenciados.

As teses reivindicavam a



# Os Ensinamentos do P.C. Chinês e Nossa Luta

JOÃO GUILHERME

Como já dissemos em artigo anterior, o XX Congresso do P. C. U. S. abriu imensas perspectivas para o movimento da classe operária, para o socialismo e para a paz.

As experiências da gloriada União Soviética, quando aplicadas às condições específicas de cada país, tomam o aspecto de verdadeira energia locomotora. É isso, precisamente, que nos ensina o Partido Comunista Chinês. Este Partido irmão vem contribuindo para a causa sagrada do socialismo extraordinária, para não dizer surpreendentemente. Mas, com a realização do XX Congresso do P. C. U. S. e Partido Comunista Chinês vem interpretando as decisões nele tomadas melhor do que ninguém.

Assim, o editorial do «Jímingpiao» nos dá uma verdadeira aula de materialismo histórico e dialético, e os seus ensinamentos teóricos e práticos muito ajudam a rever as nossas posições e a encarar os nossos problemas por ângulos diferentes e muito diversos do que vimos anteriormente.

Ao dividir de forma sistemática em 4 assuntos o seu editorial, a direção do P. C. Chinês, a meu ver, teve como objetivo facilitar o esclarecimento não só do povo chinês e de toda a sua vanguarda, mas sobretudo dar combate à tendência de alguns que, se dizendo comunistas ou amigos, procuram aproveitar-se dos erros e das consequências decorrentes do culto à personalidade de Stálin e, como cavalo de Tróia, buscam minar o movimento com ideologias do inimigo de classe e assim enfraquecer os PP. CC., cumprindo desta forma as tarefas traçadas por Dulles, chefe mór do imperialismo norte-americano.

No exame das questões internacionais e, sobretudo, as do momento atual, acho que o P. C. Chinês foi de uma clareza e felicidade extraordinárias. Mostra que os acontecimentos da Hungria e da Polónia não são fatos isolados, mas, ao contrário, obedecem a um plano que vem sendo pôsto em prática desde o nascimento da primeira república socialista, cujo êxito aprofundou consideravelmente as contradições fundamentais entre explorados e exploradores no mundo inteiro.

Não teve outro sentido a invasão da jovem República Socialista por 14 países capitalistas, antes beligerantes entre si, que se uniram com o objetivo de afogar em sangue o sonho de milhões de seres humanos que naquela época tornava-se uma realidade para o povo russo. A sua sobrevivência e do regime alcançado com a revolução só foi possível graças, entre outros fatores, ao internacionalismo proletário, à solidariedade internacional da classe operária.

O editorial ressalta que os imperialistas nunca ensaiaram as armas que têm sido voltadas contra o campo do socialismo. Com a realização do XX Congresso, aceitaram-se as provocações por ter sido esse o movimento comunista e operário refinado por novos ensinamentos que facilitam o avanço do comunismo, na U. R. S. S. do socialismo nas democracias populares e a libertação dos povos coloniais e semicoloniais, avanço que se dará com menos erros, com menos sacrifícios para os povos e, sobretudo, para a classe operária, que é o cerne do movimento. Os êxitos do sistema socialista

(mesmo com tantos erros demonstrados no XX Congresso do P. C. U. S. fizeram cair em pânico os elementos mais reacionários e agressivos do campo imperialista.

O editorial desmascara as provocações de Dulles, o porta-voz mais categorizado de bloco imperialista na NATO, e mostra os ensinamentos a tirar dos conceitos por ele emitidos, quando se refere que, na luta contra o comunismo, e os povos que buscam a sua libertação e a paz, os países imperialistas devem estar unidos. Este é o sentido do apelo de Dulles na reunião do conselho da NATO quando falou numa pretensa necessidade de uma filosofia da vida e de uma ação neste ponto crítico da história do mundo. (O grifo é meu). O P. C. Chinês mostra que o apelo de Dulles é uma deixa para os países capitalistas se unirem por cima de suas divergências contra o campo da paz e do socialismo. O ensinamento que o P. C. Chinês tira desse conceito de Dulles é de que se é possível apesar das divergências eventualmente existentes, os países capitalistas se unirem contra o movimento comunista e operário em todo o mundo, particularmente contra a União Soviética, por que não é possível essa unidade entre nós contra eles?

É isso que alguns camaradas do nosso Partido não assimilaram, e continuam confundindo as contradições existentes entre nós e o inimigo de classe, com as divergências e choques de opinião entre nós, membros do Partido Comunista, ou entre um P. C. e outro P. C.

A meu ver essa tese merece ser estudada e aprofundada por nós, comunistas brasileiros, dado que existem alguns camaradas que procuram confundir as divergências, discordâncias pessoais entre membros do Partido com as contradições fundamentais. Isto é, as contradições existentes entre nós e os nossos inimigos, ou melhor entre o povo brasileiro e o imperialismo norte-americano e seus agentes no Brasil.

O choque de opiniões, divergências, etc., sempre existiu e existirá enquanto houver sociedade dividida em classes porque está sempre em marcha progressiva de renovação, sempre tem o que é novo e nasce e o que é velho e morre. Mas os choques de opiniões, as divergências, devem convergir sempre para o aperfeiçoamento, o progresso e não para entrar, retroceder, degradingar os organismos partidários e o movimento revolucionário da classe operária em geral. Os choques de opiniões entre camaradas, opiniões certas e opiniões erradas, devem ser resolvidos sempre tendo em conta os interesses do povo e do Partido Comunista.

No nosso Partido alguns camaradas, discordando da orientação do Partido, rebelam-se contra o organismo superior e procuram aliciar camaradas de outros organismos para seus pontos de vista, certos ou errados, isso não nos interessa no movimento. O fundamental é que esses camaradas fazem, consciente ou inconscientemente, o jogo do inimigo de classe rompendo com princípios partidários, com a coesão e a disciplina indispensável à vitória da causa.

O editorial do «Jímingpiao» nos alerta para esta frase do discurso de Dulles: «é possível uma mudança no caráter do mundo comunista,

seguir, constitui uma possibilidade real». Esse é o grito de desespero do chacal que se vê encurralado e apela para seus amigos a laçaios para tudo fazerem a fim de impedir o ascenso progressivo da humanidade. Para ele, Dulles, é a hora do ataque às posições do campo da paz em todos os lugares e com todas as armas possíveis, desde a infâmia, à calúnia, ao tanque, à aviação, à sabotagem e à desolação.

E a quem serve a rebeldia, a indisciplina de um número considerável de companheiros que trabalhavam no nosso semanário e no diário?

Os artigos de Lulz Mala, de B. Nicolaiwsky, de Aydano e de A. Barata, contribuem para esclarecer, mobilizar o nosso povo em defesa dos seus interesses e da soberania da nossa Pátria? Acho que não. Ao contrário, ao meu ver, só têm um objetivo: desmoralizar o nosso Partido e seus principais dirigentes. Isto é ou não é ir em auxílio de Dulles?

As divergências, as contradições, os choques de opiniões; a luta pela aplicação de novos métodos; a liquidação do culto à personalidade; o combate contra o mandonismo; tudo isso é muito justo e necessário ser combatido, porém tem que obedecer a um princípio: a unidade, a coesão e a disciplina partidária, indispensável para barrar os passos do nosso inimigo fundamental, o imperialismo norte-americano, e expulsá-lo de uma vez por todas do nosso país.

Todas as nossas discrepâncias têm que ser resolvidas dentro do organismo partidário e obedecendo a seus

princípios, como por exemplo: cumprindo as decisões, as tarefas dos organismos, mesmo em desacôrde com elas. Relegá-las, sabotá-las com objeções mesmo que sejam as mais justas possíveis, é atitude antipartidária e não contribui em nada a nosso favor.

A autocritica, a critica fraternal é o meio mais justo para resolvermos os nossos problemas. Isto será mais fácil com o estudo acurado das condições locais. Sem preocupação de vencer e sem paixão procurar o caminho que todos nós desejamos trilhar, é um dever de cada comunista.

Suponhamos que somos marítimos e que o nosso barco em um grande temporal perdeu a bússola e a carta de navegação. É dever de toda a guarnição procurar alcançar o nosso porto de destino. Com qualquer «bode» entre nós, o nosso navio fará água e soçobrá.

O P. C. Chinês, para fundamentar as teses defendidas no editorial do «Jímingpiao», parte da análise do avanço inexorável do campo socialista e, sobretudo, da U.R.S.S. e não da suposta «crise» do movimento operário e comunista mundial, que existe nas cabeças de alguns. Apesar do alto nível político e cultural de que são possuidores, não têm condições ideológicas para discernir o joio do trigo.

Os êxitos da U. R. S. S., apesar dos erros, deram um impulso gigantesco ao movimento comunista em todos os países e, sobretudo, nos países coloniais e semicoloniais. Esse avanço e vitórias têm levado os inimigos da paz e do socialismo a des-

perer e a tempos calamitosos e aventuras.

Ocorre que o P. C. Chinês não fica estatelado diante dos êxitos da U. R. S. S., como muitos dos nossos cultadores. Ao contrário, mostra os erros do P. C. U. S. e do Governo Soviético as suas causas e suas consequências. Sabe que a U. R. S. S. foi o primeiro país a trilhar pelo caminho do socialismo científico, sem nenhuma experiência prática de outros povos. Diz o documento que nenhuma nação conseguiu livrar-se inteiramente dos erros e falhas, embora esses erros e falhas variem em cada país. Para a U. R. S. S. foi mais fácil serem cometidos, por não ter para iluminá-la a experiência positiva de outros países que tivessem enveredado pelo caminho do socialismo.

O P. C. Chinês analisa a experiência soviética desde a formação do Partido até a construção do socialismo e do comunismo, e dá essas experiências como verdade universal do marxismo-leninismo, de aplicação geral a todos os países. O P. C. Chinês, muito diferente dos nossos revisionistas, sem pretensão e auto-suficiência, diz que o que está acontecendo na China é a continuação da Revolução de Outubro.

Enquanto isto os nossos camaradas, alguns com bastante responsabilidade, subestimam o valor internacional da experiência da grande Revolução Proletária dirigida pelo P. C. U. S. Esses camaradas são os mesmos que ontem muito ardorosamente, defendiam a aplicação mecânica dessas experiências e de forma servil.

Acho de valor transcendental os cinco pontos enumerados pelo editorial do «Jí-

mingpiao», os quais para os camaradas chineses assumem característica de verdade universal e de aplicação por todo o movimento revolucionário mundial.

São precisamente os princípios fundamentais que Dulles se propõe modificar, e que quer dizer modificar a essência do marxismo-leninismo, quando apregoa «uma mudança de caráter do mundo comunista». É isso também que querem os nossos revisionistas. Ache que o P. C. Chinês nos dá uma boa lição e abre perspectivas para melhor estudarmos e resolvermos os problemas locais.

Quanto aos camaradas que estão em divergência com o P. C. a melhor forma de chegarmos a conclusões justas é defendermos os nossos pontos de vista como homens de Partido, como comunistas. Isto quer dizer que, em nossos organismos, temos o direito de discordar o dever de darmos a nossa opinião, mas uma vez derrotados devemos acatar a decisão da maioria e aplicá-la. Esta é obrigatoriamente a forma de proceder de um comunista.

Fielis ao marxismo-leninismo e intransigentes defensores do povo, precisamos não dar trégua às idéias revisionistas que se apresentem sob qualquer aspecto, capitulacionista, liquidacionista, oportunista de esquerda ou de direita.

São esses os ensinamentos que assimilei do editorial do «Jímingpiao» particularmente das teses levantadas na sua primeira parte. Todavia seus ensinamentos poderiam ter chegado às nossas mãos há mais tempo, se não tivessem sido sorregados pelos artigos redatores do nosso semanário.

## O Camarada Agildo e a «Democratização do Partido»

DURVAL TAVARES SOBRINHO

Há alguns anos que o camarada Agildo comparece nas colunas de nossos jornais com artigos exaltando a significação da Revolução Socialista de Outubro e sua decisiva influência na construção de nosso Partido.

O ano passado, para não fugir à regra, volta o camarada em artigo publicado na VOZ OPERÁRIA de 2-2-57, lançando a seguinte palavra de ordem: «Pela Democratização do Partido», como se alguém dentro do Partido estivesse opondo barreiras intransponíveis para que tal processo se iniciasse.

É estranhável sob todos os aspectos — forma e conteúdo — a maneira como o camarada expõe o seu ponto de vista sobre todos os problemas em discussão, particularmente sobre o que ele denomina de «Democratização do Partido», se se levar na devida conta o «Projeto de Resolução do CC» publicado na «Imprensa Popular» de 19-10-56 e a carta do camarada Prestes publicada no mesmo jornal, edição de 20-11-56.

Em seu artigo diz o camarada Agildo: «Nos tumultuosos dias da Primeira Grande Guerra Mundial, o gênio de Lenin, assessorado por um poderoso grupo de intelectuais e filósofos, lança-se impetuosamente contra a corrente e proclama morta a Segunda Internacional: «Viva a Terceira Internacional». O que acima foi dito expressa a meu ver apenas uma parte da verdade histórica e, para completá-la, acho necessário, imprescindível mesmo, que se acrescente a participação ativa e decisiva da massa de milhões que apoiaram o grupo chefiado por Lenin, isto porque naquele momento expressavam suas aspirações mais sentidas. Se não se acrescentar a participação da massa de milhões, falseia-se a verdade histórica, ao querer impingir ao movimento revolucionário que os sábios e os gênios são tudo e a massa nada.

Aliás, segundo se depreende do artigo do camarada quando diz que «A busca do novo é sempre um ato de inteligência» (o grifo é de A. B.) e que a descoberta do novo surgirá da inteligência ou da «inteligência marxista» (o grifo é de A. B.) outra coisa não deseja o camarada senão entregar a massa de milhões de brasileiros, e particularmente o proletariado, de mãos atacadadas a um pequeno grupo de intelectuais. De forma alguma podemos concordar com a tese do camarada porque: 1) — no seio de nosso Partido não há lugar para existência de grupos ou frações e muito menos para grupos de privilegiados no sentido de orientar e dirigir a luta de nosso povo; 2) — o movimento socialista está repleto de exemplos negativos da participação da inteligência ou «inteligência marxista» como orientadora e dirigente do movimento de libertação do proletariado, como deseja o camarada

Agildo; 3) — o proletariado no Brasil já é uma força poderosa e além do mais possui o seu destacamento de vanguarda — o Partido Comunista — único instrumento capaz de, junto com a massa de milhões de explorados e oprimidos, e na base da rica experiência acumulada pelo proletariado revolucionário internacional, aliado à nossa experiência, encontrar o caminho brasileiro para a libertação nacional e social de nosso povo; 4) — recentemente, a «intelectualidade» ou «inteligência» que o camarada Agildo deseja venha a ser líder e orientadora do movimento revolucionário em nossa pátria demonstrou completa incapacidade quando do debate em torno do XX Congresso do PCUS e, particularmente, em torno da luta contra o culto à personalidade. Não foram poucos os intelectuais que, a pretexto de combater o culto à personalidade, outra coisa não fizeram senão enxovalhar o nome de nosso Partido frente aos Partidos irmãos e especialmente frente ao glorioso Partido Comunista da União Soviética. Aproveitando-se de nossa imprensa e da falta de vigilância de nosso CC, destilaram uma série de infâmias e calúnias contra o movimento socialista, procurando assim levar a confusão, o pânico e a desagregação no movimento revolucionário de nossa pátria, quando mais necessário se tornava a unidade e coesão para enfrentar os atentados do imperialismo norte-americano e seus sócios internos. A intelectualidade ou «inteligência» não pode de forma alguma assumir o papel de dirigente do proletariado. Os intelectuais, nesses 35 anos de vida de nosso Partido, têm dado uma valiosa ajuda ao movimento revolucionário, não por serem intelectuais, mas fundamentalmente pelo esforço que fizeram e vêm fazendo, se bem que insuficiente ainda, na assimilação da ideologia do proletariado — o marxismo-leninismo.

Na busca da verdade, acha o camarada que ela só pode surgir do choque violento — por vezes brutal — dos conflitos de contrários em presença». A meu ver, esta tese merece discussão sob todos os seus aspectos e não de forma unilateral. Se se trata de solucionar contradições antagônicas, acho possível mas não taratavo o emprego da violência e mesmo a brutalidade, mas quando se trata de solucionar contradições não antagônicas, de forma alguma se pode admitir o método da violência ou da brutalidade.

Admitimos que as condições antagônicas são inerentes à própria sociedade dividida em classes, mas para solucioná-las (Conclui na 11ª página)

# NOSSO PARTIDO PASSA PARA UMA ETAPA SUPERIOR

Com o Projeto de Resolução de outubro de 1956, o Comitê Central deu uma grande contribuição para o fortalecimento de nosso partido. Denunciou os erros e defeitos existentes no partido, abriu uma discussão democrática para que todos os militantes tenham a possibilidade de opinar livremente sobre as questões levantadas no Projeto de Resolução. Os membros do partido têm, assim, possibilidade de desenvolver as teses justas apresentadas no documento, de combater as questões que porventura não sejam certas e de apresentar novas contribuições.

A sabedoria coletiva do partido dará uma enorme soma de ensinamentos que muito ajudarão para encontrarmos o verdadeiro caminho da revolução brasileira.

O nosso Partido, desde seu aparecimento na arena política até os dias de hoje, sempre foi fiel à classe operária, ao internacionalismo proletário e à União Soviética. Toda a sua existência está cheia de exemplos maravilhosos, de abnegação na luta em defesa dos interesses do nosso povo e da nossa pátria, contra o imperialismo e seus agentes no Brasil e em solidariedade a todos os povos. E' bem grande o número de nossos camaradas que tomaram em defesa da causa do povo nas lutas heróicas de nosso Partido. O P.C.B. colocou-se sempre à frente de todos os movimentos patrióticos e democráticos. Temos percorrido um caminho duro e espinhoso, mas pouco a pouco fomos nos fortalecendo e adquirindo experiências. Hoje o nosso Partido galgou um escalão superior, seu passado é a melhor prova de sua invencibilidade, de seu grande prestígio entre as amplas massas de nosso povo e da confiança que goza entre todos os Partidos Comunistas e Operários irmãos. Mas, seria completamente falso e puro idealismo pensar que poderíamos chegar até aqui sem cometermos erros, sem falhas e defeitos em nosso trabalho.

Cometemos muitos erros, e alguns bastante sérios, que causaram prejuízos ao movimento revolucionário. No entanto, nossos êxitos e vitórias sempre foram muito maiores que nossos erros e insucessos.

Como é sabido, todas as coisas, todos os fenômenos têm seus lados positivos e negativos. Nada existe no mundo que possa crescer e desenvolver-se, que tenha apenas lados positivos ou apenas negativos. Estes dois aspectos existentes em todas as coisas formam uma contradição permanente e sua tendência é atravessar-se até que haja a superação. Isto acontece no Parti-

do, onde as contradições são superadas através da luta de opiniões, da crítica e da autocritica. Engels diz que: "... desde que a contradição cessa, a vida também cessa". Por isso, enquanto existir o partido estaremos sempre lutando para corrigir erros, para que ele avance e se fortaleça.

O Partido Comunista é por sua natureza diferente de todos os outros partidos políticos. Seu guia é o marxismo-leninismo, que é a doutrina do proletariado e a ciência social mais elevada do mundo, a única certa e verdadeira. Os comunistas formam-se dentro do partido, ligados com a massa e através de um longo período.

Quando as pessoas entram para o Partido trazem consigo uma bagagem de defeitos, resultado da própria sociedade em que vivem. Esses defeitos só vão diminuindo à medida que se vai adquirindo a ideologia marxista leninista. O comunista que mais rapidamente adquire a ideologia proletária liberta-se com mais rapidez de seus defeitos. O contrário acontece com o comunista que se retarda a assimilar a ideologia do proletariado. Seus defeitos o acompanham por muito mais tempo e levam-no a cometer maior número de erros e de caráter mais grave. E' isso prejudica a atividade do organismo onde esse camarada atua.

Os erros e falhas do partido levantados no Projeto de Resolução do C.C. têm suas origens na formação do partido, são também frutos da própria sociedade brasileira e refletem a composição de classe dessa sociedade.

Nos países atrasados como o Brasil, onde são profundos os restos feudais e patriarcais; país em que predomina a pequena produção e as forças produtivas e as relações de produção são atrasadíssimas; terra em que seu povo jamais conheceu a verdadeira democracia e tem um nível cultural bastante baixo, a consciência da classe operária e das massas trabalhadoras é muito mais atrasada do que nos países desenvolvidos. Esta situação influi na formação do Partido Comunista. Isto se reflete dentro do partido de maneira negativa e contribui para que mesmo os elementos proletários que ingressam no partido encontrem dificuldades para assimilar a doutrina de Marx e Lenin. Daí a aplicação, com grande frequência, da maneira incorreta, do marxismo-leninismo à realidade brasileira. Como

## TESTOR VERA

nos mostra a experiência da luta de libertação nacional, nos países coloniais e semicoloniais, a intelectualidade progressista é parte mais avançada da pequena burguesia, ocupa uma posição destacada nos movimentos democráticos e patrióticos.

Ao surgir os P.P.C.C., grande parte de seus componentes nestes ingressam. Assim, no Brasil, tal fenômeno permite fazer penetrar no Partido a influência das ideologias estranhas ao proletariado.

Estes fatores contribuem para que os erros e defeitos do Partido adquiram um caráter mais agudo e a sua correção seja mais prolongada. O fator interno — a composição social do Partido — e o fator externo — a influência que exerce no partido a estrutura de classe da sociedade brasileira — são causas que contribuíram para surgimento dos atuais erros e defeitos de nosso Partido. Por isso, a luta de opiniões que se trava no Partido, é nada mais nada menos que o reflexo dentro do Partido das contradições das classes existentes em nosso país.

Com a legalidade, em 1945, nosso Partido cresceu consideravelmente em quantidade. Com a realização do IV Congresso, com a superação dos planos de recrutamento e com a nova estrutura orgânica, aumentou o número de novos militantes. O Partido elaborou seu programa e modificou seus estatutos. Apesar de suas falhas esses documentos significaram um grande avanço para o Partido. Mas o desenvolvimento teórico e ideológico, fundamental para um partido da classe operária, não acompanhou o ritmo de seu crescimento numérico.

Não se pode negar o esforço que nos últimos anos, o Partido realizou para impulsionar a educação marxista dos seus quadros. Isto constitui um dos seus grandes méritos, e o resultado deste trabalho foi grande e valioso. No entanto, a formação ideológica e teórica do Partido sempre esteve bastante atrasada em relação à construção orgânica. Este fato contribuiu para os erros do Partido, possibilitou que o culto à personalidade de Stálin se desenvolvesse, e tal desvio do marxismo-leninismo encontrou em nossas fileiras um campo propício e foi levado ao exagero, causando inúmeros prejuízos ao movimento revolucionário no Brasil.

Os erros e defeitos do Partido, que procuramos extirpar com decisão, têm causas determinadas que precisamos revelar. Estas causas só podiam ser os mesmos tipos de erros. De um

ovo de galinha só pode nascer um pinto e não um crocodilo, assim com um grão de milho só pode germinar um pé de milho e não de arroz ou trigo. Cabe eliminar tais causas se não queremos a repetição dos mesmos erros sob outras formas.

Elevando o nível teórico e ideológico do partido e melhorando sua composição de classe, daremos um passo decisivo para evitar a repetição dos erros, defeitos e métodos tão prejudiciais. Surgirão depois outros erros, mas de caráter diferente, e sempre haverá algo de comum no combate a ele, sempre é e será obrigatório e indispensável para extirpar os erros, sejam quais forem suas causas, usar os métodos da crítica e autocritica, melhorar o trabalho ideológico e fortalecer a unidade do Partido em torno de seu centro dirigente, o Comitê Central.

Os erros apontados no Projeto de Resolução não eram obrigatórios, nem deveriam inevitavelmente perdurar tanto tempo. Poderiam ter sido eliminados há mais tempo. Mas não estávamos em condições de evitar que assim sucedesse, por falta de um domínio do marxismo-leninismo, principalmente pelo C.C. O XX Congresso do P.C.U.S. desperdiçou-nos para o exame de nossa atividade, para a necessidade de descobrir nossos erros e defeitos e corrigi-los. O Partido ao tomar essa medida, deu um grande passo para o seu fortalecimento.

Todas as coisas, quando no período de mudança qualitativa, atravessam uma situação delicada e complicadíssima — os períodos de transição são os mais difíceis. Particular atenção se deve ter para com o novo que surge e vai vencer. Os homens, ao lutar pelo domínio da ideologia do proletariado chocam-se com a velha ideologia e ao mesmo tempo encontram dificuldades em manejar o marxismo-leninismo. A luta interna trava-se na própria consciência do indivíduo e o mesmo acontece com o Partido Comunista. Ao atravessar os períodos em que dá um salto de qualidade, a um grau superior, passa também por uma situação delicada e difícil.

Por este motivo, não é de se estranhar que existam comunistas com dificuldades em compreender a situação que atualmente atravessa o nosso Partido. Alguns caem no negativismo, pensando que o Partido vai-se enfraquecer. O que se passa é o contrário, nosso Partido sairá mais forte porque entrou por um novo caminho, o da luta de opiniões franca e aberta, com ampla liberdade de discussão para todos seus militantes, da prática com o espírito da

carta do camarada Prestes. Isto só tem que levar o Partido a descobrir a verdade, pois quem escuta a todos aprenderá a verdade e quem crê em um só, ou em um pequeno grupo isolado, ficará na ignorância, ou com um conhecimento muito vago. Será uma campanha dura, mas será vitoriosa. Será pesada, porque nossos erros não são uma coisa isolada, estão enraizados no Partido. São o resul-

tado de todo um sistema que levou anos para consolidar-se. Não poderá também destruir-se da noite para o dia, necessitar-se toda uma campanha firme e decidida com sérios obstáculos a enfrentar. Mas será sem dúvida nenhuma uma campanha muito proveitosa. O Partido sairá com nova vida, com novo vigor e cumprirá com honra sua missão histórica de vanguarda da classe operária.

## O CONGRESSO DO PARTIDO...

(Conclusão da 14ª página)  
3.º — A União Soviética foi o escudo protetor do campo socialista de nações.

4.º — A União Soviética tem sido o firme ponto de apoio de todas as lutas dos povos coloniais por sua liberdade.

5.º — A União Soviética prolongados aplausos ouviram-se quando Gollan afirmou: «Este é o imenso papel histórico da revolução russa e nada e ninguém jamais poderá igualá-lo ou contestá-lo».

Referindo-se a Stálin diz o informe: «Os erros de Stálin tiveram origem, desenvolveram-se e se difundiram sob condições sociais e históricas especiais: a inevitável falta de experiência na direção do primeiro Estado proletário, a influência do passado capitalista e feudal no novo sistema, os efeitos restritivos para a democracia de uma longa e árdua luta interna e externa. Mas tais condições não eram ainda decisivas: a forma atual, sob a qual surgiram as distorções do socialismo, foi devida ao caráter pessoal de Stálin.» Acrescenta o informe que examinar os grandes serviços prestados por Stálin à revolução significa examinar a essência da revolução.

Afirma o informe que a luta comum pelo socialismo exige o reforçamento do internacionalismo proletário tendo a União Soviética como centro. Isso não diminui, mas ao contrário, aumenta a responsabilidade do Partido Comunista de cada país na elaboração de sua própria política. Sugere e informa que seja convocada uma reunião de certo número de partidos comunistas em acréscimo às reuniões bilaterais.

Em sua análise autocritica o Informe resalta alguns pontos como o sectarismo e a rigidez no trabalho passado; a mora em organizar uma efetiva campanha pela cessação dos banimentos e proscricções no movimento trabalhista contra o Partido Comunista; apresentação do problema da unidade no movimento operário, de modo a alentar a idéia do partido como um grupo infiltrado no movimento trabalhista; isolamento das campanhas pelas reivindicações imediatas, sem ligação com campanhas políticas; discussão política feita para dentro, com prejuízo de trabalho de massas, etc.

Revela o informe que os efetivos partidários sofreram uma queda de 33.900 membros para 27.000, desde o Congresso anterior. «Confiamos em que muitos dos que nos deixaram voltarão como resultado da experiência política e é desnecessário dizer que serão todos bem-vindos».

### OBJETIVOS IMEDIATOS

Em sua conclusão diz o informe: «O Partido atravessou um período difícil. Os ataques contra nós, de todas as direções, nunca foram tão sérios, mas já ultrapassamos este período. O Congresso deve saudar a maneira pela qual a imensa maioria de nossos camaradas se manteve firme em torno dos princípios comunistas».

## A População de Dourados Repudia a Cessão de Fernando de Noronha

DOURADOS — (Mato Grosso) — Do correspondente — Indignados com o ato do governo federal que entregou a Ilha de Fernando de Noronha aos belicistas americanos para base de guerra, patriotas, democratas, das mais diversas filiações partidárias, acabam de enviar ao Deputado Leônidas Cardoso um abaixo-assinado no qual, entre outras coisas, se diz: «Pedimos a V. Exa. protestar com todas as suas forças a fim de que o Congresso Nacional não confirme esta medida entreguista do governo, que está seguindo uma linha política completamente diferente daquela que reclamam os reais interesses do nosso povo.»

Num apelo ao Congresso, conclui o documento: «Confiamos que o Parlamento Nacional, compos-

to de grande número de patriotas sinceros, não irá ratificar um ato indigno para com a soberania nacional, como este que entrega Fernando de Noronha aos belicistas americanos.»

O abaixo-assinado contava com mais de 1.400 assinaturas, colhidas nas feiras, nas vilas e povoados, etc.

## Comunistas de Santos Congratulam-se Com Deputado do P S P.

Ao deputado federal Rubens Ferreira Martins, da bancada do PSP, foi enviado o seguinte telegrama:

«Em nome dos comunistas de Santos, congratulamo-nos com V. Excia. por motivo de sua promoção a líder da bancada do PSP na Câmara Federal. Esperamos que a bancada do partido cujo candidato, apoiado em forte coligação, foi vitorioso em Prefeitura de Santos, continue colocar-se ao lado das forças patrióticas que no momento lutam contra a entrega de Fernando de Noronha, só a ser de nossa Pátria.»

## O CAMARADA AGILDO E A «DEMOCRATIZAÇÃO DO PARTIDO»

(Conclusão da 10ª página)

As de forma justa não se devem adotar fórmulas ou esquemas gerais, mas se deter no estudo da rica experiência acumulada pelas lutas do proletariado revolucionário e nas particularidades concretas em que elas se apresentam em cada lugar. Na sociedade brasileira há inúmeras contradições antagônicas, mas as principais contradições que, no momento atual, se verificam no Brasil são as que contrapõem os imperialistas norte-americanos à maioria esmagadora da nação e, simultaneamente, os restos feudais ao povo brasileiro». (Inf. de Prestes — Prob. 64). E' possível que a solução desta contradição se processe sem o emprego da violência e mesmo da brutalidade, já que a forma está condicionada a meu ver à atitude e posição das forças em presença, isto é, o emprego da violência ou da brutalidade depende mais da atitude das forças contra-revolucionárias do que mesmo das forças revolucionárias.

Sendo o Partido constituído de parte da sociedade brasileira, nele ingressaram e têm ingressado elementos das mais variadas camadas, portadores de ideologia completamente estranha ao proletariado. Claro está que dentro dele há também contradições, mas estas contradições são a meu ver radicalmente diferentes das que existem no seio da sociedade brasileira, já que não são de caráter antagônico.

Se para solucionar as contradições existentes no seio da sociedade brasileira admitimos a possibilidade de solução sem o emprego da violência ou da brutalidade, afirmamos categoricamente a exclusão de tal método para solucionar as contradições existentes no seio de nosso Partido. Advogar a tese do emprego da violência ou da brutalidade para a restauração da democracia dentro de nosso Partido, é negar a própria democracia, e o «ato de coragem» ao debater tais problemas assume aspectos insignificantes se não se apoiar nos princípios e na fidelidade à causa por que todos lutamos.

Quanto à maneira como o camarada Agildo pensa em

realizar a «Democratização do Partido» nada mais falso, já que se atém apenas aos efeitos e não às causas que determinaram tais anomalias na vida do Partido. Para democratizar o Partido acha o camarada «que o que há de mais urgente a fazer é mudar os métodos». Todos nós achamos que é necessário a democratização do Partido, mas não creio que a mesma se processe apenas com a modificação dos métodos. Se há métodos errados é porque existe de nossa parte uma concepção errônea do que seja nosso Partido. A meu ver, portanto, ao lado do processo de democratização em curso em nosso Partido, é indispensável que aprofundemos o estudo do marxismo leninismo como «filosofia completa e acabada do proletariado». A medida que tivermos uma concepção mais nítida do papel de nosso Partido, os métodos serão paulatinamente modificados. Queremos ao contrário é chover no molhado. Sem afastar as causas que determinaram efeitos, inútil e mesmo prejudicial se torna afastar ou modificar estes.

Outro argumento falso do camarada para a democratização do Partido, é quando ele acha que se deve «fazer modificações no Presidium e no Secretariado, afastando desses organismos os camaradas mais categorizados nos métodos arbitrários e mandonistas». Não creio que a garantia da democratização na vida do Partido esteja na dependência direta ou indireta do afastamento deste ou daquele camarada «categorizado» do Presidium ou mesmo do Secretariado, mas sim na medida em que todos nós procurarmos, à base da crítica e autocritica, melhorar nossa própria atividade e ajudar os camaradas mais responsáveis a romper com tudo o que é velho a fim de dar expansão e pleno desenvolvimento ao novo. A luta pela democratização do Partido não pode, a meu ver, ser levada a efeito «de qualquer modo» como pretende o camarada Agildo, mas sim dentro de princípios, levando em conta os interesses mais gerais e específicos do proletariado, e jamais subordiná-la aos interesses mesquinhos e egoístas de um pequeno grupo de «intelectuais iluminados».

# O Que Querem os Partidários da Dissolução

VALTER POMAR

Encontramos na VOZ OPERÁRIA de 6-4-57 e de 13-4-57 artigos dos camaradas Simão Gorenber e Severino de Oliveira, sobre o trabalho juvenil do Partido. Deve-se dizer, inicialmente, que os camaradas tentam fazer um resumo das conclusões da II Conferência Nacional da UJC onde, por maioria e não por unanimidade, como procuram dar a entender, foi aprovada e documento apresentado pela Comissão Nacional.

Os camaradas partidários da dissolução, como o demonstram Simão e Severino, estão «indignados» por receberem a «etiqueta de liquidacionistas». Não era nenhuma intenção falar sobre isso, mas é necessário dar a atenção por ser um dos argumentos capciosos utilizados, principalmente pelos membros da CN, para indicar uma série de membros da UJC. Chegaram a convocar reuniões para enviar «protestos» ao CC, pela atitude do Presidium contra a dissolução. Levantam-se contra o que denominam «críticas» nos debates e dizem não passar de zélonia a afirmação de que pretendem liquidar com o trabalho juvenil; «queremos — exclamam — acabar com a UJC burocrática e sectária, e não com o trabalho juvenil do Partido».

Portanto, tais palavras, aparentemente justas, precisam ser vistas mais de perto.

Não é totalmente verdadeira a afirmação de que «com o surgimento do Projeto de Resolução do Comitê Central, com o fechando trabalho que se iniciou no Partido... os militantes da UJC julgaram chegada a hora de examinar, de maneira mais aberta e democrática possível, a tática traçada pelo Partido para o trabalho com a juventude». Sabe-se que, antes mesmo do Projeto de Resolução, os camaradas da CN já haviam começado a examinar a tática do Partido no trabalho juvenil, não dentro do Partido, como deveria acontecer, mas na UJC, onde há muitos jovens que não pertencem ao Partido.

Sabe-se, também, da forma tendenciosa como foram conduzidos os debates na Juventude Comunista. Todos os documentos da CN e do SN, desde o questionário até o documento da Conferência, conduziam a uma única solução: a dissolução. Essa tendência tem sido severamente criticada, inclusive por camaradas partidários da dissolução. Portanto, também são falsas as alegações sobre a discussão «mais aberta e democrática», ou, como quer provar o camarada Severino, «com o grande mérito de não ter idéia preconcebida, isto é, procurando-se não influenciar os militantes». Caem por terra, pois, tais afirmações e, aqui sim, caberia a ironia do camarada Simão: «Pode escolher a vontade, desde que se case com Maria». Maria, ali, tem um pseudônimo muito conhecido: Dissolução.

Os camaradas Simão e Severino tentam provar que os partidários ferrenhos da dissolução não são «liquidacionistas». Querem dissolver a UJC, acabar com ela, liquidá-la, e ainda desejam ser «brindados com o cognome de «constructores». Entretanto, como afirma Severino, o problema é mais sério e profundo, pois esgrimindo o problema da UJC como uma simples questão de tática, desligado das concepções programáticas, tentam fazer passar gato por lebre.

O camarada Simão afirma serem grosseiros os argumentos «contra todos aqueles que, ao discutir os problemas do trabalho juvenil, concluíram pela necessidade

de uma revisão radical na tática do Partido, neste particular». (Grifado por mim). Também o camarada Severino e os demais partidários da dissolução batem insistentemente nessa tecla. E por que o fazem? Porque, provando aos membros do Partido que a UJC é uma simples questão de tática, lhes será mais fácil obter as modificações que advogam, isto é, a dissolução.

Também, esse é o erro básico dos partidários da dissolução, pois é impossível, como querem fazer, desligar a concepção sobre o trabalho juvenil do Partido das concepções mais gerais da estratégia. Os camaradas Simão e Severino não compreendem que a juventude é uma reserva da revolução, sem a participação da qual não será possível obter as transformações radicais que exige a sociedade brasileira.

No entanto, será isso uma simples incompreensão da estratégia? Não, em absoluto. Acontece que tais camaradas consideram que o Programa do Partido «é coisa do passado», está superado, e que seu caráter revolucionário é «sectário» e «subjetivo». Portanto, as camaradas não desejam revisão radical na tática do Partido, só em relação à UJC. Querem uma revisão total em toda a estratégia e tática do Partido. Não objetivam fazer as correções que são, realmente, necessárias no Programa, mas querem deixá-lo sem aquilo que tem de fundamental: a caracterização da etapa atual da revolução brasileira, o papel das forças motrizes e o papel do proletariado, como força hegemônica.

Mas, o camarada Severino pergunta, indignado e na mais santa inocência, «em que documento, em que discussões» eu vi dúvidas ao caráter da revolução? Fico pensando que o camarada não leu o documento da II Conferência, mas se quer achar o que procura basta passar a vista nas atas. Além do mais, seria bom que o camarada Severino, assim como o camarada Simão, revisse os conceitos emitidos como proposta para o trabalho juvenil do Partido, onde está plenamente desenvolvida a restrição ao caráter da revolução, a subestimação ao Partido, etc., como vemos mais abaixo.

Nisso tudo consiste o liquidacionismo dos camaradas. E' evidente que não levantam «nenhuma questão sobre a liquidação do P.C.B.», como assegura o camarada Simão, mas seus argumentos, se aceitos, conduzirão o Partido, mais cedo ou mais tarde, ao mesmo caminho em que conduziu a UJC. Na Hungria, também, se dizia que o desejo era reforçar o poder democrático-popular e o Partido. Hoje, sabemos muito bem aonde levariam as idéias de Nagy e cia., se tivessem prevalecido.

A UJC, antes mesmo de qualquer resolução do CC, está sendo praticamente dissolvida, pelos partidários da dissolução. Por essa razão não procede a afirmação do camarada Simão de que «o que se fez na UJC foi apenas proceder a um estudo da realidade da juventude e da prática de seus anos de atividade e opinar sobre a tática que deveria ser empregada pelos comunistas» e de que «o entrave à busca de soluções justas... não cabe de forma nenhuma, aos partidários da dissolução».

Quem ler o documento aprovado na Conferência Nacional, no qual houve pequenas modificações durante os trabalhos, nota que, apesar

de seus lados positivos, o «estudo da realidade» não passou de um estudo de gabinete onde, como acentuou muito bem o camarada Jair de Oliveira (V.O. 30-3-57), não há qualquer análise do ponto de vista de classe (aliás, essa falta de espírito de classe é notada em todo o documento), e que equivale dizer que, naquele estudo, prevaleceu o espírito de classe da burguesia, em detrimento do espírito de classe do proletariado. Assim, não se dá a importância que cabe ao trabalho juvenil do Partido, determinando as posições revisionistas, nacional-reformistas e liquidacionistas dos camaradas.

Além do mais, a quem cabe o entrave à busca de soluções justas, quando se sabe que aqueles que são contrários à dissolução estão provando, praticamente, que é possível desenvolver a UJC desde que se defina seu caráter, seus objetivos, suas formas de organização e atuação, enquanto os partidários da dissolução só trabalham num sentido: dissolução? Também, a argumentação de que a UJC é uma organização estreita e sectária, ocupada permanentemente com as tarefas de agitação do Partido não prova a necessidade de se dissolver a Juventude Comunista, constituindo um argumento falso e nada autocrítico. Não entrarei em seu mérito por já haver tratado dele em artigo anterior e porque o camarada Jair (artigo citado) lhe deu a devida atenção. No entanto, gostaria de perguntar aos camaradas Simão e Severino se a UJC, ocupada permanentemente com as tarefas de agitação do Partido, não é estreita e sectária justamente por esse motivo.

No final de seus artigos os camaradas citados dão a solução para o trabalho juvenil do Partido. Diz o camarada Simão: «Trata-se de substituir o trabalho, até aqui realizado pela UJC... por um trabalho diversificado e levando em conta a diversidade de características da juventude nos diversos setores da juventude.» (Grifado por mim.)

Alí está mais um dos nós das incompreensões dos partidários da dissolução. E' profundamente errôneo encarar a questão das características da juventude da forma como o fazem. O que caracteriza a mocidade como um setor importante da população e, em minha opinião, determina que ela seja considerada uma reserva direta da revolução, não é a diversidade nos seus setores (que, na verdade, existe), mas as peculiaridades espirituais próprias de toda a juventude, independente da camada da população a que pertença. Isso é que nos dá a necessidade de um trabalho de tipo especial.

Já dizia o camarada Kalinin, em 1926: «A juventude não passou ainda pela experiência prática da vida, pela experiência política da luta revolucionária, pela experiência das lutas entre as classes, pela experiência de direção, de atração das massas. A juventude não possui essa experiência». E' ainda o camarada Kalinin quem nos ensina que o que caracteriza a juventude, «o que a distingue particularmente são suas qualidades espirituais peculiares». (M. Kalinin — Discurso no VII Congresso do Komsomol.) E' são ainda os próprios partidários da dissolução que reconhecem serem essas características «próprias dos jovens em to-

dos os tempos, embora encontrem melhores condições para expressar-se numa época que em outra».

Sem dúvida que a juventude, justamente por ser juventude, não pode possuir a «consciência coletiva... o patrimônio de experiências, tradições e organizações» que tanto apregoam os camaradas que advogam a dissolução; que essa consciência a juventude a terá na medida em que for se tornando adulta, através de uma educação que se baseie, precisamente, nas peculiaridades espirituais que lhe são próprias. Isso o compreende qualquer professor de primário, mas nossos camaradas da CN e do SN acham possível ganhar os jovens e «difundir o marxismo-leninismo» através das organizações do Partido, não sendo necessário uma organização de tipo especial «cabeças para tal fim». Não compreendem que as peculiaridades da juventude são um fator objetivo e que o Partido precisa levá-las em conta, como tal. Foi precisamente por não compreendermos isso que a UJC se transformou na organização estreita e sectária que vemos hoje em dia.

Portanto, o CC, ao reorganizar a UJC em 1950, não partiu de uma necessidade puramente subjetiva, mas do fato de que a juventude é de grande importância para o movimento revolucionário, possui inúmeros problemas e que, para ser ganha, é necessário que se leve em conta as características objetivas que lhe são próprias, precisamente por ser juventude. Nisto consiste a justiça da Resolução de 1950, confirmada nos debates do IV Congresso, em 1954.

E' certo que erros existiram e existem. Mas, nossa obrigação é corrigi-los, pois o que houve na atividade prática da Juventude Comunista, nestes 6 anos de vida, foi a violação dos princípios que nortearam sua reorganização. Não se pode negar a experiência acumulada durante todos esses anos e o que se deve fazer é partir delas para corrigir os defeitos. O que pretendem, no entanto, os partidários da dissolução é liquidar, não os erros, mas a organização juvenil comunista, cuja tarefa é ganhar as massas juvenis, educando-as no espírito marxista-leninista.

Além do mais, ao advogar a integração dos militantes da UJC nas fileiras do Partido para que procurem «reforçar o movimento sindical através de atividades recreativas, culturais e esportivas» e «difundir o marxismo», os partidários da dissolução rebaixam o papel do Partido a um simples instrumento dos sindicatos e, somente, propagador do marxismo. A tarefa histórica do Partido é muito mais exigente, deveriam sabê-lo os partidários da dissolução. Aliás, acrescenta-se, ao ler as tarefas que os camaradas Simão e Severino propõem ao Partido, copiando o documento da Conferência Nacional, vê-se até que ponto subestimam o papel da vanguarda da classe operária. Diga-se, ainda, que os partidários da dissolução, que tanto falam em nosso «mecanicismo», «dogmatismo», «produto do culto à personalidade», para tentar provar a justiça de suas concepções, escrevem exemplos da... «China, Itália, ... dos Partidos Comunistas nos momentos de clandestinidade», etc., exemplos esses que não são em nada verdadeiros e, mesmo que fossem, seriam de condições muito diversas da nossa.

Finalizando, quero reafirmar que estou convencido de que as teses do camarada Prestes sobre a UJC, contidas em seu informe ao IV Congresso, definem em consciência o que deve ser a organização juvenil comunista, e que é dessas teses e da experiência desses 6 anos de atividade que devemos partir para corrigir as falhas do Partido no trabalho juvenil. Espero, breve, contribuir nesta questão. Pretendia fazê-lo neste artigo, mas isso se tornaria muito longo. Além do mais, os camaradas Simão e Severino mereciam uma contradição imediata, apesar de seus argumentos centrais não passarem de castelos de cartas.

Aproveitando a oportunidade, desejo fazer algumas observações acerca do artigo do camarada Radoico Guimarães (N. de Hoje — 13-3 e 14-3-57).

Acha errôneo o camarada Radoico dizer-se que a penetração capitalista no campo se dá com a conservação dos restos feudais e que «os lati-

fundiários são a base econômica do imperialismo». Penso que o camarada deve meditar e rever sua concepção a esse respeito.

Mesmo com o surgimento de latifundiários aburguesados, como afirma o camarada, a contradição fundamental não muda, pois é totalmente conservado e, inclusive ampliado nos últimos anos, o monopólio da terra, que caracteriza a sobrevivência do feudalismo. Daí a justeza de se dizer que a penetração do capitalismo no campo está se dando com a conservação dos restos feudais.

Em meu artigo não se encontra a outra assertiva do camarada Radoico. O que lá se diz é que o imperialismo americano tem como seu sustentáculo econômico e político mais importante — o latifundiário. Portanto, são os latifundiários os sustentáculos internos do jugo imperialista lanque, para não falar da grande burguesia.

Acredito que o camarada Radoico levará em conta essas pequenas observações.

## SOBRE A «POSIÇÃO CIENTÍFICA»...

(Conclusão da 3ª página) é duvidar, mas s.m. confrontar com a realidade, com a prática da vida. Se partimos do princípio materialista da existência da realidade objetiva, independentemente de nossa vontade, e se é na ação prática que nos pomos em contato com essa realidade em seus múltiplos e infinitamente variados aspectos, é a prática que, em última análise, deve confirmar ou negar a justeza de nossas teorias e generalizações, a própria veracidade de nosso conhecimento.

Isso porém não basta. Temos que compreender que nossas teorias são apenas o reflexo da realidade objetiva em nossas consciências e que, por isso mesmo, têm um conteúdo de classe: a realidade, embora sendo a mesma, reflete-se de maneira diferente na consciência do operário e do burguês, do camponês e do latifundiário. Isso significa que, além do confronto puro e simples com a realidade, para podermos tirar conclusões acertadas, temos que adotar uma posição de classe e não uma posição «imparcial» que não existe.

Portanto, para bem utilizarmos o método da dúvida, temos que colocar-nos em uma posição partidária de princípio, a partir da qual confrontamos nossas teorias e generalizações com a realidade e aplicamos o método da dúvida àquelas que apresentam discordâncias com essa realidade, que a prática não confirme, no todo ou em parte.

Fazendo isso, chegaremos inevitavelmente à conclusão já

exposta: o Partido cometeu erros, sua direção é a maior responsável por eles, mas o fundamental da atividade do Partido é que sempre se procurou servir ao proletariado e ao povo, procurou-se acertar, procurou-se melhor ajustar a linha política e tática do Partido à realidade brasileira a que, conseguindo o numa medida considerável, obteve-se grandes êxitos. Por isso não são os erros, mas a luta para encontrar um justo caminho para a revolução brasileira o que tem caracterizado a política do Partido nos últimos anos. Se ainda não temos clareza em todas as questões fundamentais da revolução, não podemos deixar de reconhecer o grande amadurecimento do Partido nestes últimos anos.

Isso significa que não podemos ter a mesma posição de dúvida em relação à direção e à política do Partido e a acuradores que, certos pela política política, violam os próprios princípios de organização do Partido e levam a luta para terreno prejudicial ao Partido.

Utilizemos, portanto o método da dúvida para investigar a verdade, mas não em relação aos princípios que a prática confirma, não em relação aos fundamentos do Partido ou do socialismo, não para a luta contra pessoas e sim para descobrir os erros que cometemos e o que de falso nos vem do inimigo de classe, daquilo que representa a pressão ideológica constante que exercem sobre o proletariado e seu Partido todas as classes não proletárias e especialmente os imperialistas norte-americanos.

## UM SÓPRO RENOVADOR ENVOLVE O PCB

Conclusão da 8ª pag. talectimento do movimento comunista, o que significa que não há crises no Partido.

Um outro aspecto a encarar era um mistério criado em torno do Partido, aqui do meu Estado, por certos companheiros que não sabiam ser o suficientemente práticos, objetivos e consequentes. Viavam vendo fantasmas pregados pelas paredes. Criavam um certo terrorismo. Acusava-se e se desconfiava de todos, ou quase todos, menos ativos e indecisos, ao invés de animá-los, de fortificá-los. Diziam-se às vezes horrores, sem mais nem menos. Isso não quer dizer que agora se adote um liberalismo pequeno-burguês, ou um liberalismo desenfreado. Pelo contrário, é preciso se estar atento a todos para nos livrarmos dos agentes provocadores de toda espécie, mas não

devemos voltar as costas àqueles que nos estendem as mãos, àqueles que querem lutar. Não devemos voltar as costas àqueles que se negam a cumprir determinadas tarefas, mas devemos escolher as tarefas e dá-las, a cada um conforme a possibilidade de cumpri-las, para que, com a continuação, todos possam cumprir todas as tarefas, sem distinção. Afinal, todo nosso pensamento está voltado para as novas tarefas, do combate ao imperialismo, para, aproveitando as condições existentes e criando novas outras, no caminho da libertação e consequente emancipação nacional, alcançar vitórias na luta contra o imperialismo americano. Nossa principal tarefa, no momento é lutar contra a entrega de Fernando de Noronha.

João Pessoa, 20 de março de 1957.

# A "TEORIA" DA AUTODEFEZA

EROS S. MARTINS TEIXEIRA

A discussão é sempre, para o Partido, de grande valor. Há determinados períodos de sua vida, porém, que a importância dos debates se destaca, tornam-se, assim, a atividade fundamental do Partido. Refiro-me aos Congressos com suas fases preparatórias, pré-congressuais. É o momento que, justamente, está vivendo o P.C.B.

Se soubermos diferenciar esses períodos e bem avaliá-los, não cairemos no erro de transformar o Partido num «clube de discussões», receio de camaradas até mesmo de grande responsabilidade, mas que julgo infundado.

Quanto aos debates na imprensa, permitem eles que se igualem os direitos de todos os militantes, sejam simples atividades de base ou membros do C.C., uma vez que cada um passa a ter o direito de, igualmente, fazer proselitismo de suas idéias por todo o Partido, o que em época normal não acontece, pois, então, um militante de base só o pode fazer dentro alguns poucos companheiros (membros de sua organização de base), enquanto que o membro da direção superior pode sempre divulgá-las por todo o Partido, ou expressá-las em organismos vários e de maior número de militantes. Durante os debates preparatórios do Congresso e que visam sempre modificar para melhor os métodos de funcionamento partidário, a estrutura orgânica do Partido e, o que é fundamental, a sua linha política, é justo que se amplie ao máximo o direito dos militantes opinarem, é mesmo um dever estimulá-los para isto.

Evidentemente que, devido ao nosso baixo nível teórico, muitos erros surgirão na imprensa. Erros sérios, inclusive de princípios. Não devemos, porém, cair em pânico diante dessa possibilidade ou mesmo dessas publicações. Se confiamos na verdade científica do marxismo-leninismo e na capacidade do Partido de refutar e «dissecar» (perdoem-me o termo médico) os desvios que já surgiram e que por acaso venham a surgir, nada devemos temer.

O que penso ser grave é o seguidismo, é a repetição dogmática dos erros teóricos de camaradas mais responsáveis, por outros camaradas que, lendo-os sem espírito crítico, repetem os mesmos erros (é o velho uso do cachimbo...) periodicamente nos jornais, como vem acontecendo.

Grave é a aplicação e a transposição mecânica para aqui, de conceitos com justeza emitidos por camaradas de outros países, tendo em conta as circunstâncias onde são emitidos, mas cuja aplicação mecânica em nosso caso é desacertada. É isto que é grave porque justamente tem sido feito por camaradas mais responsáveis.

Abordarei neste artigo, justamente, a má aplicação entre nós da exata classificação dos vários tipos de contradições no processo social, da acertada distinção de sua natureza, que fazem os camaradas dirigentes chineses, tendo em vista a situação na China, pelo menos no que se refere ao não antagonismo das contradições secundárias.

A tese que aqui têm levantado e defendido alguns camaradas, de que não são antagonicas as contradições dentro do Partido, do ponto de vista ideológico, é antimarxista. Surpreende-me mesmo a publicação de tais artigos, pois contrariam a carta do camarada Prestes, mas não me escandalizo com isto, pois sou totalmente favorável a tais publicações. O que penso necessário e indispensável mesmo é publicarem, também, os artigos que combatem esses desvios. Espanta-me, isto sim, a unilateralidade dos jornais em relação aos artigos.

Como em minha vida política tenha sido eu sempre um praticista, tento agora com este artigo, assim como com os outros quatro que ainda não foram publicados, a minha AUTOCRÍTICA, que é a de todo o Partido: PENSAR. Se muito li em minha vida, só agora início verdadeiramente a estudar, pois há grande diferença entre ler e estudar. Assim, esta tentativa de defesa do marxismo-leninismo, é preciso que se diga, é baseada em conhecimentos de última-hora. Mas justamente aí reside o aspecto grave da questão: os camaradas mais responsáveis, que tinham obrigação de possuir maior cultura marxista, são os que vêm infringir os princípios marxistas-leninistas... Tem-se constatado ou a omissão dos mais capazes, ou uma verdadeira «teorização» por parte destes que escrevem, para se evitar a análise dos erros, ou a «amenização» desses mesmos erros, apontados pelo Comitê Central em seu Projeto de Resolução. Constatamos então «teorias» como a da «inevitabilidade dos erros» (ou melhor, dos erros que agora passamos a fazer autocríticas), para usar as próprias palavras do camarada Marighella).

Outras teses erradas vamos encontrar, como a que me referi mais acima, e que é justamente o motivo deste artigo. Refiro-me à negação do caráter antagonico na luta ideológica interna do Partido.

Vemos pois que alguns camaradas responsáveis (e aqui me refiro aos membros do Presidium que esposaram essas idéias) em vez de agirem como verdadeiros comunistas procurando corrigir os seus erros à luz dos princípios, fazem o inverso, procurando adaptar os princípios políticos e filosóficos a seus erros.

Não quero atribuir aos camaradas a má-fé. Mas o subjetivismo e a resistência à AUTOCRÍTICA, estes existem. Se concientes ou não desses erros, é questão que se refere ao julgamento dos indivíduos e não de suas idéias. E não pretendo em debates julgar indivíduos, mas tão somente analisar idéias. Mesmo porque alguns camaradas que repetem estes erros eu conheço e já tenho ótimo juízo feito, como é o caso de Raymundo Schaun por quem tenho grande admiração e cujas idéias expostas já em alguns bons artigos, em grande parte com a exclusão das que aqui analiso, concordo plenamente.

Como vimos publicado pela «Imprensa Popular», nas edições de 13 a 19 de janeiro, e transcrito do «Jimingipao», o resumo dos debates do Birô Político do P. C. Chinês afirma com razão científica:

- 1° — Que as contradições podem ser de dois tipos: fundamentais e secundárias;
- 2° — Que as contradições fundamentais são entre o inimigo (o imperialismo) e nós;
- 3° — Que as contradições entre os camaradas do Partido Comunista são secundárias;
- 4° — Que as contradições secundárias devem estar subordinadas às contradições fundamentais;
- 5° — Que mesmo essas contradições secundárias se resolvem por meio da luta ou da crítica;
- 6° — Que essa luta ou essa crítica não destrói, mas, pelo contrário, fortalece a solidariedade;
- 7° — Que as contradições secundárias do Partido Comunista (na China atual, evidentemente) não são também antagonicas.

Perguntamos: São estas afirmações verdadeiras? Sim, são verdadeiras. As seis primeiras afirmações são incondicionalmente verdadeiras. Evidentemente que a nossa luta deve estar voltada contra o inimigo, que é quem deve merecer o golpe principal, e não estar fundamentalmente voltada contra os desvios como os que aponto ou os que se referem ao nacionalismo burguês dentro do Partido. Mas penso que a superação, através da luta interna, de nossas próprias contradições, embora colocadas devidamente em segundo plano, arman-nos contra o inimigo, não nos enfraquecem, mas pelo contrário, nos robustecem.

Quanto à sétima afirmação, ela é verdadeira tão somente para os partidos como os da China, onde a classe operária já tem o poder na mão. Poderíamos até mesmo discutí-la, afirmando existirem possivelmente contradições antagonicas, mas favoráveis à classe operária e ao povo, que estão no poder. Seria, porém, pouco produtiva esta discussão.

Mas uma coisa podemos afirmar: na própria China, de alguns anos atrás, em seu Partido Comunista de então as contradições secundárias eram, também, antagonicas, como veremos.

Dizer-se, pois, baseando-se no «Jimingipao», que as contradições ideológicas do P.C.B. não são antagonicas só serve para ocultar ou atenuar os erros do passado, do presente e os que assim, certamente, serão também cometidos no futuro. Levava-nos a acreditar que vivemos num «mar de rosas», sem choques e sem crises.

Para não restarem dúvidas sobre quem faz a generalização, no tempo e no espaço, das afirmações sobre o não antagonismo das contradições internas; para que não se julgue mais os camaradas dirigentes chineses capazes de tal heresia, passemos a eles a palavra. E a cederei justamente para dois camaradas do Birô Político do P. C. Chinês: Mao-Tsé-Tung e Liu-Chao-Tsi. Vejamos o que nos dizem sobre as lutas internas no Partido chinês em épocas em que ele vivia como o P. C. B.: em plena batalha da luta de classes antagonicas. Ouçámo-los:

«No período inicial ou em certas questões, estas contradições nem sempre apareceram imediatamente como sendo antagonicas. Entretanto com o desenvolvimento da luta de classes estas contradições podem tornar-se antagonicas. A história do Partido Comunista (bolchevique) da URSS nos mostra que as contradições entre as concepções de Lenin e Stálin e as concepções errôneas de Trotski, Bukarin e outros não se manifestaram sob uma forma antagonica desde o período inicial, mas se tornaram antagonicas em seguida». (Mao-Tsé-Tung, «Sobre a contradição». O grifo é nosso).

E é tão fácil compreendermos que, vivendo e atuando o Partido em renhida luta de classes antagonicas, este antagonismo se refleta dentro dele, ideologicamente. É o que pacientemente nos ensina Mao-Tsé-Tung na mesma obra citada:

«Nas condições da sociedade de classe, as contradições entre as concepções justas e as concepções falsas no seio do Partido Comunista são, como se disse mais acima, o reflexo das contradições de classe no seio do Partido».

Agora é Liu-Chao-Tsi (em «A Luta Interna no Partido») quem nos explica:

«As lutas internas no Partido são o reflexo das lutas de classe fora dele».

«As lutas internas no Partido consistem, principalmente, de lutas ideológicas. Seu conteúdo é formado pelas divergências e antagonismos que surgem em questões de ideologia e de princípio. As divergências e antagonismos entre nossos camaradas em questões de ideologia e de princípios, podem transformar-se em cisões políticas dentro do Partido e, dentro de certas circunstâncias, em inevitáveis cisões orgânicas; mas pelo seu caráter e conteúdo, essas divergências e antagonismos são basicamente lutas ideológicas» (os grifos são nossos).

Tenho para mim que as crises internas não assustam. Se não sairmos do campo ideológico, se seguirmos aquele conselho e aquela advertência de Liu-Chao-Tsi, se os que têm poderes para tomar medidas orgânicas em função das divergências, souberem serenamente evitá-las, se enfrentarmos as contradições que são o arcabouço das crises, se não escondemos mas, pelo contrário, corajosamente as revelamos e, através da luta ideológica, as superamos, certamente sairemos mais fortalecidos de todas as crises. E quem se diga marxista-leninista, vale dizer dialético, não se receia das crises, do fluxo e refluxo, dos saltos.

Surpreendeu-me por tudo isso o camarada João Amazonas, ao negar a existência das crises, assim fundamentando, o que é mais surpreendente ainda:

- 1° — Só há crise no Partido quando nele existem contradições antagonicas;
- 2° — Não existem contradições antagonicas em nossa luta interna;

Logo: NÃO EXISTE CRISE EM NOSSA LUTA INTERNA! Eis a simplicidade de sua lógica formal, de seu «syllogismus». Duas premissas, a conclusão nela contida e... Eis desaparecida a crise, como por encanto!

Ensina-nos também Shirokov, ex-diretor do Instituto de Filosofia de Leningrado, em seu Tratado Sistemático de Filosofia, que:

«A contradição de qualquer processo se resolve, não em virtude de alguma força exterior, como pensam os mecanicistas, senão pelo desenvolvimento da própria contradição. Isto resulta verdade também em relação com as contradições antagonicas.» (Os grifos são do próprio autor).

Portanto, não é negando as contradições, esperando que se fora delas conseguiremos solucioná-las, e assim vencer as crises, que nos colocamos como verdadeiros marxistas. E, contando com as próprias forças internas das contradições, antagonicas ou não, que as resolveremos. É um grave erro, portanto ignorar as contradições. Neste caso prefiro estar com o camarada Stálin, quando em 1926 afirmava que

«Nosso Partido fortalece-se na base da superação das contradições dentro do Partido».

Ela a desaprovção sua ao caminho que Amazonas urma redá, já agora acompanhado:

«Mas se essas questões envolvem diferenças de princípios, então nenhum acôrdo, nenhuma linha «intermediária» pode resolver a questão. Não há e não pode haver linha «intermediária» em questões de princípios. O trabalho do Partido deve ser baseado nesses ou naqueles princípios. A linha «intermediária» em questões de princípio é uma «linha que encobre diferenças, uma linha de degenerescência ideológica do Partido, uma «linha» de morte ideológica do Partido. Não é nossa política seguir essa linha «intermediária». Essa é a política de um Partido que está em declínio e degenerando-se dia a dia. Tal política só pode transformar o Partido num órgão vazio e burocrático, isolado das classes trabalhadoras, num boneco incapaz de qualquer coisa. Esse caminho não pode ser o nosso caminho». (Informe ao VII Pleno Ampliado da C.E. da Internacional Comunista em 26-12-26. — Os grifos são nossos).

Ao transcrever estas linhas, recordo-me do arugo conciliador do camarada Schaun. Embora louvando-lhe a intenção, discordo dele nesse caso. Penso que deveremos ser conciliadores e fraternais para com os camaradas, com os indivíduos, mas intolerantes com as suas idéias, quando erradas. Não podemos de maneira alguma aceitar «teorias» que tentem liquidar a AUTOCRÍTICA, partam de quem partir. Discordo, por isso, do prezado camarada Schaun; discordo de André Franco, a quem desconheço; discordo do camarada dirigente João Amazonas. E penso que Engels também discordaria, pois já em 1882 mostrava, não só a inconveniência dessas atitudes negativas, despietadoras e demonstrava a inutilidade mesmo dessas teorias no desenvolvimento do Partido:

«... todo partido operário de um grande país só pode desenvolver-se em luta interna, em consonância completa com as leis do desenvolvimento dialético em geral. (Cita a Bernstein. — O grifo é do próprio Engels).

E em 1885 ainda afirmava aquele mestre:

«As contradições nunca podem ser veladas por muito tempo e se resolvem por intermédio da luta». (Aqui vo de C. Marx e F. Engels).

Penso que tem razão Mao-Tsé-Tung, não só por condenar a política de se esconder erros, de se negar a existência de contradições, mas também quando nos indica o único caminho de suas soluções; a AUTOCRÍTICA:

«As contradições no interior do Partido Comunista resolvem-se pelo método da crítica e da autocrítica» (Obra citada).

Precisamos, portanto, de discussões internas, de debates construtivos, sem ameaças nem rancores, sem divisões orgânicas, sem auto-suficiência, sem «donos da discussão». Aos que isto pretendem, devemos dirigir a mesma pergunta que Lenin fez a seus adversários ideológicos que contra ele combatiam cavalheirescamente:

«E quais serão os juizes?»

Evidentemente que não foram aqueles adversários tão pouco cavalheiros, além de aousadores... os juizes, mas as massas, assim lhe responderam pacientemente a vida, e história.

## SOBRE A «POSIÇÃO CIENTIFICA»

(Continuação da 7ª página)

filosófico, foi progressista nos séculos XV e XVI, quando Descartes e Bayle a utilizaram contra a filosofia medieval da Igreja e abalaram a metafísica e escolástica teológica, dividindo de todas as «verdades eternas». A utilização da dúvida como método fundamental de investigação da realidade foi progressista nessa época, no mesmo sentido em que foi progressista a utilização do método metafísico, logo a seguir. O método metafísico, que considerava as coisas e fenômenos parados e isolados uns dos outros para investigá-los, era o único que podia ser utilizado então. Se as coisas e fenômenos fossem examinados em movimento, em suas múltiplas ligações umas com as outras, no estado de grau do conhecimento dos séculos XVI, XVII e XVIII não haveria outro capaz de descobrir as leis que as regem e não haveria o florescimento da ciência desse período, nem a preparação das grandes descobertas do século XIX, que tornaram superado o próprio método metafísico e exigiram a utilização do método dialético para o conhecimento aprofundado da realidade. Com as novas exigências, porém, o método metafísico passou a ter caráter reacionário, sua utilização, especialmente no campo das ciências da sociedade, passou a ser fator de atraso e não de avanço.

Assim também o método filosófico, cujo papel reacionário não aparece claramente assim que a realidade começa a ser estudada e conhecida. Principalmente depois que Marx e Engels e seus discípulos descobriram algumas das mais importantes leis gerais do desenvolvimento da matéria, da sociedade e do pensamento humano, generalizando a experiência das gerações passadas, depois que na União Soviética foi construído o socialismo e em diversas partes, não está sendo construído, abrangendo já 1/3 da população do globo, não é possível manter essa posição de dúvida indiscriminada, que leva à própria negação da realidade; à revisão de todos os princípios (já houve quem avançasse isso também), à negação do caráter revolucionário do marxismo-leninismo e, como já o demonstraram em seu tempo os clássicos do marxismo, a facilitar a luta da burguesia contra o proletariado e, no nosso caso, até dos imperialistas norte-americanos contra o povo brasileiro.

Não se trata aqui de adotar uma posição dogmática e reacionária, aceitando aquilo que está nos livros ou que vem «de cima». Trata-se de duvidar da maneira correta de saber da vida. Em lugar de promover individualmente a dúvida, este método principal de investigação, de pesquisa da verdade, dividindo de tudo, utilizá-la como método valioso e indispensável, porém de aplicação limitada na pesquisa da verdade. O fundamental não

(Conclui na 17ª página)

# As Contradições Entre os Dirigentes e o Povo

IMPORTANTE EDITORIAL DO «JEN MIN JI PAO», DE PEQUIM



Mao Tse Tung

Dada a sua importância e qualidade, publicamos a seguir um resumo do editorial do jornal "Jen Min Ji Pao", de Pequim, de 17 de abril último, sobre o problema do reconhecimento e da solução das contradições dentro das fileiras do povo.

Na Suprema Conferência do Estado, reunida de 27 de fevereiro a 1º de março, o Presidente Mao Tse-Tung apresentou um informe sobre o correto tratamento das contradições dentro das fileiras do povo. Desde então tornou-se esta questão uma das mais largamente discutidas pelo povo chinês em todas as camadas sociais. O informe foi posteriormente discutido pelo Comitê Nacional da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês e pela Conferência Nacional do Trabalho e Propaganda, convocada pelo Comitê Central do Partido Comunista e que reúne comunistas e pessoas sem partido. A questão foi também discutida em reuniões convocadas por vários outros partidos e muitas organizações locais.

As contradições não são as forças propulsoras do desenvolvimento e do progresso de todas as coisas. Do ponto de vista marxista, as contradições existem dentro das próprias coisas. Este fenômeno é universal e permanente. Seria inteiramente absurdo dizer que não há contradições dentro das próprias coisas.

Numa sociedade de classe, as contradições e a luta existem entre as classes mutuamente hostis. Quando as relações de produção entram em sério conflito e

desenvolvimento das forças de produção, as contradições e a luta tornam-se particularmente agudas entre as classes reacionárias, representando as velhas relações de produção, e as classes revolucionárias que exigem novas relações de produção. Tais contradições e tal luta chegam fundamentalmente, a um fim quando as classes reacionárias são derrubadas e são estabelecidas novas relações de produção. Ocorrem então novas contradições e nova luta no novo sistema social. No curso do desenvolvimento da sociedade humana, podem variar a situação e a natureza das contradições, dentro da sociedade, segundo a natureza dos sistemas sociais, mas é inalterável o fato da existência das contradições.

Em 1949, após heróicas lutas, o povo chinês derrubou o domínio reacionário do imperialismo, feudalismo e capitalismo burocrático e estabeleceu uma poderosa ditadura democrática do povo. Depois de uma série de tremendos esforços, em 1956, foi realizada no fundamental a transformação socialista da agricultura, artesanato, indústria capitalista e comércio. Pode-se pois afirmar que a história das lutas de classes em larga escala, dentro do país, entre o inimigo e nós mesmos, estava no fundamental encerrada. Isto significa que a contradição entre o inimigo e nós mesmos, que fora por longo tempo a principal contradição dentro do país, estava basicamente resolvida.

Sob as novas relações sociais de produção, as forças

produtivas de nosso país serão rapidamente desenvolvidas. Assumiu forma definida uma grande unidade do nosso povo, da classe operária, da classe camponesa, entre os operários e camponeses e entre os povos das várias nacionalidades. Baseadas em sua própria experiência, as massas do povo reconhecem que o Partido Comunista e o Governo do Povo estão trabalhando arduamente no interesse do povo e que existe uma unanimidade fundamental entre as massas do povo e seus líderes. Tal unanimidade jamais poderia ter sido sonhada numa sociedade de classes.

Isso, entretanto, não significa que numa sociedade socialista não existam contradições dentro do próprio povo. Ao contrário, no curso do desenvolvimen-

to da sociedade socialista, podem ainda surgir incompatibilidades, ou contradições, entre as forças produtivas e as relações de produção, entre a superestrutura e a base econômica, como também nas várias esferas dos sistemas econômicos e políticos. Contradições de um tipo ou de outro existem também no seio do próprio povo, entre os elementos avançados e atrasados, entre opiniões e atitudes corretas e incorretas de pessoas do povo, entre um ou outro grupo do povo e entre as massas do povo e seus líderes.

Muitas das contradições, no seio da sociedade socialista, tornaram corpo através das contradições entre o povo e a liderança. Tais contradições resultaram das diferentes posições ocupadas no Estado pelo povo e pela liderança.

As massas do povo tomam parte direta no trabalho produtivo e geralmente têm dificuldade de exercer diretamente o poder governamental. Estavam, por isso sujeitas a observar as questões de um ponto de vista parcial e dar mais importância a interesses imediatos e parciais. Era difícil, para as massas, compreender o conjunto da situação e as dificuldades de toda a sorte da construção socialista. Os líderes, que exerciam diretamente o poder de governo, podiam ver os interesses coletivos e a longo prazo mas frequentemente negligenciavam a situação específica e as necessidades imediatas do povo.

No entanto, as contradições entre as massas do povo e a liderança, como outras contradições dentro das fileiras do povo, são contradições que emergem de uma unanimidade básica sobre interesses fundamentais e não são de natureza antagônica. Inteiramente diversas são as contradições entre nosso inimigo e nós mesmos, que são contradições antagônicas, que emergem do choque de interesses fundamentais. Os métodos de tratamento das contradições dentro das fileiras do povo devem ser diferentes, em princípio, dos métodos aplicáveis às contradições entre o inimigo e nós mesmos. O correto tratamento de tais contradições deve partir do desejo de unidade para atingir, através da crítica ou da luta, a uma nova unidade sob novas condições.

No presente, as contradições entre as massas do povo e a liderança têm decorrido, principalmente, da liderança burocrática no trabalho. A fim de superar a burocracia — todas as cooperativas agrícolas de produção, as cooperativas de artesãos, empresas estatais, empresas mistas estatais e privadas, organizações governamentais e escolas devem ativamente expandir sua vida democrática, aperfeiçoar vários sistemas democráticos e obter um pleno florescimento de um elevado estilo democrático de trabalho.

É igualmente necessário, para resolver as contradições entre o povo e a liderança, fortalecer continuamente o traba-

lho ideológico e político entre o povo e elevar o nível de sua compreensão política. Devem tomar a seu cargo o trabalho de educação ideológica e política entre as massas os comitês do Partido Comunista da China, de todos os graus e particularmente os seus primeiros secretários.

Os fatos demonstram que, quanto maior é a atenção dispensada pelos líderes para vencer a burocracia e para o trabalho de educação ideológica e política entre o povo, tanto menores são as contradições nas fileiras do povo e mais facilmente solúveis. Ao contrário, quanto pior a burocracia e mais fraca a educação ideológica e política entre o povo, tanto maiores e mais agudas se tornam as contradições em suas fileiras.

O Partido Comunista da China estabeleceu laços de carne e sangue com as amplas massas do povo na longa e dura luta que juntos levaram avante. No passado o Partido conduziu o povo para derrubar todos seus opressores e, sucessivamente, resolver várias contradições entre nossos inimigos e nós mesmos. No futuro enquanto o nosso partido puder continuar a defender-se do orgulho e da incapacidade, a manter estreito contato com o povo e a lutar resolutamente contra a burocracia e outros estilos de trabalho errados, estaremos aptos a liderar o povo para vencermos juntos todas as dificuldades e obstáculos no curso da construção socialista e adotar métodos corretos para resolver suavemente várias contradições nas fileiras do povo.

## O Congresso do Partido Comunista Inglês Repudia o Revisionismo

Mensagem de Gallacher, presidente do Partido — Informe Político do Comitê Executivo — Pelo fortalecimento do internacionalismo proletário, com a União Soviética como centro

Realizou-se em Londres, a 19 de abril último, o XXV Congresso do Partido Comunista Inglês. Pelo presidente do Congresso, Harry Pollit, foi lida a mensagem de abertura apresentada pelo presidente do Partido, William Gallacher, que fez um apelo ao Congresso para que se constituísse um poderoso fator de esclarecimento das dúvidas e dificuldades, de modo a que o Partido dele saísse calcado e unido em torno de sua política e de seu programa, de inabalável e inquebrantável lealdade à causa de uma Inglaterra socialista.

Depois de mencionar os furiosos ataques ao Partido, pelo inimigo capitalista desferiu utilizando todos os meios de propaganda, desde o último congresso e desde que teve início no Partido a discussão sobre o XX Congresso do PCUS, Gallacher afirmou que, embora a discussão deva ser sempre encorajada, não devia ser conduzida de modo a enfraquecer o trabalho do Partido.

«Os acontecimentos nos apresentam grandes oportunidades, à classe operária e seus aliados, para pôr termo ao domínio dos Tories (conservadores) e ao mesmo tempo enfraquecer o poder da ala direita na liderança do Partido Trabalhista. Pensemos no que poderia ter sido feito, nas semanas que antecederam ao Congresso, se o Partido tivesse sido capaz de jogar na luta todo o seu peso.»

Quanto às tarefas dos comunistas ingleses e suas responsabilidades internacionais, Gallacher assinala:

«Somos um Partido Inglês que deve sempre se empenhar para expressar e servir os interesses da classe operária inglesa tendo em vista as condições específicas aqui, na Inglaterra. Mas, ao mesmo tempo, devemos sempre lembrar nossas responsabilidades internacionais, o fato de que, na luta pela paz e o socialismo, a poderosa União Soviética se projeta como campeão líder. Não basta que nos proclamemos leais aliados da União Soviética em sua luta decisiva: devemos ganhar os operários de nosso país como seus aliados. Neste sentido, quanto mais impregnados os operários com o caráter inglês de nossa política e de nosso programa, tanto

mais efetivamente os estaremos servindo e tanto maior será o nosso apoio aos nossos aliados, a União Soviética, a China libertada, as Democracias Populares, os povos coloniais e nossos camaradas nos países capitalistas.»

### O INFORME DO COMITÊ EXECUTIVO

Ao subir à tribuna do Congresso, na sessão de abertura, para apresentar o informe político do Comitê Executivo, John Gollan, Secretário-Geral do Partido Comunista Inglês, foi acolhido com tempestuosos aplausos. Disse, inicialmente, que o Congresso fora convocado em consequência da grande discussão no Partido que se seguiu ao XX Congresso do P.C.U.S. e que deveria deliberar sobre importantes

acontecimentos políticos, sobre a democracia partidária, e sobre o programa do Partido. A seguir, o informe trata de várias questões da política do Partido — de união de todas as forças progressistas pela paz e pelo progresso, contra o governo dos Tories — e do papel do Partido na luta para conseguir a convocação de eleições gerais e assegurar um programa de luta em um novo governo trabalhista.

O informe acentua a importância do internacionalismo da classe operária e crítica várias idéias revisionistas. Depois de breve sumário da situação internacional, diz o informe que era necessária uma nova política inglesa independente que pusesse fim à subserviência para com os Estados Unidos, insistisse na retirada das tropas americanas, pusesse fora da lei as armas atômicas, criasse um sistema de segurança europeu, pusesse fim às guerras coloniais e fizesse da Inglaterra um baluarte de um novo entendimento internacional.

### A SITUAÇÃO ECONÔMICA E POLÍTICA

Analisando a situação política e econômica interna, diz o informe que o principal esforço do governo conservador tem sido proteger a libra esterlina, assegurar um imenso saldo de exportação e aumentar os investimentos no exterior, enquanto mantém a sua presa colonial. A contrapartida dessa política, para o povo, é o imenso far-

do de armamentos e pesados impostos, redução do consumo popular e principalmente a diminuição do salário real. Quanto à política eco-



Harry Pollit, Pres. do Congresso

nômica do Partido, diz o informe, «é uma política de classe, que visa atender às necessidades do povo à custa dos ricos. Utilizar as indústrias inglesas em benefício do povo e não dos milionários. Adotar uma nova política comercial baseada em relações pacíficas não imperialistas com o resto do mundo.»

Acentua o informe que os conservadores se encontram face à sua maior crise política desde a derrota de Churchill em 1945.

Um dos aspectos mais significativos e novos da situação política tem sido a luta da classe média e de setores profissionais contra a política conservadora e o seu crescente afastamento do Partido Conservador. Afirma e

Informe que a questão chave na presente situação política é a falta de liderança na luta contra os conservadores. «Os Tories estão determinados a sustentar-se. Eles precisam ser derrubados e isso só será possível se a ação fora do Parlamento se conjugar à oposição dentro do Parlamento. Entretanto, a oposição das massas por si só não derrubará o governo. Cada luta isolada precisa ser ligada à exigência de convocação imediata de eleições gerais para mudança do governo.»

### PELA UNIDADE DO MOVIMENTO OPERÁRIO

Reitera o informe a disposição do Partido Comunista de buscar um entendimento político unitário com o Partido Trabalhista, no interesse da classe operária inglesa. Faz um apelo no sentido de uma mudança na política trabalhista e de um novo programa que possa favorecer a união do movimento operário e do povo. Concita a que todos os esforços sejam feitos para pôr um termo aos banimentos e proscricções contra os comunistas, no movimento trabalhista, e pede que seja travada luta pela representação dos comunistas nos conselhos locais como no Parlamento. O informe refuta o argumento de que o trabalho dos comunistas seja o de influenciar o Partido Trabalhista de dentro, com uma pequena organização marxista, para transformá-lo. «Qualquer que seja a etapa da luta pelo socialismo é essencial a existência do Partido baseado no marxismo-leninismo para mobilizar e dar liderança política à classe operária. Toda associação positiva com o Partido Trabalhista pode ajudar o desenvolvimento da luta, mas somente quando o conjunto das organizações políticas trabalhistas for ganho para o marxismo será atingida a fase final.

### A QUESTÃO DA HUNGRIA

Gollan foi longamente aplaudido quando afirmou:

«Nosso Comitê Executivo manteve-se firme no momento decisivo para a Hungria e, a cada dia que passa, está mais do que nunca convencido de que nossa política foi correta». A tarefa de cada comunista, de cada militante socialista, de cada defensor da paz é a de cerrar fileiras em apoio ao Governo húngaro e do Partido Socialista dos Trabalhadores.

### SOBRE O «NACIONAL COMUNISMO»

Reitera o informe que as «teorias» do chamado nacional comunismo equivalem a um passo atrás, do internacionalismo proletário para o nacionalismo. «Enquanto o avanço para o socialismo deve revestir-se de formas especiais em cada país, a sua característica essencial é a tomada do poder político pela classe operária apoiada por outros setores progressistas. Isto somente pode ser atingido pela luta de massas rígida por um partido baseado no centralismo democrático e no marxismo-leninismo. O poder da classe operária precisa quebrar o poder econômico e político do capitalismo e estabelecer a propriedade social e a produção planificada. Estes são os pontos gerais da experiência da União Soviética, de aplicação universal, e o socialismo somente poderá ser construído em conformidade com eles»

### REALIZAÇÕES DA UNIÃO SOVIÉTICA

O Informe resume as realizações soviéticas em cinco pontos vitais:

1. — A União Soviética iluminou a trilha para a revolução proletária. Os comunistas russos foram os primeiros a tomar o céu de assalto, segundo as palavras de Marx. Eles abriram uma nova página na história da humanidade.

2. — Como disse Churchill, a União Soviética arrancou as tripas do exército de Hitler. Ela salvou a humanidade do barbarismo.

(Conclui na 11ª página)

# A Vida Heroica de um Militante Revolucionário

Na cidade de Rio Grande, do R. G. do Sul, lugar de gloriosas lutas da classe operária gaúcha, particularmente de seus portuários, vive e trabalha, sentado em sua cadeira de rodas, um homem que a 1º de maio de

O exemplo da atuação de Réchia, como militante revolucionário, fiel defensor dos direitos da classe operária, cheio de justo orgulho a todos aqueles que lutam hoje por melhores condições de vida para o nosso povo e por um futuro feliz para nossa Pátria.

Em homenagem à data de 1º de maio, VOZ OPERÁRIA divulga alguns traços biográficos de Antônio Réchia.

## A JUVENTUDE DE RÉCHIA

Desde menino, Réchia já trabalhava na roça, num lugarejo denominado Canudos, município de Santa Maria (R. G. do Sul). Filho de emigrante italiano, descendente de camponeses pobres, sua infância foi bastante difícil.

Começou a trabalhar numa fábrica, com a idade de 13 anos, na cidade de Rio Grande — era a fábrica Reingantz. Trabalhava de manhã e estudava à tarde e à noite na Biblioteca Pública Municipal. Depois de alguns meses, foi trabalhar na Viação Férrea onde permaneceu 5 anos. Em 1930, entrou para o Pórtio do Rio Grande, como carvoeiro de rebocador; nesse serviço, ficou 6 anos. Até 1º de maio de 1950, Antônio Réchia trabalhou no Pórtio, onde conquistou a estima de todos os companheiros de trabalho.

A juventude de Réchia foi dura, e à custa de muito esforço é que conseguiu estudar e desenvolver seus conhecimentos.

## Antônio Réchia, em sua cadeira de rodas, continua a lutar pela causa da classe operária

### O INGRESSO NO PARTIDO DO PROLETARIADO

Em 1945, surgia para a legalidade o Partido Comunista do Brasil. Na cidade de Rio Grande, ao realizar o Partido a sua primeira reunião, Antônio Réchia nele ingressava. Mas já desde 1936 ele participava de todas as lutas populares e operárias e ajudava o Partido em suas campanhas, principalmente no trabalho de solidariedade. "O maior acontecimento de minha vida, diria mais tarde Antônio Réchia, foi o meu ingresso no Partido".

Em 1951, era reeleito, já pava no Pórtio, que foi vitoriosa. Por esse motivo, começou a ser perseguido brutalmente pela reação. Mas, ao mesmo tempo, seus companheiros de trabalho o elegiam vereador pela cidade do Rio Grande, um dos mais votados.

Em 1951, era reeleito, já paralisado, na cadeira de rodas, recebendo a maior votação para a Câmara Municipal de Rio Grande.

A atividade de Réchia, como militante revolucionário, sempre foi intensa. A 2 de março de 1949, como vereador, organizou uma passeata monstro, de

protesto contra a ida de navios estrangeiros a Pórtio Alegre, contra os aumentos dos preços dos gêneros de 1ª necessidade, por aumento de salário etc. No dia seguinte, era preso, junto com outros companheiros, e mantido "incomunicável".

Por várias vezes foi eleito delegado da cidade do Rio Grande a congressos estaduais e nacionais.

### 1º DE MAIO DE 1950

Grandes preparativos realizaram-se na cidade para comemorar a data dos trabalhadores. Um churrasco foi preparado cuidadosamente, para milhares de pessoas. Todas as personalidades do município e organizações de massa foram convidadas; intensa propaganda foi feita por toda a cidade.

Após o churrasco, durante o qual foram pronunciados vários discursos, decidiu-se realizar uma passeata até à sede da Sociedade União Operária arbitrariamente fechada pela polícia e que completava naquela data 56 anos de fundação. Mais de dois milhares de pessoas iniciaram então o desfile, que chegou a percorrer 2 quilômetros, até que foi traiçoeiramente atacado pela polícia.

Angelina Gonçalves foi firmemente assassinada, além de mais 3 operários. Antônio Réchio recebeu um tiro na coluna vertebral — ficou paralisado para o resto da vida.

### AGÊNCIA-MODELO DA IMPRENSA POPULAR

Apesar de paralisado, obrigado a andar sempre sentado em uma cadeira de rodas, Réchio desenvolve hoje uma grande atividade.

Assim que sua saúde o permitia, tornou-se ele responsável pelos jornais populares, na cidade de Rio Grande. É ele quem difunde a imprensa, exerce rigoroso controle sobre essa atividade.

Nenhum jornal encalha, em Rio Grande. Todos os exemplares são rapidamente difundidos; quando isso não acontece, Réchio se prontifica — ele mesmo, em sua cadeira de rodas — a difundir-los. Mas isso nunca é necessário, porque seus companheiros não deixam.

A agência da imprensa popular em Rio Grande mantém rigorosamente em dia os pagamentos dos jornais, durante anos a fio Antônio Réchio sabe muito bem que os jornais do povo

se podem viver à custa do próprio povo e que, por isso, não se pode atrasar nos pagamentos.

### O CAMINHO POPULAR E A SOLIDARIEDADE

Antônio Réchia vive hoje com sua esposa e um casal de filhos, numa casa que lhe foi dada pela solidariedade do povo gaúcho, especialmente pelos trabalhadores e o povo de Rio Grande.

Através de um amplo movimento de solidariedade, o povo conseguiu juntar o dinheiro necessário para fazer uma casa para Réchia. Nessa casa sempre se reúnem companheiros e amigos que vão levar jornais, acessar contas, levar contribuições para a imprensa popular, trazer suas experiências ou apenas conversar.

Na campanha de ajuda à imprensa que se realiza atualmente, Antônio Réchia tomou a iniciativa de organizar um torneio de jogo de damas, do qual ele próprio participará.

Visitado recentemente por um repórter popular, declarou Réchio: "Cada dia que passa, mais amor sinto pelas tarefas do Partido. Quero dedicar os dias que me restam, na medida do possível, à causa da revolução, porque quem luta como nós tem certeza da vitória".

Eis aí o exemplo magnífico que nos oferece a vida e a atividade de Antônio Réchia, herói da classe operária.



Antônio Réchia

Em 1950 era atingido por uma bala da polícia, quando desfilava em homenagem à data internacional dos trabalhadores. Seu nome é Antônio Réchia.

## Solidariedade Ativa Aos Posseiros de Formoso

### REUNIÃO NA CÂMARA MUNICIPAL DE GOIÂNIA

Intensa atividade vem realizando a Comissão Estadual de Solidariedade aos Posseiros de Formoso, organizada na cidade de Goiânia, diante da ameaça que pesa sobre aqueles posseiros, de serem novamente assaltados por grileiros a serviço de latifundiários.

Na Câmara Municipal de Goiânia, foi realizada uma reunião em meados deste mês, à qual estiveram presentes o ex-senador Alfredo Nasser, presidente do PSP, o deputado Francisco de Brito, presidente da UDN, depu-

tado Mendonça Neto, presidente daquela Comissão, diversos dirigentes sindicais, advogados, jornalistas e es. Por unanimidade, decidiu a Comissão assegurar aos posseiros uma efetiva assistência jurídica, devendo-se contratar advogados para a defesa do posseiro José Porfírio e seus companheiros, perante o juiz de direito de Uruaçu.

Uma importante medida aprovada foi a de conseguir, entre os cerealistas goianos, compradores para a grande safra de arroz que será pro-

duzida este ano pelos posseiros de Formoso, os quais deverão receber um preço justo, tudantes.

Além disso, deverá realizar-se em fins de abril um grande comício na cidade de Goiânia, de solidariedade aos posseiros e em defesa das terras devolutas, ameaçadas pela voragem de bem organizadas quadrilhas de grileiros. A esse comício deverão comparecer expressivas personalidades do Estado, inclusive numerosa delegação da cidade de Anápolis.

Eis um exemplo de apoio ativo e eficiente à luta que travam os camponeses em defesa de suas terras e do fruto de seu trabalho.

### POR MELHOR ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

Na cidade fluminense de Nilópolis, o Comitê de Zona do Partido Comunista do Brasil, acaba de lançar um manifesto à população local, propondo uma série de medidas a serem tomadas, contra o desleixo da atual administração municipal.

Mostra o manifesto que o

prefeito eleito, sr. João Cardoso, desprestigia-se diante do povo, por sua inércia. Cabe ao povo, diante disso, unir-se e organizar-se em centros pró-melhoramentos a fim de exigir do prefeito providências contra obstruções de ruas e pela regularização dos transportes.

Finalizando, o CZ de Nilópolis conclama a população local a empenhar-se na campanha contra a entrega de Fernando de Noronha e a dar todo o apoio à Comissão Parlamentar de Inquérito que deverá examinar a política exterior do Brasil.

### MEMORIAL DE TRABALHADORES DA LIGHT

Foi entregue na sede do PSB, a fim de ser encaminhado ao senador Domingos Velasco, um memorial dos trabalhadores da Light (setores de Frei Caneca, Tragem, Cascadura e outros), contendo cerca de 300 assinaturas. No referido memorial, aqueles trabalhadores solicitaram ao senador que seja o seu porta-voz no Senado, pois os trabalhadores desejam melhores condições de vida, melhor amparo da previdência social e não atos que ferem a nossa soberania e arrastam o Brasil à guerra.

Outro memorial será também encaminhado ao deputado Steinbrück, no mesmo sentido.



## Greve de Motoristas em Goiás

Expressiva luta sustentaram mais de 200 motoristas de caminhão reunidos na cidade de Itumbiara (Goiás). Revoltados com o lamentável estado em que se encontra a rodovia Goiânia-Itumbiara, resolveram entrar em greve de protesto contra a irresponsabilidade do governo.

Esse movimento, que contou com a solidariedade de todos os motoristas, tinha por objetivo obrigar as autoridades estaduais a realizar imediatos reparos naquela importante rodovia, que já se havia transformado

do num verdadeiro atoleiro. Mais de trezentos caminhões ficaram ali enterrados, por vários dias.

Mas os motoristas não se limitaram a cruzar os braços. Adotaram uma tática ofensiva: ocuparam a ponte Afonso Pena, que liga Goiás a Minas e a interditaram, proibindo a passagem de qualquer veículo.

As autoridades estaduais, diante do movimento grevista, passaram a fazer as costumadas promessas, de que o estado seria resolvido. Mas os grevistas permaneceram firmes.

Ante a resistência dos motoristas o secretário do Interior deslocou-se para Itumbiara, onde conferenciou longamente com os grevistas, apresentando garantias concretas de que o governo estadual iria reparar imediatamente a rodovia. Somente depois disso, decidiram os grevistas dar por encerrada a sua manifestação de protesto.

Essa greve constituiu uma boa experiência para os demais motoristas goianos, que utilizam outras rodovias do Estado, também em deplorável estado de conservação.



### 35º ANIVERSARIO DO PCB

## SAUDAÇÕES ENVIADAS AO COMITÊ CENTRAL

Por ocasião do 35º aniversário do PCB, foram enviados ao CC as saudações que transcrevemos abaixo:

"Ao Comitê Central do PCB. Salve 25 de março de 1922 e 1957!

O secretariado do CZ do Ipiranga, em sua reunião ampliada, aprovou enviar ao nosso Comitê Central uma saudação em regozijo pela passagem do 35º aniversário do nosso querido Partido. Estamos pela unidade do nosso Partido, cuja expressão é o nosso Comitê Central, tendo à frente o nosso camarada Prestes.

Em nossa saudação ressaltamos os princípios de nosso Partido, a teoria marxista-leninista, o internacionalismo proletário e a nossa ligação com as massas. Embora com dificuldades, estamos procurando seguir e aplicar os ensinamentos e as experiências provadas do nosso Partido e dos PP.CC. irmãos.

### Saudações proletárias.

"O C.D. de Birigui do PCB avisa nesta data histórica do Partido e do povo brasileiro, apoio e toda solidariedade ao Comitê Central, assim como ao camarada Prestes, que até hoje se mantiveram na linha firme do Partido, do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário. Mesmo contra a vontade de alguns inimigos que tentam cindir nossas fileiras, continuamos cada vez mais unidos em torno do Comitê Central, para que o Partido possa realizar, junto com o

povo, o que este mais almeja: a libertação de nosso país das garras do imperialismo norte-americano e a realização de um regime de melhores dias para a nossa pátria".

## VOZ OPERÁRIA

Diretor-Responsável

Mário Alves

MATRIZ:

Av. Rio Branco, 257, 17º and., s/ 1.712 Tel. 42-7344

ASSINATURAS:

Anual	100,00
Semestral	60,00
Trimestral	30,00
Núm. avulso	2,00
Núm. atrasado	3,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte:	
Preço no R. G. Sul, Sta. Catarina, Paraná, Distrito Federal, São Paulo, E. Santo e São Horizonte	2,00
Goiás e interior de Amazonas e Territórios	4,00
Outros Estados	3,00
M. Gerais	2,00

### SECURSAM:

SÃO PAULO — Rua dos Estudantes, nº 94, s/ 28, P. and. — Tel. 9-4983.

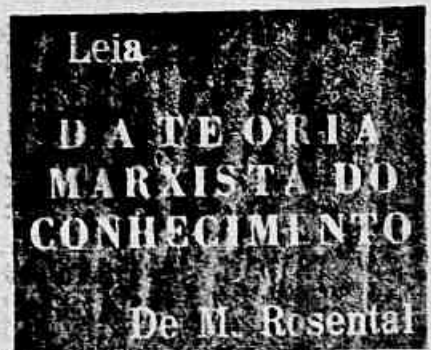
PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, nº 66, s/ 46.

RIO DE JANEIRO — Rua Floriano Peixoto, nº 16 — P. and. — s/ 336.

PORTALEZA — Rua Santos do Rio Branco, nº 1.296 — s/ 22 — Tel. 1-13-05.

SALVADOR — Rua Berto de Castilho, 18 — Edifício Zecurama, s/ 75 (Cafés).

JOÃO PESSOA — Rua Duque de Goiás, 358 — P. and. — Selo 3 e 4.



# AS ELEIÇÕES NA UNIÃO SOVIÉTICA

## O SISTEMA DE CHAPA ÚNICA É DEMOCRÁTICO — ESCOLHA DOS CANDIDATOS EM AMPLAS ASSEMBLÉIAS — O DEPUTADO PRESTA CONTAS AOS ELEITORES

Quando o eleitor soviético entra na cabina eleitoral, enfrenta o nome de um candidato na cédula. Muita gente no Ocidente pensa, por isso, que as eleições não são democráticas, que os votantes só têm o direito de votar contra o candidato, mas não têm o direito de selecioná-lo.

Esta idéia, vastamente difundida pela propaganda imperialista, é uma deformação intencional do caráter das eleições soviéticas. Na realidade, o sistema eleitoral soviético é amplamente democrático, é o mais democrático.

### COMO SE ESCOLHE O CANDIDATO?

Primeiro, é preciso considerar como o "único nome" aparece na cédula eleitoral.

De modo som a lei, os can-

"A lei eleitoral de nosso país estabelece a eleição de um só representante em cada distrito eleitoral. Entretanto, a lei não restringe o direito de indicar vários candidatos". Acrescenta o professor Denisov: "Mas este direito não pode ser trans-

presentes à assembleia eleitoral, propõem um candidato a ser registrado pelo comitê eleitoral do distrito".

Pode-se perguntar ainda: Por que somente um candidato é apontado para o registro? Por que se chega facilmente a um acordo sobre esta indicação, entre os representantes? É por que os eleitores não insistem comumente para que sejam indicados outros candidatos?

A resposta justa a estas perguntas foi dada por Alexandr Gorkin, atual presidente do Supremo Tribunal da URSS:

"Em nossa sociedade não há classes hostis nem partidos hostis, nem monopólios que concorram entre si, nem grupos sociais interessados na inclusão nos órgãos do governo de seus próprios candidatos, que defendam seus interesses exclusivos. Nossos cidadãos e organizações sociais estão interessados justamente no oposto: querem eleger o candidato mais "geral", o homem ou mulher que expresse de modo mais completo e objetivo os interesses de todo o povo".

### TODOS OS CANDIDATOS SÃO MEMBROS DO PARTIDO COMUNISTA?

Um grande número de candidatos são membros do Partido Comunista, o que é muito lógico, porque o Partido inclui em suas fileiras justamente as pessoas que querem servir aos interesses da nação em seu conjunto.

Mas seria um grande erro pensar que os comunistas obrigatoriamente são a maioria, nos Soviotes. Entre 1.536.310 representantes eleitos nas eleições de 1955, aos sovietes locais, mais de

metade — 819.699, ou 53,4% — não eram membros do Partido.

O único critério para ser eleito é a capacidade pessoal, no mais completo sentido da palavra.

### COMO SE CONTROLAM OS ELEITOS?

Onde está a garantia de que os deputados eleitos serão dignos de confiança?

O processo pelo qual eles são escolhidos, e o exame que se faz de suas qualidades durante a campanha eleitoral, são fatores importantes para assegurar que sejam eleitos realmente os melhores candidatos.

Mas existe ainda outro fator, que é particularmente importante.

Os eleitores exercem um verdadeiro controle permanente sobre as atividades de seu representante. Ele é obrigado a prestar-lhes contas periodicamente. Não tem direito de recusar-se a fazê-lo, quando quer que lhe seja exigido.

Se não corresponder à sua missão, pode ter o seu mandato revogado pelos eleitores e novas eleições serão convocadas. É certo que não é fácil encontrar tais casos. A revogação do mandato de um deputado é uma ocorrência muito rara, embora seja relativamente fácil levá-la a efeito.

Já este fato demonstra que na grande maioria dos casos, os deputados eleitos são dignos de confiança.

### QUEM TOMA PARTE NAS ELEIÇÕES?

Quem tem o direito de votar na União Soviética?

O princípio fundamental do sistema eleitoral soviético é o



Na foto, vemos N. A. Bulgânin, presidente do Conselho de Ministros da U.R.S.S., quando votava numa das seções eleitorais da capital soviética, por ocasião das eleições para deputados aos Soviotes Locais, em março passado.

sufraço universal, igual e direto, por voto secreto, a partir dos 16 anos.

Nem a raça, nem o sexo, nacionalidade, religião, grau de educação, domicílio, origem social, posse de propriedades ou atividades passadas — nenhum destes fatores ou outros semelhantes são levados em consideração.

As únicas exceções — em número insignificante — são as pessoas dadas por certificado médico como insanas, ou condenadas pelos tribunais à perda de direitos civis.

Em certas medidas, estes dispositivos de lei eleitoral são semelhantes aos de muitos outros países. Na União Soviética, no-

rém, eles não constituem apenas uma declaração, sendo assegurados por uma série de garantias materiais.

O Estado garante as condições materiais que possibilitam a qualquer cidadão exercer seus direitos eleitorais livremente, sem perda desnecessária de tempo e de dinheiro.

### POR QUE SO HÁ UM PARTIDO?

Resta, por fim, a questão do sistema de "um só partido", que a propaganda burguesa reputa antidemocrático nas condições da URSS. Há mesmo quem indague: "Se não há luta eleitoral, para que se realizam as eleições?"

Por que na URSS há um só partido, o Partido Comunista? Em primeiro lugar, porque na sociedade soviética não há mais classes hostis, e os últimos vestígios delas estão sendo erradicados.

Em segundo lugar, o desenvolvimento histórico da revolução na URSS se deu de tal maneira que todos os partidos políticos, com uma exceção apenas, revelaram-se inimigos da revolução, foram rejeitados e dissolvidos pelo povo.

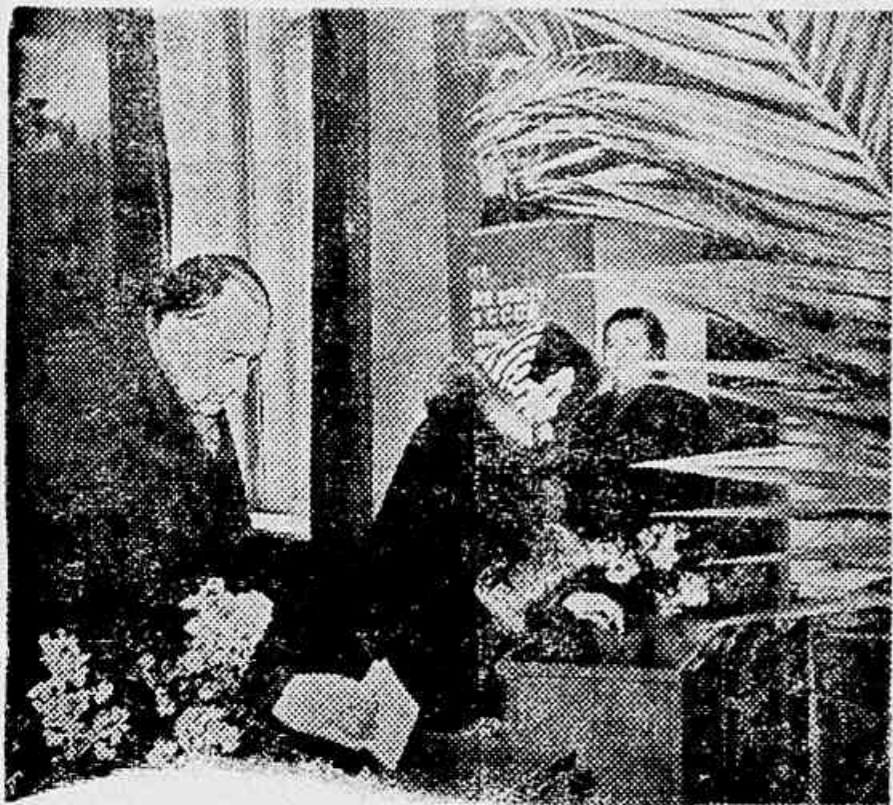
O Partido Comunista, no entanto, conseguiu refletir tão plenamente os interesses da nova sociedade, baseada na união, que nunca mais surgiu a necessidade nem o desejo da existência de outros partidos.

Quanto à necessidade de eleições, mesmo sem uma "luta eleitoral" no velho sentido é necessário realizar eleições democráticas na URSS.

Uma campanha eleitoral soviética não é uma luta encarniçada entre forças hostis, ou entre seus candidatos, buscando dividir os eleitores para atingir seus objetivos próprios.

Ela é uma campanha para unir e mobilizar as massas de povo a fim de que tomem parte ainda mais ativamente no governo do país.

Isto se revela concretamente na campanha, entre outras coisas, pela crítica construtiva às atividades dos deputados que completaram seu mandato, e pela elaboração, nesta base, do programa dos deputados a serem eleitos.



O candidato M. A. Denisov quando votava em uma das seções de registro em Moscou, nas eleições de março último.

andidatos podem ser indicados por qualquer organização pública ou por qualquer organização dos trabalhadores.

formado em um dever! Como regra geral, os representantes autorizados de todos os eleitores

Millhares são indicados por assembleias gerais de trabalhadores nas fábricas ou nas fazendas, nas escolas ou nas fazendas — em outras palavras, por coletividades que conhecem bem o candidato.

Edifícios, jornais, estações de rádio, meios de transporte são postos à disposição de todas as organizações, gratuitamente e de modo equitativo, para que possam realizar a campanha eleitoral dos candidatos. Todas as despesas das eleições são pagas pelo Estado.

Os candidatos são examinados por comissões eleitorais que representam de modo amplo todas as organizações locais — inclusive os sindicatos, as cooperativas e o Partido Comunista.

Quando estas comissões decidem sobre qual dos candidatos é o mais conveniente, são convocadas assembleias eleitorais, nas quais os candidatos relatam aos eleitores suas atividades passadas e seu programa futuro.

Estas assembleias podem rejeitar o candidato proposto e indicar outro em seu lugar. Somente depois de tudo isto, o nome do candidato é "registrado" para a inclusão na cédula eleitoral.

Além, do ponto de vista legal, pode ser indicado mais de um candidato e incluído mais de um nome na cédula eleitoral. É o que diz o professor André Denisov, presidente jurídico co-



Operários da indústria automobilística escolhem, com seu voto, os futuros deputados na União Soviética, na região de Moscou.